



ECONOMIA AQUECIDA

PB ocupa a terceira posição no país como produtor de calçados

Estado tem 16,1% de participação da produção nacional e fabricou 136 milhões de pares em 2022. *Página 17*



Foto: Douglas Rocha/Divulgação

Caminhos do Frio chega a Serraria, a cidade dos engenhos

Programação do projeto começa amanhã e prossegue até o dia 6 de agosto; município do Brejo é famoso por seus históricos engenhos, como o Baixa Verde (na foto). *Página 8*

Estado espera aumento de 10% na arrecadação com ajuste fiscal

A expectativa positiva está relacionada à projeção de alta nos investimentos próprios do Estado.

Página 13

Botafogo joga por uma vitória para avançar no Brasileirão

O Belo enfrenta o Manaus, hoje, no Estádio Almeidão, em busca da terceira vitória seguida.

Página 21

Foto: Instagram

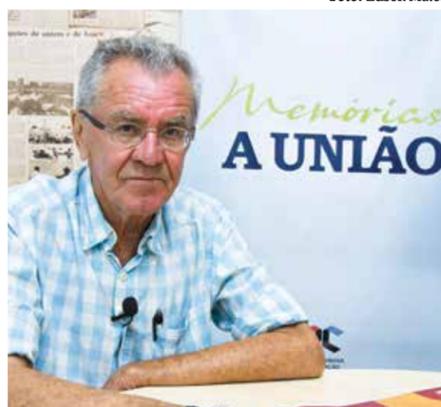


Imagineland termina hoje com ícones das HQs

Último dia do evento terá a lenda Frank Miller (foto) e o criador da Turma da Mônica, Maurício de Sousa.

Páginas 3 e 12

Foto: Edson Matos



Memórias

José Euflávio e o talento para contar boas histórias

Jornalista pautou a vida profissional produzindo reportagens sobre dramas como o flagelo da seca e denúncias de injustiças.

Páginas 14 e 15

Cargas irregulares nas estradas na mira dos órgãos de fiscalização

Fisco Estadual, Polícia Rodoviária Federal e Polícia Civil apertam o cerco aos produtos irregulares. Só neste ano foram apreendidos mais de 600 mil maços de cigarros. Cargas de bebidas e confeções chegam a valer R\$ 500 mil.

Página 7



Foto: PRF/Divulgação

■ “Não é sem motivo que o Parque Solon de Lucena seja o cartão postal de João Pessoa, assim escolhido pela surpresa manifesta dos seus visitantes”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Melhor ainda, nos livros sobre livros, além de tê-los à palma da mão, é descobri-los, adquiri-los, lê-los e amá-los numa única operação”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

Cachoeiras são fontes de beleza e renovação

As quedas d'água do Litoral ao Sertão têm, além da beleza, uma importante função socioambiental.

Página 20

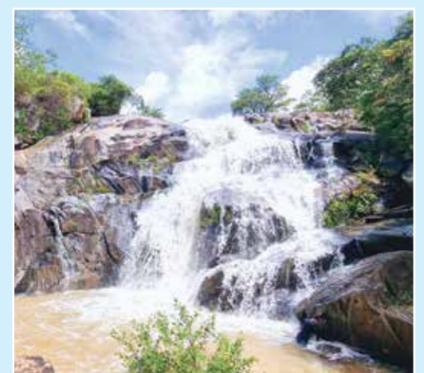


Foto: Fagner Geminiano/Divulgação

Editorial

Justiça social e climática

O mundo contemporâneo parece condenado a “conviver” com pelo menos duas modalidades de guerras: as tradicionais, representadas pelos conflitos armados entre países ou grupos étnicos, religiosos, ideológicos etc., e as categorias mais recentes, como por exemplo, as configuradas pelos incêndios, secas, tempestades e inundações, também chamados de extremos climáticos, provocados pelo aquecimento do planeta.

No primeiro gênero, a luta se dá entre exércitos, formados por homens e mulheres, armados com o que há de mais moderno na indústria bélica. Na segunda classe, o embate efetua-se entre a humanidade e a natureza. O meio ambiente reage com violência às diversas formas de agressão. Ondas de calor atormentam populações, e combustões devastam extensas áreas florestais em países dos dois hemisférios.

Imagens aéreas de vários países, divulgadas pelos meios de comunicação, impacaram a civilização. Quilômetros e quilômetros de terras arrasadas pelo fogo. Centenas de pessoas refrescando-se como podem, importunadas pelo calor - algumas, infelizmente, não resistiram à retaliação solar. Os vendavais também fazem estragos, derrubando árvores, congestionando o tráfego, inutilizando redes elétricas.

Este julho deve entrar para a história como o mês mais quente já registrado, ou então como marco inicial de um período assinalado pela inclemência de Hélios, o deus-sol da mitologia grega. “A era do aquecimento global acabou. A era da ebulição global chegou”. Não é uma profecia, mas uma constatação, embasada em estudos criteriosos, feita pelo secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres.

A tendência é piorar. Os esforços da ciência e de algum governo, no sentido de diminuir ou, preferencialmente, eliminar as diversas formas de agressão sofridas pelo meio ambiente, particularmente com a emissão de gases poluentes, são incipientes, se comparados à atividade humana, em termos gerais. Só para lembrar o famoso poema de Carlos Drummond de Andrade, como parar “a máquina do mundo”?

O desenvolvimento econômico não pode progredir desassociado do ideal de reparar as desigualdades sociais e deprimir a arremetida capitalista contra a natureza. Justiça social e justiça climática, eis o binômio que deveria canalizar a atenção mundial, nestes dias conturbados. As 20 maiores economias do mundo, incluindo o Brasil, expõem 80% dos gases do efeito estufa. De tal grupo deveria vir o exemplar maior para o mundo.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

A produção cultural brasileira no exílio

Houve um tempo no Brasil, não tão distante, que muitos compatriotas experimentaram as amarguras do exílio, a desagradável sensação de estar fora de casa. A perseguição política provocou a maior diáspora da história nacional. Alguns de forma voluntária, outros por punição, expulsos do país por se posicionarem contra o regime ditatorial instalado pelo golpe de 1964. As estimativas sobre exilados durante a ditadura militar variam entre 5 mil e 10 mil. Mas todos, sem exceção, ainda que vivendo uma situação de sofrimento, jamais abandonaram o pensamento crítico independente. Na distância da terra natal que os fazia sentirem-se estrangeiros, a todo instante, exaltavam a memória da pátria. Alguns dos desterrados jamais retornaram.

A escritora Lya Luft, em quatro dos seus romances, define que existe duas maneiras de compreender o “exílio”: o exílio como punição política contemporânea, ligada diretamente ao nacionalismo e às guerras e desavenças por ele provocadas, e o exílio como um estado subjetivo do ser, um estado espiritual de solidão, de incompreensão num meio estranho, de isolamento e deslocamento”. A dor da separação parece inspirar manifestações nostálgicas e românticas, provocadas por motivações controversas, a despeito da raiva, vergonha e humilhação a que o exilado esteja sendo submetido. O passado evocando muitas lembranças e produzindo a cultura do exílio, revelando autores, artistas e pensadores que registraram experiências vividas no degredo. Intelectuais exilados que colocaram nas páginas literárias e obras culturais, emoções, sonhos, desilusões, memórias e reminiscências do seu país.

O mais famoso poema de Gonçalves Dias, “Canção do Exílio”, escrito em julho de 1843, quando estava estudando Direito na Universidade de Coimbra, em Portugal, trata do tema. Com saudades de seu país, sentia-se exilado. Na última estrofe, o poeta expressa o seu desejo de regressar: “Não permita Deus que eu morra, Sem que eu volte para lá;”. Publicado na sua obra literária “Primeiros Cantos”, em 1857, na primeira fase do Romantismo Brasileiro.

Grande parte das poesias de Ferreira Gullar foi escrita durante seu exílio no Chile, Peru e na Argentina, onde ficou até 1977. Nelas denunciava a incivil realidade social e política brasileira da época, assumindo o compromisso moral de lutar contra as injustiças sociais e a opressão. Tentando explicar a mensagem contida no “Poema Sujo”, ele assim se expressou: “Na verdade, o poema não é político, mas um

resgate do eu que havia vivido até então. É claro que tem a minha infância, tem São Luís... O poema vai resgatar toda a minha experiência de vida, na medida do possível, mas ele é na realidade reflexão sobre aquelas coisas. Ele não é simplesmente ‘ai que saudade que eu tenho da aurora da minha vida’... É uma reinvenção da própria vida. Uma coisa é você ter vivido, e outra coisa é você refletir sobre o que você viveu”.

No cenário musical e artístico brasileiro nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Cacá Diegues, Taiguara, Nara Leão e Augusto Boal se exilaram para escapar da perseguição do regime militar. Esses artistas exilados, paradoxalmente, se reinventaram e conquistaram prestígio internacional, como se vivessem um renascimento artístico no exterior. Souberam aproveitar a oportunidade, ainda que indesejada, do recomeço e da transformação. Apesar dos naturais traumatismos, o exílio foi, concomitantemente, um fator preponderante de enriquecimento cultural. Uma carga emotiva que inspirou a literatura do exílio. Expatriados, buscaram reproduzir nas suas obras musicais e artísticas, o país natal, paisagem, povo, comida, ritmos, a brasilidade pulsante em suas veias. E assim reconstruíam seus vínculos com a terra natal, sem estarem presos ao controle ideológico do sistema.

A música se transformou em um símbolo de resistência para os exilados. As canções escritas por brasileiros no exílio incentivavam as pessoas a reagirem contra à repressão.

“

Grande parte das poesias de Ferreira Gullar foi escrita durante seu exílio no Chile, Peru e na Argentina, onde ficou até 1977

Rui Leitão

Foto Legenda

Marcos Russo



Convite à História

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Um gesto

O sol mal nascera e a calçada do laboratório já compacta, sem uma frincha onde imprimir o carro. Isso em frente à Lagoa, onde parar é impossível. Saí rodeando e acostei à primeira sombra da calçada que dobra e segue em direção ao Cassino.

“Não será um mau negócio ir por dentro, pisando na grama, repassando, mesmo com passos de velho, anos e anos de andares e atenções quase sempre pressurosos, que não davam chance a reparar nas árvores, no verdadeiro sentido do parque”.

Agora sinto-me entregue inteiramente à sua contemplação, mesmo com o bloqueio acintoso dos carroséis, rodas-gigantes e barracos justificados pela Festa. E o faço sem nenhum inconveniente. Sem a pressão da hora para alcançar o almoço do antigo pensionato. Sem qualquer cuidado com a grama ou a quebra de ramos e galhos que resultariam da grande concentração camponesa desembarcada na estação, saindo rua acima para converter um dos mais belos parques do mundo num grito de anfitrião pela Reforma Agrária. Isso foi em 1962, a reforma vindo de cima para baixo ao encontro da revolução social.”

Saio por dentro, devagar, pisando na grama. Descubro que a Prefeitura está fazendo corpo mole em deixar que armem barracas em forma de toldos contrariando a visão desobstruída e ampla da intervenção anterior.

Mas o teto alto do oitzeiro, do pau d’arco, da gameleira, de um gigante com folhas largas rajadas de vermelho que não sei se castanholas ou muda do Amazonas me eximem do pensar pequeno.

Não é sem motivo que o Parque Solon de Lucena seja o cartão postal de João Pessoa assim escolhido pela surpresa manifesta dos seus visitantes.

Onde parei, agora, fui obrigado a fazer o mesmo por ordem de Moacyr Werneck de Castro, que nos visitava. Não precisa dizer ao leitor quem era esse jornalista das mesmas redações e ideias (ele mais aberto) do autor de Memórias do Cárcere, Graciliano Ramos.

Alceu Amoroso Lima, como tenho lembrado repetidamente, comparou nosso parque aos mais ilustres do mundo. Ao belo ele

“

Não é sem motivo que o Parque Solon de Lucena seja o cartão postal de João Pessoa assim escolhido pela surpresa manifesta dos seus visitantes

Gonzaga Rodrigues

acrescentou o ilustre por ser distinto. Avista-se de uma vez, não por ser pequeno, mas por ser harmônico. Mesmo assim, tem suas fases de desprestígio, para não dizer desrespeito. Com a última reforma voltou ao desfrute popular, não só como parada de ônibus mas como espaço de lazer, de piqueniques dominicais e de contemplação.

No bosque de pau-brasil, de onde não sinto a menor pressa em deixar, plantado há quarenta anos na reforma de Hermano Almeida, dou com a vista num pequeno suporte com placa de metal de bordas já bem estragadas, que me obrigou a voltar ao carro, pegar o lápis, e copiar o que lá encontrei: “A Prefeitura de João Pessoa, em nome do povo da cidade e em respeito à história, outorga esta homenagem ao ex-prefeito Hermano Augusto de Almeida. / A sua gestão ética, preocupada com o meio ambiente, o planejamento e a valorização do bem público, o destaca entre todos que conquistaram o direito de ser prefeito desta Capital. / Em 2 de janeiro de 2006 / Ricardo Coutinho”.

Parece exagero, mas um gesto, às vezes, vale mais que um viaduto.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelha
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

CULTURA POP

Artesanato paraibano em destaque no Imagineland

Artistas apresentam seus trabalhos no Centro de Convenções

Carol Cassoli
 carol.cassoli@gmail.com

O Centro de Convenções de João Pessoa está diferente neste fim de semana. É que, como sede do maior evento de cultura pop, conteúdo e criadores do Nordeste, além de ter todo seu espaço aproveitado, o local está recebendo artistas nacionais e internacionais, bem como visitantes de todo o país. E, no meio das diversas atrações que acontecem nos mais de 45 mil metros quadrados (m²) do Centro de Convenções, há um cantinho que se destaca por ter “a cara” da Paraíba mais do que qualquer outro estande: o Beco do Artesanato.

Nesta primeira edição do evento, que começou, ontem, e se encerra hoje, o Governo da Paraíba já marcou presença. Com área equivalente a 125 m², o Beco do Artesanato (nome escolhido para gerar identificação com outras regiões do evento, separado em vários becos, como o Beco dos Artistas) reúne as produções de 18 artesãos paraibanos de diferentes estilos.



Foto: Evandro Pereira



Foto: Carol Cassoli

Marielza Rodriguez diz que existe um compromisso do Governo com a divulgação do artesanato e estratégia de desenvolvimento, preservação cultural e geração de renda

Segundo o responsável pela organização do estande, Fábio Moraes, na seleção de artistas que estão expondo nesta edição do evento, houve uma mescla de tipologias para contemplar ao máximo a variedade que o artesanato paraibano apresenta. Por isso, é possível encontrar trabalhos em madeira, macramê, crochê, papiagem (técnica derivada da arte em papel machê, porém

mais simples), escamas e conchas, couro e bordados.

Fábio, que é diretor do Museu do Artesanato Paraibano Janete Costa, conta que a criação do Beco surgiu de uma articulação entre a Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico (Setde) e a organização do Imagineland. A ideia, segundo ele, era apresentar à organização do evento o artesanato paraibano.

“Durante uma visita ao Museu do Artesanato Paraibano Janete Costa os organizadores tiveram contato com o legítimo artesanato paraibano e o museu ficou com a missão de convidar e selecionar os artesãos para participar deste momento pioneiro, onde a cultura pop/geek se encontra com o artesanato, com a arte popular”, explica o diretor do museu, Fábio Moraes.

“Nossas raízes genuínas, identidade e riqueza”

Para a gestora do Programa do Artesanato Paraibano (PAP), Marielza Rodriguez, a criação do Beco do Artesanato é uma ação que reforça o compromisso do Governo do Estado com a divulgação do artesanato local como estratégia de desenvolvimento, preservação cultural e geração de renda.

“O artesanato representa nossas raízes genuínas, nossa identidade e essa riqueza

imensurável pode fazer parceria com qualquer tipo de público, em qualquer evento, sobre qualquer tema. Por isso, o grupo de artesãos que está participando do Imagineland foi estimulado a inovar e pensar fora da caixa”, comenta Marielza ao afirmar que tudo foi pensado para a criação de produtos inovadores e muitas surpresas no Beco. A gestora do PAP conta, ainda, que quem visita o Beco do Arte-

sanato encontra até mesmo a Turma da Mônica, destaque do evento, esculpida em madeira com traços e características diferentes, uma assinatura do artesão da Paraíba.

Devido ao caráter inovador do evento e também da iniciativa do Governo, o Imagineland gerou grandes expectativas em Fábio Moraes. “Como evento pioneiro, nossa expectativa é que seja um grande encontro da tradição

do artesanato com a contemporaneidade da cultura pop, a descoberta das similaridades nestes dois universos, onde um possa apresentar ao outro o que tem de melhor”, afirma Fábio, que entende o Imagineland como uma oportunidade de apresentar aos artesãos uma nova possibilidade de público, bem como aos fãs do universo pop a identidade e o pertencimento do artesanato local”.

Evento tem incentivo do Governo do Estado

Com o incentivo do Governo do Estado, esta edição do Imagineland foi pensada para oferecer ao público 50 horas de programação. Ao todo, o evento trouxe à Paraíba mais de cem atrações, dentre elas o Imagine The Future, um evento à parte, com mais de 20 palestrantes, empresários, investidores e outros profissionais do universo dos negócios e da ino-

vação. A proposta foi criar, dentro do evento de entretenimento, um espaço para troca de conhecimento e discussão.

A secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico do estado, Rosália Lucas, também integrou os palestrantes do Imagine The Future e foi a primeira a se apresentar ao público, na sexta-feira (28). Para ela, o

Imagineland é o mais impactante evento já realizado na história do Centro de Convenções.

“A articulação do governador João Azevêdo foi de fundamental importância para trazer vários talentos como é o caso de Mauricio de Sousa, que encontra o público. O Imagineland atrai um público novo e dá visibilidade nacional e internacional para o

estado, com impacto direto na economia; movimentando hotéis, restaurantes e outros serviços. Esse público de palestrantes e turistas está vindo em busca de um conteúdo diferenciado e pode conhecer a rica gastronomia e os encantos das praias do litoral paraibano”, avalia.

Leia mais na página 9



Artesãos paraibanos buscaram criar bonecos inspirados na temática geek/pop para atrair o público-alvo do Imagineland



Fotos: Carol Cassoli

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

NA CPMI DO 'GOLPE': MÊS DE AGOSTO PODERÁ SER DE MAU AGOURO PARA INVESTIGADOS



Foto: Agência Brasil

Não há uma razão lógica para que as pessoas considerem agosto como ‘o mês do desgosto’. A ideia de que neste mês coisas ruins e de mau agouro ocorrem é, portanto, pura superstição. Talvez, alguns acontecimentos ocorridos em agosto tenham potencializado essa crença, entre os quais o ataque a Hiroshima com a bomba atômica e, no Brasil, o suicídio de Getúlio Vargas e a renúncia de Jânio Quadros. Voltando à nossa realidade atual, nos reportemos ao que poderá ocorrer a muita gente investigada pela CPMI do 8 de Janeiro, que apura a tentativa de golpe no país, no início do ano. A relatora do colegiado, senadora Eliziane Gama (PSD-MA), declarou que na próxima semana, quando agosto se inicia, haverá “dias absolutamente intensos” na CPMI – a próxima reunião será já no primeiro dia do mês de agosto. “No período de recesso, recebemos um volume muito grande de documentos sigilosos, que vão respaldar tanto as oitivas quanto a apresentação de requerimentos para novas quebras de sigilo. Nas próximas semanas, teremos reconvoções e acareações, de forma que possamos chegar aos autores intelectuais e aos financiados do 8 de Janeiro, um ato terrível contra a democracia brasileira”, disse.

QUEM SERÁ RECONVOCADO?

A senadora Eliziane Gama não citou quais as testemunhas ou investigados que serão reconvocados ou submetidos a acareação, em agosto. Mas é possível antever quem poderá ser submetido a nova oitiva pelos nomes já ouvidos pela comissão: Mauro Cid, ex-ajudante-de-ordens de Bolsonaro; Silvinei Vasques, ex-diretor-geral da Polícia Rodoviária Federal; e o coronel do Exército, Jean Lawand Junior.

“MUITA COISA VIRÁ À TONA”

Uma postagem nas redes sociais do deputado federal Rogério Correia (PT-MG) potencializou as expectativas de quem aguarda a retomada das reuniões da CPMI de 8 de Janeiro. Ele escreveu que “além dos financiadores da tentativa de golpe, muitas ‘lavanderias’ serão reveladas. Muita coisa virá à tona”.

DUAS NARRATIVAS

Na guerra de narrativas dentro do PL da Paraíba, o autodenominado triunvirato – Nilvan Ferreira, Cabo Gilberto e Wallber Virgulino – diz que o ex-ministro da Saúde, não é o candidato indicado por Bolsonaro para disputar a Prefeitura de João Pessoa, na eleição de 2024. Enquanto isso, a direção estadual, representada pelo deputado Wellington Roberto, reafirma o contrário. E mostra evidência nesse sentido.

“ESCOLHIDO POR BOLSONARO”

O deputado Caio Roberto, filho de Wellington Roberto, foi escalado para rebater as declarações do triunvirato. “Parece que as coisas só funcionam quando é conveniente para eles. Porque ele [Marcelo Queiroga] foi escolhido pelo próprio presidente Bolsonaro [e por Valdemar da Costa Neto], e não pelo deputado Wellington Roberto”.

ALPB: SESSÕES RETORNAM NA 3ª

Os trabalhos presenciais na ALPB retornam na próxima terça-feira, confirma o presidente do Legislativo estadual, deputado Adriano Galdino (Republicanos). “Os deputados estão retornando de forma bem energizada. Temos muitos pleitos para serem encaminhados para os Poderes, principalmente para o Poder Executivo”, afirmou.

PROCURADOR-GERAL DE JUSTIÇA: ELEIÇÃO DEFINIRÁ LISTA TRÍPLICE

A formação da lista tríplice para procurador-geral de Justiça da Paraíba, no biênio 2023/2025 começará a ser definida amanhã. Disputam a eleição os procuradores Victor Manoel Magalhães Granadeiro, Antônio Hortêncio Rocha Neto e João Geraldo Carneiro Barbosa. A eleição ocorrerá de modo on-line, no endereço mppb.mp.br. Após a definição do resultado, a lista tríplice será enviada ao governador João Azevêdo (PSB), a quem caberá a escolha e nomeação para o cargo.

Iara Nárdia Germano

Terapeuta sexual

“As mulheres ainda não sabem lidar com o poder que possuem”



Na véspera do Dia do Orgasmo, a terapeuta Iara Nárdia orienta que se busque o autoconhecimento e ajuda profissional

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Terapeuta sexual, conselheira de relacionamentos, professora de pompoarismo e tantrismo, Iara Nárdia Germano convida mulheres a trabalhar a autoestima, conhecer o próprio corpo e deixar de lado o personagem que criaram para sobreviverem na sociedade. Autora do livro “Da Submissão à Autonomia”, publicado em parceria com a escritora e especialista em Educação Sexual, Alda Marina Nunes, a obra reúne conselhos sobre família, amor, sexo e felicidade sempre voltados para o contexto feminino.

Em entrevista ao Jornal A União, Iara Nárdia Germano, na edição que antecede o Dia do Orgasmo (celebrado em 31 de julho) fala um pouco sobre os preconceitos e tabus, desmitifica preconceitos em relação ao sexo na terceira idade, e aponta o autoconhecimento como principal ferramenta para uma vida sexual saudável, ativa e plena.

Entrevista

■ *Estamos no século 21 e o prazer sexual feminino ainda é um assunto tabu, embora o tema tenha ganhado um certo destaque na mídia. A partir das suas pesquisas, estudos e própria experiência, por que a sociedade ainda trata o assunto com tanta ressalva?*

Infelizmente ainda existe muito machismo. Mas deixando esse ponto um pouco para depois, eu sempre falo para as minhas pacientes em consultório ou mesmo nas palestras, é que para acabar com esse preconceito, elas precisam lutar não só contra a sociedade, mas com elas mesmas. Porque quando se tem informação, não precisa ter validação da sociedade. As pessoas se acomodam. O que nós mulheres temos que fazer? Trazer para dentro delas a questão: as mulheres ainda têm preconceito com o próprio corpo, e no momento que elas entendem que devem esquecer um pouquinho as pessoas e olhar para elas mesmas, e na frente do espelho, devem começar a se expressar da melhor forma.

Sempre falo que a maldade está no coração e na cabeça das pessoas, e se as pessoas têm maldade, preconceito, machismo, vamos deixá-las em silêncio, essa é a melhor resposta.

Sendo bem prática: quando uma mulher vai tomar um banho, e toma de qualquer jeito, sem se tocar, nem ela mesma vai conseguir se olhar. É importante que ela descubra o que há de bom no próprio corpo. A partir do momento que se descobre, tudo aquilo que é positivo (e negativo) ela fica mais feliz. Em resumo, se a mulher lutou por tantas coisas, por que não luta por ela mesma para sentir prazer?

■ *Ainda dentro da sua experiência, até que ponto a forma como as meninas são ensinadas e educadas é responsável pela falta de prazer sexual?*

Faço uma pergunta: quem somos nós, pecadores humanos, que queremos imitar Deus? É tanta culpa que se coloca (na masturbação,



Foto: Divulgação

“

Se a mulher lutou por tantas coisas, por que não luta por ela mesma para sentir prazer?

Iara Nárdia Germano

por exemplo); se você fizer sexo antes do casamento será condenada. Eu acredito que podemos fazer o que sentimos no nosso coração sem a culpa, sem a fala de um padre ou de um pastor.

Não gosto de falar da minha vida pessoal, mas vou citar meu exemplo. Sou católica, meu noivo é evangélico, e num acordo mútuo, com Deus e com nós dois, vamos casar sem ter relação sexual. Mas não porque é pecado, mas porque decidimos por isso, sem culpa e com paz no amor. Não tem religião, foi uma decisão nossa. Eu já

tive a experiência de ser casada, já tive namorados, já vivi o mundo da paixão. Mas, quando ficamos mais velhas, adquirimos equilíbrio e sabedoria, e esse tempo é muito caro. Hoje entendo que o amor é completamente diferente da paixão, ele passa paz.

Concluindo, você pode ter sua religião, mas entenda que você é um ser humano e pode cair em tentações, porém, se consegue pensar em Deus e em você, sem incluir toda a sociedade, você fica suave, mais tranquila, e vive todos os prazeres da sua vida.

■ *No livro “Da Submissão à Autonomia”, a senhora fala em reconhecer o próprio corpo e os próprios sentimentos. De que forma esse autoconhecimento está atrelado ao prazer sexual?*

O conhecimento do próprio corpo está atrelado ao prazer sexual, mental e intelectual, você consegue o todo. O sexo é uma coisa maravilhosa e eu ainda não entendo porque as pessoas atrelam o sexo a tanta maldade. Mas voltando ao ponto, costume dizer que a mulher é um fogão a lenha e o homem é um fogão a gás, porque o tempo de excitação da mulher é completamente diferente ao do homem. Normalmente, uma mulher leva 20 minutos para se excitar, então, se o homem se dedicar nessas preliminares, sua parceira vai sentir prazer, e esse é o grande segredo para fazer uma mulher chegar ao orgasmo: se dedicar às preliminares. E só o autoconhecimento, sobre o que gosta ou o que não gosta, vai dar as ferramentas para que o homem possa realizar essas preliminares de uma forma que satisfaça o casal. As mulheres conquistaram muitas coisas, mas ainda não sabem lidar com o poder que possuem.

■ *Segundo um levantamento da Abeme (Associação Brasileira de Empresas do Mercado Erótico), mais de um milhão de vibradores foram vendidos em todo o Brasil no primeiro semestre de 2020 (primeiro ano da pandemia da Covid-19), fazendo o país ser campeão mundial na venda desses produtos. Aquele contexto era bem específico, mas o fato é que os vibradores e acessórios sexuais ganharam o mercado. Como a senhora avalia esse fenômeno?*

Eu avalio como 100% positivo. O vibrador clitoriano é muito bom, só não pode usar muito para não se viciar, porque quando se usa demais, o corpo vai ficar condicionado àquilo. Mas eu acho muito bom que a mulher busque meios de se proporcionar prazer, seja um vibrador ou um óleo. Entendo que na época da Covid-19, buscar prazer individual era uma solução, mas eu indico para as minhas pacientes que busquem acessórios que possam ser usados com seus parceiros para que tenham a

oportunidade de ter um orgasmo clitoriano e peniano durante a relação sexual. Olha que maravilha!

Uma coisa a se pontuar é que muitos homens não gostam que suas parceiras usem vibradores e lá vamos nós falar novamente do machismo. Mas, eu sempre falo que o diálogo é fundamental, e a mulher tem o poder de conseguir tudo o que ela quer, ela consegue guiar. “Olha amor, esse acessório não vai fazer o que você faz, mas isso aqui vai ser bom para nós dois”.

■ *Falar sobre sexo e sexualidade já é, por si só, um tema sensível. Mas, o sexo na terceira idade, ganha ainda mais camadas de tabus. É possível ter uma vida sexual ativa e saudável após os 60 anos?*

Na minha época, uma mulher de 40 anos já estava “para morrer” e embora tenham pessoas que ainda pensem dessa forma, hoje as mulheres de 40 estão no auge da vida. A dica que eu dou, tanto para mulheres quanto para os homens, é ter muito diálogo e ter a capacidade de dar continuidade à vida sexual que tinha aos 30 anos. O casal com mais idade que eu atendo no consultório (ela está na faixa dos 70 e ele nos 80 anos), e me procuraram porque, principalmente ele (uma vez que o homem tem mais dificuldade nessa faixa etária) queriam reativar o desejo sexual. A primeira coisa que indiquei foi que procurassem um médico para fazer a medição nos níveis de hormônio, e isso é importantíssimo não só na terceira idade. Se não há problemas de hormônio, então, a falta de desejo é psicológica.

Mas o essencial é o diálogo: o casal precisa conversar sobre o assunto, falar olho no olho e dizer que sim, que sente desejo, que sente vontade e que ele pode buscar uma harmonia e a volta da libido, independentemente da idade. Volto a falar em autoaceitação: é entender que a velhice chegou sim, mas você não está morta. Acredite que o sexo pode ser muito bom, a vida continua!

■ *Segundo o estudo de Transtornos Sexuais Dolorosos Femininos do ProSex realizado pela USP, 55% das mulheres brasileiras não atingem o orgasmo durante a relação sexual. Onde está o problema? É possível reverter a insatisfação sexual? Qual o caminho?*

Esse número cabe com a estatística de atendimento no meu consultório e fico triste quando escuto que uma mulher nunca atingiu um orgasmo na vida. Isso tudo cai no início dessa entrevista. Um dos grandes problemas da nossa sociedade e que as pessoas deveriam entender é que não adianta colocar o peso do orgasmo em cima só da mulher, ou só do homem. O homem não é obrigado a fazer uma mulher gozar, mas ele precisa sim, fazer preliminares para estimular

sua parceira, mas, a mulher precisa entender que, independente da performance do homem, ela tem que estudar e conhecer cada cantinho do seu corpo. Não pode ficar esperando que o parceiro descubra e adivinhe. Precisa se olhar no espelho, olhar seu corpo, seu órgão sexual. Algumas mulheres não sabem nem onde fica o próprio clitóris.

Aqui repito a necessidade de fazer um exame para medir o nível de hormônios: endorfina (substância natural, produzida pela glândula hipófise, presente no nosso cérebro. Sua principal função é inibir a irritação e o estresse, contribuindo para a sensação de satisfação, bem-estar e de felicidade) e dopamina (hormônio neurotransmissor produzido principalmente pelo cérebro e que atua transmitindo informações criadas pelo sistema nervoso. Esse mensageiro do nosso corpo, quando liberado, produz principalmente a sensação de bem-estar).

Olhe seu corpo, passe a mão no seu corpo com carinho. As mulheres precisam de informação, precisam entender como isso é importante. Se ela não olha nem toca com carinho, como pode exigir isso de um homem? Se eu te dou uma caneta para que você escreva sua própria história, você pode fazer isso ou entregar a caneta para que um homem a escreva. É o que as mulheres estão fazendo, colocando a caneta da vida delas na mão dos outros.

O conselho para que cheguem ao orgasmo é um só: você com você mesma, tirar do outro essa responsabilidade. Parem de se sabotar, de alimentar os preconceitos sociais, mas sem se desrespeitar. Seu maior inimigo pode ser você mesma.

■ *Dia 31 de julho é celebrado o Dia do Orgasmo. De tudo o que foi dito, qual, ou quais as principais dicas para celebrar esse dia com maior satisfação?*

O orgasmo é uma consequência do prazer e causa efeitos no nosso corpo. O coração começa a bater mais rápido, o rosto fica mais quente, algumas mulheres até choram. Já falei que nosso orgasmo não pode depender de um parceiro. Mas vamos supor que você já se conhece, já descobriu todos os seus pontos negativos e positivos, já sabe o que gosta e o que não gosta, mas está com um parceiro que não é muito bom nas preliminares, aí realmente temos uma questão. É quando entra o diálogo. O orgasmo é felicidade, o sexo é felicidade, não é uma coisa ruim ou vulgar. A dica é respeitar seu corpo e suas vontades, conversar muito e, especialmente, entender que esse poder tem que partir de nós.

O corpo realmente deseja sentir prazer e esse depende muito de sua disposição, do quanto é capaz de se entregar.

RESSOCIALIZAÇÃO

Oportunidade para recomeçar

Projetos da Seap garantem cumprimento da pena de reclusão com dignidade, direitos assegurados e reinserção social

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

Garantir o cumprimento da pena de reclusão com dignidade, direitos assegurados e uma reinserção social eficaz são os principais motivos para a Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (Seap) investir na execução de projetos de ressocialização nas unidades prisionais da Paraíba. Incentivo à educação e geração de emprego e renda norteiam o trabalho desenvolvido com os reeducandos.

Mulheres e homens que chegam às unidades penais sem perspectiva veem nos projetos de ressocialização a oportunidade de ter uma profissão e vencer o preconceito que ainda existe contra quem deixa a prisão. Entre os projetos de maior resultado está o “Castelo de Bonecas”, desenvolvido com apenas duas Penitenciárias de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão, em João Pessoa. O projeto completou 11 anos na última quinta-feira (27). Nenhuma detenta que participou voltou a praticar crimes.

Em comum, as integrantes do projeto têm o objetivo de continuar o trabalho ao deixar a prisão. A maior parte delas cumpre pena por tráfico ou associação para o tráfico. Marina Oliveira diz com orgulho que é artesã de verdade e remunerada com a carteira nacional de artesanato. Para ela, além de possibilitar a remissão da pena e auxílio financeiro à família, o “Castelo de Bonecas” traz dignidade.

Com a promessa de ganhar uma máquina de costura da mãe, Marina já traçou os planos para quando for colocada em liberdade. Ela pretende continuar produzindo bonecas e fazer faculdade. “A meta é trabalhar e recomeçar tudo de novo, de onde eu me perdi, de onde eu parei. De cabeça erguida, voltando para a sociedade e acreditando realmente que vou conseguir concluir todos os meus objetivos”, afirmou Marina, autora do livro “Catarse Literária”, publicado pela editora A União e escrito dentro do presídio.

A diretora do presídio, Cinthya Almeida, destacou que a maioria das mulheres chega a Júlia Maranhão sem ter habilidade manual ou profissão. Para ela, a maior gratificação é verificar a evolução diária das mulheres e os laços que voltam a tecer com família. “A medida que elas vão mudando o pensamento, as atitudes e se envolvendo nos trabalhos, as famílias vão passando a acreditar nelas. Hoje praticamente todas recebem visitas. Elas são capazes, são competen-

tes. São capazes com qualquer outra arte”, disse a diretora.

Às quartas e sextas-feiras o silêncio na maior unidade prisional da Paraíba é quebrado pelo canto dos reeducandos que integram o coral “Vozes para Liberdade”, da penitenciária Desembargador Sílvio Porto, onde estão reclusos 2012 apenados. Sob a batuta do maestro Sérgio Gerarde, nos momentos que estão em aula os apenados experimentam a sensação de bem-estar e liberdade proporcionada pela música. Trinta reeducandos participam do projeto que oferece também aulas de violão, baixo, contrabaixo e teclado. Um deles é Alexandre Vieira, que cumpre pena na unidade prisional desde o ano de 2016.

“É muito importante para ter uma atividade aqui dentro. Aprender as notas musicais, a ouvir melhor a música, conhecer as técnicas. É uma atividade que nos tira das celas e dá a oportunidade de aprender. Também aprendi a tocar violão e quando sair daqui eu vou louvar a Deus nas igrejas ao lado da minha esposa”, disse.

Plano estadual

A Paraíba possui um plano estadual em atenção à política nacional de trabalho e renda no sistema prisional. O plano começou a ser desenvolvido no início de janeiro, no entanto, algumas ações já eram executadas, causando impacto positivo na vida da população privada de liberdade.

Atualmente o projeto que mais emprega no sistema prisional é a fabricação de bolas, que acontece em algumas unidades prisionais. Entre os projetos estão ainda a instalação de uma fábrica de corte e costura dentro de uma penitenciária de segurança máxima, a replicação do ateliê Castelo de Bonecas para a unidade feminina de Campina Grande, criação de uma fábrica de vassouras, criação de ateliês nas unidades femininas de Patos e Cajazeiras, uma fábrica de produção de artefatos de concreto na penitenciária do Serrotão, em Campina Grande, além do fortalecimento do projeto de panificação.

Em razão dos projetos de ressocialização desenvolvidos, a Paraíba foi premiada no ano passado com o Resgata, Selo Nacional de Responsabilidade Social pelo Trabalho no Sistema Prisional, promovido pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen) em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud).

“A Paraíba tem reconhecimento nacional e internacional pelo trabalho desenvolvido no sistema prisional. Temos muitos desafios, mas tivemos muitos avanços na gestão do governador João Azevêdo, tanto na carreira do policial penal, quanto na parte de reintegração social”, avaliou o gerente de Ressocialização, João Rosas.

O secretário de Estado da Administração Penitenciária, João Alves, acrescentou que o principal objetivo é que os reeducandos deixem as unidades e retornem para a sociedade da melhor forma possível, reduzindo os índices de reincidência criminal.

Incentivo à educação e geração de emprego e renda norteiam o trabalho desenvolvido pelo Governo do Estado com os reeducandos, nas unidades prisionais da Paraíba. São projetos como o Castelo de Bonecas (ao lado), o Vozes da Liberdade (abaixo) e os espaços para aulas remotas



Fotos: Ortilo Antônio



Alfabetização, leitura e formação são metas

Na Paraíba foi instituído o programa de Estado “Cidadania e Liberdade” que consiste em um amplo programa de reinserção social trabalhando diversas dimensões. Entre as metas estão redução da taxa de analfabetismo entre os apenados, ainda considerado elevada; incentivo à leitura e formação profissional.

“O grande eixo norteador das ações passa pela educação. Esse é o eixo mais forte, seja ela educação formal, através da Educação de Jovens e Adultos (EJA), ou a educação profissionalizante. Nós temos no sistema prisional paraibano o programa governamental intitulado “Novo Tempo”, que traz um conjunto de ações que fomen-

tam a profissionalização de pessoas privadas de liberdade. O programa foi criado na gestão de João Azevêdo e com ele tivemos números muito mais amplos em relação ao passado no tocante à profissionalização”, explicou João Rosas.

Pesquisa realizada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) comprovou o êxito do programa, com redução da taxa de reincidência criminal. “As pessoas que passam pelos programas tendem a reincidir menos”, complementou.

Outro grande diferencial na parte de educação desenvolvido nas unidades penais é o acesso ao Ensino Superior. A Paraíba, por dois anos seguidos, figura entre os estados com maior número de reeducandos selecionados em cursos de Ensino Superior, seja no Prouni ou Sisu. Na última edição quase 70 apenados ingressaram na universidade.

Eles têm acesso às aulas de forma remota e para viabilizar o ensino foi inaugurado há poucos dias na penitenciária Desembargador Sílvio Porto uma sala com sete computadores exclusivamente para os apenados acompanharem as aulas de Ensino à Distância

(EAD). Este ano, o estado atingiu um novo marco com recorde de reeducandos inscritos no Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja), aplicado para pessoas que não concluíram o Ensino Fundamental ou Ensino Médio na idade adequada.

A Seap firmou parceria com o Instituto Brasileiro de Educação e Meio Ambiente (Ibraema) para realização de um trabalho focado na alfabetização. “A Paraíba caminha para que, muito em breve, a gente possa vencer o analfabetismo, mal que assola o sistema prisional”, disse João Rosas.

O Sílvio Porto conta com uma escola própria, onde são oferecidas aulas na EJA em dois turnos. Atualmente 180 apenados estão matriculados. Os que fazem parte do Ciclo 6 recebem uma preparação para as provas do Enem. Na unidade, o índice de aprovação é considerado bom.

Todas as unidades penais da Paraíba contam com bibliotecas ou espaço para leitura. No ano de 2021 foi criado o projeto ‘Leitura Liberta’, para fomentar a leitura nos espaços de privação de liberdade.

Depoimentos



“Eu não acreditava, mas consegui. Ver o meu trabalho feito, a forma como foi recebido por minha família. Ver que a mudança vem através do trabalho”.

Dayanne Dayssy



“Quando eu entrei não sabia nada de costura. Fui aprendendo com as outras meninas e hoje faço questão de repassar o que sei, com muito carinho”.

Vânia Maria da Silva



“Poder ajudar minha família é muito satisfatório. Ano que vem saio e disse a minha mãe para comprar uma máquina. Vou continuar trabalhando em casa”.

Daniele Pereira da Silva

Jardim deixa presídio com ar acolhedor

“Isso aqui já é uma prisão, mas não precisa parecer”. O paisagista Edenilson Tavares chegou ao Presídio Sílvio Porto há 35 dias e decidiu colocar seus conhecimentos em prática para transformar o local e ter a sensação de liberdade. Improvisando materiais, ele tornou o ambiente acolhedor e espaço de convivência com uma fonte de água, bancos e jarras de plantas. Os planos são repassar o conhecimento para outros apenados, de forma que o projeto tenha continuidade. Para o jardim ele planeja produzir ainda animais em concreto e uma cascata com formato de bíblia.

Do jardim é possível ver o ateliê Benvenutty destinado ao trabalho da população LGBTQIA+. No ambiente são produzidas sandálias de borracha, bijuterias, bolsas e peças de roupa em macramê no período da manhã. As reeducandas que trabalham no ateliê são remuneradas com parte da renda dos produtos, que é depositada em conta bancária movimentada por seus familiares.

Em Remígio e Esperança

No município de Remígio o projeto de ressocialização vem da terra. A unidade prisional recentemente reformada pelo Governo do Estado teve

um dos espaços transformado em agroindústria para beneficiamento da pimenta. O projeto “Vila Branca” concorre neste ano ao prêmio Inovare, que premia práticas que contribuam para o aprimoramento da Justiça no Brasil.

Onome homenageia a cidade de Solânea, onde “nasceu” o projeto. Na Cadeia Pública de Remígio os apenados trabalham na produção de mudas de pimenta, conversas e molhos. São mais de 400 pés de pimenta plantados no terreno da unidade. Foi criado também o Conselho da Comunidade para auxiliar nas vendas dos produtos. Parte do valor arre-

cadado será destinado às famílias dos apenados.

Na cidade vizinha, Esperança, o nome do projeto diz muito sobre o sentimento do apenados que nele atuam: “Esperança no Espaço”. O projeto desenvolve telescópios na cadeia pública do município e brevemente deve ser transformado em uma cooperativa social. A fase seguinte desse projeto é transformá-lo em uma cooperativa social, garantindo maior robustez para comercializar produtos com pessoas físicas e jurídicas. Além disso, familiares dos apenados serão beneficiados com parte da renda arrecadada com a venda.



Secretário João Alves

INFEÇÃO URINÁRIA

Mulheres são mais suscetíveis

Fatores de risco envolvem anatomia, erros na higiene, gestação, hormônios, diabetes e até predisposição genética

Lusângela Azevêdo
lusangela013@gmail.com

Dados do Ministério da Saúde (MS) revelam que por dia, cerca de 9 mil pessoas precisam de internação em hospitais públicos do país com problemas causados pela cistite, mais popularmente conhecida por infecção urinária, que é uma doença que pode atingir qualquer estrutura das vias urinárias: uretra, bexiga, rins, ureteres, entre outros. Normalmente acomete mais frequentemente a bexiga ou a uretra (cistite). Em casos mais graves, o comprometimento dos rins (pielonefrite). Em geral, a doença é causada pela bactéria *Escherichia coli*, importante no intestino para a digestão, mas perigosa quando penetra nas vias urinárias e lá se multiplica.

Ainda de acordo com o Ministério da Saúde, essa condição pode se desenvolver em qualquer pessoa, mas principalmente em recém-nascidos do sexo masculino e idosos com mais de 60 anos de idade, mesmo estando saudável e sem doenças crônicas. Entretanto, são as mulheres entre 20 e 40 anos com vida sexual ativa, res-

ponsáveis por 80% nos casos de internação. Desse total, cerca de 30% pode desenvolver infecção urinária de repetição, caracterizada pela ocorrência de pelo menos dois episódios da doença no período de seis meses.

A vendedora Jacqueline Santos, 47, tinha que urinar constantemente e sentia uma ardência nessa hora. As costas e o baixo ventre também doíam. Um exame de cultura de urina confirmou o diagnóstico de cistite (infecção do trato urinário). Ela recebeu uma receita de antibiótico de amplo espectro, para tomar por sete dias, e foi orientada a beber bastante água. Mas os sintomas continuaram a voltar algumas vezes ainda mais fortes.

“Eu tinha frequentemente infecção urinária, ao ponto de chegar no antibiótico. Eu passava três, quatro meses e retornava cada vez mais forte. Mas agora está controlada, tomo bastante água para não dar essas infecções bacterianas,” enfatizou a vendedora

O urologista, George Guedes, explicou que as Infecções do Trato Urinário (ITUs) são mais comuns em mulheres por terem a constituição

anatômica mais curta, ou seja, nelas a uretra (canal por onde sai a urina), mede cerca de 5 centímetros (cm) enquanto que nos homens, a uretra chega a 22 cm.

“Com essa configuração, a uretra fica mais próxima do ânus nisso a bactéria que está no perineo (área entre o ânus e a vagina) chega mais facilmente na uretra, porta de entrada para a infecção”, frisou. O médico acrescentou que as vítimas constantes da doença têm um tipo de mucosa que favorece a aderência da bactéria. “Neste caso, a fragilidade é hereditária e há outras pessoas na família com o mesmo problema. É preciso consultar um médico para evitar as repetições”.

Outros fatores de risco também desenvolvem a doença como, por exemplo, a maneira de como é feita a higienização íntima após o uso do banheiro (movimentos de trás para frente levam resíduos para a uretra e, junto com eles, as bactérias), gestação, questões hormonais, diabetes, imunodepressão, fatores genéticos, estresse, erros alimentares e o uso excessivo de duchas e sabonetes íntimos. Além das doenças crônicas.



“É necessário que, ao perceber esses sinais, a mulher procure um urologista para obter o diagnóstico adequado, pois a infecção tem tratamento.”

George Guedes



“Eu tinha frequentemente infecção urinária, ao ponto de chegar no antibiótico. Eu passava três, quatro meses e retornava cada vez mais forte.”

Jacqueline Santos

Infecção Urinária

Como prevenir:

De acordo com o médico, a prevenção contra a infecção urinária começa com a mudança de hábitos da rotina. São eles:



Redobrar a higiene pessoal mantendo sempre limpas as regiões anal e genital para que a área não seja alvo da proliferação de bactérias e cause problemas de saúde;



Lave as mãos antes e após urinar e/ou evacuar;



Utilizar o papel higiênico na direção da frente para trás, evitando trazer bactérias da flora intestinal e vaginal para próximo da abertura da uretra;



Não demore para urinar, caso tenha vontade;



Ingira bastante líquido, de preferência água;



Não tome medicamentos por conta própria! Em caso de sinais ou sintomas, procure um médico para diagnóstico e tratamento corretos;



Urine e faça higiene prontamente após a relação sexual.

■ Para mulheres gestantes é importante redobrar a atenção, com as recomendações. Já para os idosos, é importante ressaltar que os sintomas podem ser precedidos ou camuflados por sonolência, alterações da consciência, inapetência, e queda do estado geral.

Fonte: Urologista George Guedes e Portal da Urologia

Urologista alerta que a atividade sexual intensa pode aumentar risco de contágio

Embora as ITUs sejam classificadas como doenças infecciosas, elas não são transmissíveis, ou seja, não passa de uma pessoa para outra. No entanto, o médico alerta que a atividade sexual intensa pode aumentar as chances de desenvolver infecção urinária.

“A atividade sexual ela pode propiciar a infecção urinária na mulher, não por uma contaminação do parceiro, mas porque durante o ato sexual, é comum que as bactérias da própria vagina adentrem na bexiga, o que pode levar à famosa cistite. Além disso, atividades sexuais com penetração anal e, em seguida, com penetração vaginal, também são uma causa de contaminação por bactérias intestinais que pode provocar infecções urinárias. E o uso de espermicidas (creme ou gel que mata os espermatozoides), ejaculação do parceiro, sucos muito ácidos (como de laranja, limão e abacaxi) e diminuição de estrogênio (o que normalmente acontece na menopausa) podem facilitar a doença.

O urologista fez um alerta para as mulheres que estão tomando imunossupressores ou que estejam com corrimento vaginal. “Não devem fazer sexo neste período. É preciso terminar o tra-

tamento para retomar a vida sexual, já que a infecção urinária também pode ter relação com estes dois fatores”.

George Guedes orientou ainda que para evitar a contaminação e, conseqüentemente, a infecção urinária, o primeiro cuidado é que homens e mulheres mantenham uma boa higiene antes e após o sexo. Além disso, depois do ato sexual, a mulher precisa manter o hábito de esvaziar a bexiga, “desa forma, o xixi ajuda a eliminar qualquer bactéria que eventualmente tenha entrado no lugar errado”. Já os casais que fazem relações sexuais com penetração anal devem sempre usar preservativo e descartá-lo logo em seguida, “e nunca, jamais, em hipótese alguma, seguir para a penetração vaginal sem essa troca”.

Ardência e dores são sintomas

Os principais sintomas da infecção urinária são ardência e dor ao urinar, dor na região mais baixa do abdome ou nas costas, aumento do ritmo para urinar, sangue e odor fétido na urina, febre, sensação de calor, calafrios e quantidade reduzida de urina a cada ida ao banheiro. Mas nem sempre a infecção urinária é acompanhada de

sintomas. Pacientes com diabetes, por exemplo, podem não apresentar qualquer sinal de infecção “É necessário que, ao perceber esses sinais, a mulher procure um urologista para obter o diagnóstico adequado, pois a infecção tem tratamento”, explicou o médico.

Há variações também a depender da idade. Crianças podem se sentir indispostas, urinar na cama à noite, e bebês podem ficar um pouco incomodados e irritadiços. Ambas as faixas etárias podem apresentar apetite reduzido e fraqueza.

Mulheres em pós-menopausa e idosas podem apresentar incontinência urinária (perda involuntária de urina), vaginite atrófica (atrofia vaginal) e cistocele (bexiga baixa). Pessoas idosas podem ainda apresentar mudanças de comportamento, como agitação e confusão.

O médico orienta que ao perceber esses sinais, deve procurar um urologista para ter diagnóstico adequado. Quando a infecção urinária não é tratada corretamente, principalmente nas mulheres, as bactérias podem subir para o rim e gerar complicações como infecção generalizada, que pode levar a óbito.

Mais de 200 mortes registradas só este ano na Paraíba

A cistite quando não tratada adequadamente pode evoluir para pielonefrite. Esta, por sua vez, pode ser grave, podendo levar à sepse em casos mais graves, para um choque séptico e óbito, inclusive. Só neste ano, na Paraíba, de janeiro até o momento 215 pessoas morreram associadas à Infecção do Trato Urinário, de acordo com a Secretaria Estadual de Saúde (SES).

Em muitos casos ainda as bactérias podem atingir outros órgãos, como os rins, gerando várias complicações, como infecção generalizada, situação que pode levar a paciente a óbito. Como aconteceu com as atrizes Rogéria,

74, que faleceu em agosto de 2017 de um choque séptico devido a um quadro de infecção urinária e Tanya Roberts (a Bond Girl Stacey em '0007) que teve uma infecção no trato urinário, que espalhou para o rim, fígado e, por fim, para a corrente sanguínea.

O caso requer uma hospitalização rápida. Quanto mais cedo o paciente é tratado, maiores são as chances de sobrevivência. O tratamento se baseia na antibioticoterapia, assim como no tratamento dos órgãos vitais deficientes, em caso de sepse grave. Trata-se de perfusões intravenosas de dopamina, oxigê-

nio ou adrenalina. A cirurgia também pode ser necessária em alguns casos para eliminar o foco infeccioso. A duração do tratamento da sepse depende da gravidade da infecção. Ele geralmente dura cerca de duas semanas. A recuperação da sepse, no entanto, é muito mais longa.

Risco na gravidez

De acordo com o urologista, George Guedes se não tratar a infecção urinária adequadamente na gravidez ela pode causar um parto prematuro, rotura da bolsa ou mesmo uma sepse materna. Além disso, a gestante também poderá ter uma infecção grave e

excepcionalmente até o bebê.

“Por isso, é muito importante durante o pré-natal realizar exames de urina, um em cada trimestre. Isto objetiva identificar o mais precocemente qualquer infecção urinária,” advertiu.

Homens idosos

Já nos homens, a doença é mais comum nos indivíduos mais velhos. Ela está relacionada, principalmente, à obstrução prostática progressiva, que se dá pelo aumento benigno da próstata. “Nesse caso, uma avaliação urológica é fundamental para descartar que quantidades variáveis de urina permaneçam

na bexiga após a micção”, explicou George Guedes.

O diagnóstico é feito com exames de laboratório, e o mais importante dentre eles é a cultura de urina, que vai

■ Na gravidez a infecção urinária pode causar parto prematuro, rotura da bolsa ou mesmo uma sepse materna

definir o tipo de bactéria e qual o melhor antibiótico a ser utilizado, que deve ser prescrito somente pelo seu médico. O profissional também poderá se houver necessidade, prescrever medicamentos que melhoram os sintomas da inflamação até que a infecção esteja controlada. “Voltando a apresentar os sintomas de infecção urinária, a paciente deverá retornar ao médico, que saberá identificar uma recorrência, uma falha no tratamento ou a necessidade de mais exames para avaliar outras condições que possam estar predispondo-a a doença”, ressaltou o urologista.

FISCALIZAÇÃO

Cargas na mira dos órgãos da Paraíba

Maioria dos produtos não dispõe de nota fiscal ou apresenta irregularidade sanitária no ato da vistoria

Lucilene Meireles
 lucilenemeirelesjp@gmail.com

Vestuário, alimentos, cigarros, bebidas são apenas alguns dos produtos apreendidos pela Polícia Civil (PC), Polícia Rodoviária Federal (PRF) e Secretaria da Fazenda (Sefaz) na Paraíba, por meio do Fisco Estadual. São cargas, muitas vezes irregulares, sem nota fiscal, com itens vencidos ou mal acondicionados, o que reduz o período de validade. Em 2023, até 17 de julho, só a PRF apreendeu 602.502 maços de cigarros, o que corresponde a mais de 3 mil por dia. De janeiro de 2021 até 17 de julho foram 2.785.459 maços.

Todas as apreensões são encaminhadas de acordo com o produto. Os de crime tribu-

tário vão para o Fisco Estadual. “O destino é com eles, se vai voltar para o transportador, depois de pagas as multas ou se é o caso de ficar retido. Produtos sem o devido acondicionamento têm que ser notificados para a Vigilância Sanitária. Eles decidem o que fazer. Pelo que me consta, é descartado de maneira apropriada”, afirma João Neto, do Núcleo de Comunicação Social da PRF. Além desses produtos, bebidas, eletrônicos e vestuário também fazem parte da lista.

De janeiro de 2021 a 17 de julho de 2023, a PRF apreendeu 51.650 litros de bebidas; 383 unidades de eletrônicos e 4.200 peças de vestuário. Entre as irregularidades mais observadas estão os crimes

tributários, como fraude e falsificação de documento fiscal, com oito ocorrências; mercadoria sem nota fiscal, com 161 casos notificados; omissão de nota fiscal, com dois registros. Nessa última situação, a nota existe, mas, por algum motivo, o responsável pela carga tentou esconder, conforme João Neto. “Tem mais crime tributário do que crime contra a saúde pública. Muitas vezes, ocorre um concomitante com o outro”. A maior parte das irregularidades ocorre na Região Metropolitana de João Pessoa e em Campina Grande.

As multas competem ao Fisco. A PRF só tem autoridade para multar se for em relação ao trânsito. No trabalho do Fisco, João Neto ressal-

ta que as multas são calculadas de acordo com o volume apreendido e o valor dos produtos. “Todas as vezes que vamos ao posto fiscal ou eles vêm ao nosso encontro, os servidores do Fisco informam que vão aplicar as multas”, destaca.

Em relação ao transporte irregular de produtos, a PRF faz um alerta aos condutores. “Quem realiza transporte irregular está correndo o risco de responder administrativa e criminalmente, não apenas quanto ao transporte, mas se um produto estragado for consumido, produzir dano a algum consumidor e ficar provado que o problema foi no transporte, também haverá a persecução criminal e cível por conta desse

dano. Transporte de mercadorias, sobretudo, percebíveis, tem que ser feito com muita responsabilidade e de acordo com o previsto em lei”, frisa João Neto.

Segundo ele, essas apreensões, do ponto de vista tributário, significam recolhimento dos valores devidos ao Estado, que deverão retornar em benefícios para a po-

pulação. Do ponto de vista de saúde pública, significa que o produto mal acondicionado e com potencial de prejudicar a saúde da população será tirado de circulação.

Conforme o PRF, João Neto, toda fiscalização bem-sucedida pode trazer, a reboque, o benefício de alertar outros condutores a não cometer as mesmas irregularidades.

PRF – Apreensões em 2023

■ Cigarros: 602.502 maços

■ Bebidas: 14.280 litros

■ Ainda não houve apreensões de eletrônicos e vestuário.

Fonte: PRF



Entre os itens apreendidos constam drogas como maconha (à esq.) e produtos industrializados como cigarros (à dir.) apreendidos pelos órgãos de fiscalização

Produtos apreendidos chegam a R\$ 500 mil, aponta Fisco-PB

O Fisco Estadual não tem um produto com maior incidência de apreensão, entretanto, alguns são preferidos pelos sonegadores, como bebidas e confecções. As cargas são de valores variados. Algumas chegam à casa de R\$ 500 mil, conforme Filipe Lauritzen, gerente de Fiscalização de Mercadorias em Trânsito do Fisco-PB. Outras têm valores menores, em torno de R\$ 30 a R\$ 40 mil. As apreensões resultam em valores proporcionais àquilo que é transportado. Geralmente, os transportadores aguardam o pagamento do imposto e são liberados em seguida.

Ele afirma que em relação ao cigarro, o grande problema diz respeito ao contrabando de produtos falsificados, que é uma preocupação maior para a Receita Federal e órgãos federais. O gerente observa que, caso o Fisco Estadual retenha cargas nestas condições, deve repassar aos federais para perdimento e incineração. “Aqui na Paraíba, mesmo tendo havido apreensões de cigarros há alguns meses, não temos verificado este tipo de carga com frequência, embora tenhamos uma fiscalização ostensiva nas rodovias do Estado”, informa.

Filipe diz também que alimentos em geral, como queijo

e açúcar, têm um índice de sonegação elevado e maior incidência de irregularidades em comparação com outros itens. O Fisco não repassou o número de apreensões entre 2021 e 2023, mas informou que as irregularidades mais observadas são a falta de emissão de manifesto de carga eletrônico, ausência de nota fiscal e notas fiscais inidôneas. Os maiores índices de irregularidades constatados pelo Fisco

são na região da Grande João Pessoa por haver maior circulação de cargas e maior número de contribuintes

As punições penais e administrativas para o transporte de produtos irregulares variam bastante. No caso da não emissão do manifesto eletrônico de cargas é aplicada multa por descumprimento de obrigação acessória no valor de 100 UFRs (Unidade Fiscal de Referência da Pa-

raíba), limitado a 20% do valor da mercadoria. O valor da UFR no mês de julho é de R\$ 64,53. Em relação às mercadorias sem nota fiscal, é cobrado o ICMS na alíquota interna, que é de 18%, e multa. A mesma penalidade é aplicada no caso de notas fiscais inidôneas, ou seja, que não atendam às exigências legais.

“As multas são sempre aplicadas. Os auditores possuem atividade vinculada, o

que significa que, se a legislação determina a aplicação da multa, não pode ser dispensada pelo auditor”, ressaltou Filipe Lauritzen.

Investigações

Os objetos mais comuns apreendidos pela Polícia Civil são entorpecentes, armas e drogas, mas há outras apreensões como veículos, dinheiro em espécie, cargas de cigarros e até explosivos. De 2021

a 2022 – foram 917 armas retiradas de circulação. De 2021 a julho de 2023 são 3,2 toneladas de entorpecentes, além de 5.885 munições. As apreensões ocorreram durante ações e operações amparadas na instauração de inquéritos policiais, diligências investigativas e de apuração de denúncias, representações da autoridade policial por medidas cautelares das quais resultam a maioria das apreensões.

Foto: Polícia Rodoviária Federal/Divulgação



Policiais rodoviários federais apreenderam cargas com queijo em situação irregular

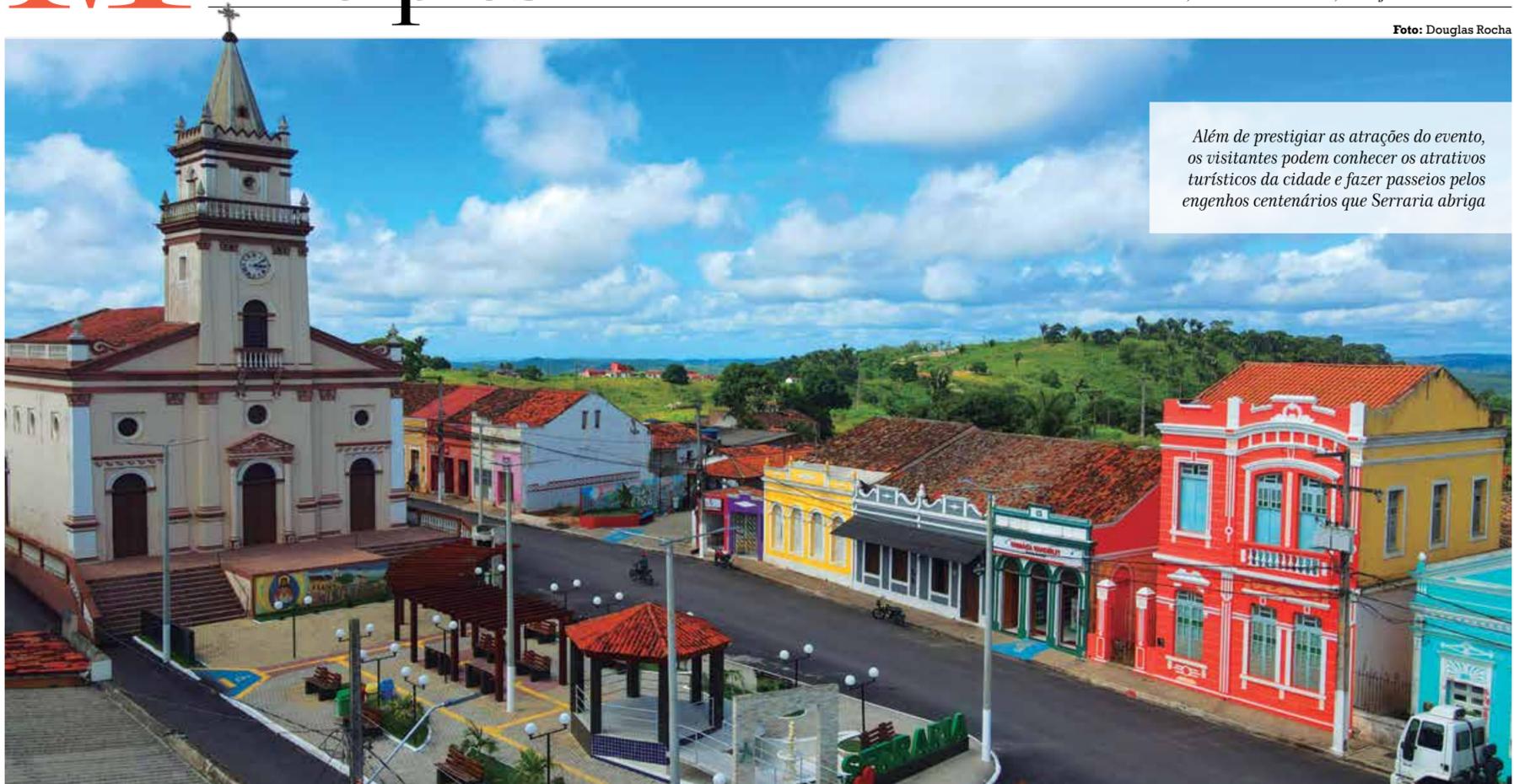
Polícia Civil – Apreensões

■ Armas
 2021: 486
 2022: 431
 2023: dados não enviados.

■ Entorpecentes
 (apenas nas operações e ações de destaque)
 2021: 2,3 toneladas
 2022: 914,7 quilos
 2023: 1,7 toneladas

■ Munições
 2021: 2.185
 2022: 3301
 2023: 399

■ Canais de denúncia
 PRF – Disque 191
 Polícia Civil – Disque 197 ou acesse o site
 197.pc.pb.gov.br



Além de prestigiar as atrações do evento, os visitantes podem conhecer os atrativos turísticos da cidade e fazer passeios pelos engenhos centenários que Serraria abriga

CIDADE DOS ENGENHOS

Caminhos do Frio chega a Serraria

Município recebe, a partir de amanhã, circuito que tem movimentado o Brejo. Programação vai até 6 de agosto

Alexandra Tavares
 lekajp@hotmail.com

Um lugar aprazível pela própria paisagem serrana e temperaturas amenas. O município de Serraria apresenta vales cobertos de vegetação típica da região, além de ser detentor de engenhos que, no passado, foram moradias da aristocracia rural paraibana. Lá ainda se encontra a famosa Pedra da Furna, antiga residência de indígenas. É nesse ambiente de belezas naturais, história e tradição que a Rota Cultural Caminhos do Frio vai estar a partir de amanhã até o dia 6 de agosto.

“A Rota Cultural é muito esperada e Serraria está preparando uma belíssima festa para quem vier nos visitar. Durante toda semana teremos muita cultura na praça, visitas aos engenhos, trilha ciclística e outros passeios. A nossa programação é muito extensa e diversificada. Tem opção para todos os gostos. Quem for a Serraria não irá se arrepender. A Rota Cultural é uma festa que viveu tradição”, declarou o prefeito, Petrônio de Freitas Silva.

De acordo com ele, a cidade possui meios de hospedagens para receber o público e também há alternativa de pousadas e hotéis nas cidades próximas como em Bananeiras, Areia e Borborema. “Serraria está no centro do Brejo, e esperamos que pousada não seja um problema de quem vier nos visitar”, completou.

Um dos destaques da programação é a Cavalgada da Fé, que este ano está na 14ª edição. Segundo o prefeito, a cada ano, o evento fica maior. Esse ano, a Cavalgada irá ocorrer no dia 6 de agosto. “No ano passado, mesmo com muita chuva, tivemos muitos cavaleiros e amazonas. E esse ano, se Deus quiser, teremos um maior número de pessoas e uma estrutura mais ampla”.

Na noite de abertura, a atração musical ficará por conta de João Pedro do Acordeon. Nos dias 4, 5 e 6, os shows ficarão por conta de Manim Vaqueiro, Curió Forrozeiro, Luan Estilizado, Filipe Santos, Flávio Fara, Arreio de Ouro, Zezinho Sanfoneiro e João Pedro

do Acordeon, respectivamente. Os participantes da Rota Cultural ainda vão poder apreciar feira gastronômica e de artesanato, além de oficinas de teatro e visitas aos engenhos. Toda programação pode ser conferida no site da Prefeitura de Serraria que é o www.serraria.pb.gov.br.

A secretária adjunta de Cultura e Turismo de Serraria, Chaline Carvalho, se mostrou otimista em relação ao público que irá conferir a programação nos seis dias de festa. “A expectativa é de que aumente o número de visitantes, a cada ano, na nossa cidade. Sempre estamos buscando melhorar as atrações para atender a nosso público”, declarou.

Segundo ela, além de conferir a programação da Rota Cultural, os visitantes têm a opção de conhecer os atrativos turísticos de Serraria, desfrutando da visita aos engenhos, como o Engenho Baixa Verde, que terá moagem no dia 5, e também apresentação de forró pé de serra, degustação de cachaça e contemplação do pôr do sol no Mirante do Brejo 360°C.

Chaline destacou que as belezas naturais e o clima agradável, mais frio nessa época do ano, são um convite a mais para os passeios no local. “Muitos chamam a ‘Suíça paraibana’, devido ao tempo bem frio nos períodos de maio a agosto. Somos conhecidos como a terra dos engenhos.”

Roberto Luna era filho ilustre da cidade

Serraria é a terra onde nasceu Roberto Luna (1929 – 2022), que ficou conhecido como Valdemar Farias, cantor que reúne no currículo mais de 60 discos (LPs). Apesar de ter nascido em Serra-

ria, partiu cedo para o Sudeste em busca de melhores oportunidades na área artística, e morreu em São Paulo.

Antes da fama, o cantor de bolero e samba-canção foi crooner de várias casas

noturnas do Rio de Janeiro e trabalhou no teatro de revista. Entre os sucessos estão as canções “Molambo” – que integrou a trilha sonora da minissérie “Hilda Furacão” e “O Relógio”. O

auge da carreira ocorreu entre as décadas de 1950 e 1960, com músicas que marcaram a discografia nacional, a exemplo do bolero “Por quanto tempo” e o samba-canção “Linda”.

Foto: Douglas Rocha

Foto: Andrey Câmara



Foto: Andrey Câmara



Serraria mantém a estrutura de vários engenhos, como o Baixa Verde (à esq) e o Martiniano, com edificações de igrejas e casarão (à dir.)

Cidade começou como povoado em 1880

As terras que, atualmente, fazem parte de Serraria foram ocupadas no início de 1800 com a chegada dos primeiros colonizadores, que se estabeleceram e formaram a missão de Santo Antônio da Boa Vista. Em 1850, o agricultor Firmino José Fernandes de Maria fundou o primeiro engenho denominado de Engenho Velho, voltado à produção de rapadura. Cerca de um ano depois, Manoel Birindiba, grande proprietário de terras, permitiu a exploração das áreas de mata de sua propriedade e também a fixação de algumas residências.

Nessa época, Manoel Birindiba construiu uma serraria que tinha como matéria-prima a madeira extraída das matas da região. A partir daí, deu-se início a fabricação de móveis e outros artigos de marcenaria. Essa serraria seria a responsável pelo nome do lugarejo.

Uma das edificações do município foi a atual igreja matriz, que deu origem ao topônimo do município. Em 1860, Firmino José fundou a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, colaborando para o desenvolvimento do povoado.

Em dezembro de 1883, o povoado alcançou o status de Vila de Pilões, por meio da Lei Provincial 755. Em 13 de outubro de 1897, a Lei Provincial 80 transformou o lugar em Vila Livre de Pilões. Em 1895, o povoado passou a contar com a capela filial da Freguesia de Pilões.

Em 2 de janeiro de 1907, a capela foi elevada à categoria de Igreja Matriz do Bom Jesus. Depois, o templo religioso passou a se chamar Igreja Sagrado Coração de Jesus, atual matriz. Há uma outra datação que marca o desmembramento político de

Serraria de Pilões, essa de 31 de dezembro de 1943, conforme Lei Estadual número 420.

Geograficamente, Serraria está localizada na Mesorregião do Agreste paraibano e Microrregião do Brejo paraibano, limitando-se ao Norte com Solânea e Borborema, ao Sul com Areia, ao Leste com Pilões e a Oeste com Arara. O município tem uma área de 86,2 quilômetros quadrados, com altitude de 533 metros. Segundo o Censo Demográfico 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população é de 4.885 habitantes.

Foto: Andrey Câmara



Serraria é cercada por verde



Fruto da primeira edição do Prêmio Todavia de Não Ficção, o livro é definido por Bruno Ribeiro como uma metonímia do que somos: “Queimadas é Brasil”

Radiografia de uma barbárie

Onze anos após o feminicídio que ocorreu no município de Queimadas, livro-reportagem ‘Era apenas um presente para o meu irmão’ aborda o crime brutal que chocou a Paraíba

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A realidade é indomável. No dia 11 de fevereiro de 2012, ela invadiu brutalmente a comemoração de um aniversário realizado na cidade de Queimadas, no Agreste paraibano, para transformar a festa no estupro coletivo de cinco mulheres e no assassinato de duas delas, Izabella Pajuçara e Michele Domingos. Naquele sábado, os culpados saíram da residência em torno das 23h com a justificativa de comprar gelo e voltaram desligando o sistema de energia, armados e com máscaras de Carnaval para praticar o crime hediondo. Onze anos depois, o caso é retratado no livro-reportagem *Era apenas um presente para o meu irmão: A barbárie de Queimadas* (Todavia, 264 páginas, R\$ 74,90), do escritor mineiro radicado na Paraíba, Bruno Ribeiro.

A obra, fruto do Prêmio Todavia de Não Ficção, está em pré-lançamento no site da editora paulista e deve chegar aos leitores a partir do dia 8 de agosto.

Na época do fato, Bruno Ribeiro estava morando em Buenos Aires, na Argentina, onde realizava mestrado em Escrita Criativa. Ele começou a apurar o caso em janeiro de 2019 com a intenção de produzir um roteiro ficcional para uma produtora de cinema, mas com a apuração que foi realizada, o escritor percebeu que precisava preservar os acontecimentos tais como eles haviam ocorrido. Um material delicado e brutal. “O meu intuito foi falar como um crime desses pode marcar para sempre uma cidade. Me interessa bastante, na ficção e na não ficção, falar das marcas que atos monstruosos podem deixar nos lugares e nas pessoas. E sim, foi confirmado: Queimadas e a sua população nunca mais foi a mesma depois da barbárie”, afirma Ribeiro sobre a obra mais difícil de sua carreira. “O livro é uma metonímia do que somos. Queimadas é Brasil”.

Bruno Ribeiro foi finalista do Prêmio Jabuti e ganhador do Prêmio Machado DarkSide pelo romance *Porco de raça* (2021), uma sangrenta distopia de horror. Ao escrever sua primeira obra de não ficção, ele entrevistou mais de 100 pessoas para entender os impactos do caso na cidade de 45 mil habitantes e para dar voz aos relatos dolorosos que são reconstruídos pelas vítimas, familiares e moradores aos policiais e investigadores. Algo muito diferente do que o escritor está habituado, mas que exatamente por isso o motivava a escrever o livro. “A ficção não é o oposto do real,

é um alargamento. Um farol. A não ficção tem um efeito mais direto neste real, ela é, de fato, esse real. Obviamente que isso faz com que ela seja uma bomba de efeito mais concreto. Enquanto gêneros, sem dúvidas ambas se complementam. Foi o que aprendi durante o processo de escrever essa longa reportagem”.

Na obra, Ribeiro se utiliza de todos os elementos da narrativa de ficção, lançando mão de suas habilidades para estruturar a história, apresentar as personagens e a trama sob uma atmosfera de constante tensão. “Tudo isso sabendo que estava lidando com fatos e que a minha criatividade só poderia vir à tona na maneira como apresentaria e organizaria essa grande teia de verdades que não poderia, sob hipótese alguma, ser adulterada”, acrescenta o escritor, que mora desde 2005 em Campina Grande – distante 17 quilômetros do local do crime. Mas o que se tem em ‘Era apenas um presente para o meu irmão’ é uma linguagem jornalística. “Os meus leitores mais atentos, com certeza, vão perceber alguns registros bem próprios da minha linguagem na ficção, mas, no geral, é outra proposta, bem diferente do que desenvolvo na ficção”, explica ele.

A literatura de terror muitas vezes serve como uma metáfora para as questões sociais e os medos coletivos. Em um dos capítulos do livro, Bruno Ribeiro demonstra como a barbárie de Queimadas não se trata de um fato isolado ou mesmo infrequente, trazendo outros casos de estupro anteriores, fazendo um escrutínio na intimidade da cidade, numa análise completa e arriscada. “A questão que fica atual-

mente, porém, é: como o mandante do crime, Eduardo dos Santos Pereira, conseguiu fugir do PB1? É uma pergunta que incomoda e que continua a não ter respostas. É uma lacuna enorme na história e que questiona no livro: Onde está Eduardo? Por que ele ainda não foi capturado?”, questiona Ribeiro. A reportagem também expõe o trabalho de policiais, investigadores e advogados, servindo para analisar o papel das instituições públicas, dando destaque à delegada da época, Cassandra Duarte.

Os envolvidos no crime foram julgados em outubro do mesmo ano. O mentor Eduardo foi condenado a 108 anos e o irmão Luciano, a 44 anos de reclusão. Os outros cinco condenados receberam penas de até 30 anos de prisão fechada, mas todos já tiveram progressão para o regime semiaberto. Jacó Sousa, sentenciado a 30 anos por estuprar duas mulheres e ajudar no abuso das outras três, foi morto a tiros em 2020, quando estava em liberdade condicional.

Começar a escrever uma história sem saber a sua conclusão e entendendo que novos fatos podem alterar a sua conclusão é outro desafio inédito a Bruno Ribeiro, que afirma: “A não ficção nos ensina que é necessário compreender que não há como mover as correntezas. Uma história tão atual dessas sempre terá algo para reavivá-la. A realidade é indomável”.



Para a obra, o autor entrevistou mais de 100 pessoas para entender os impactos do caso na cidade de 45 mil habitantes e para dar voz aos relatos dolorosos reconstruídos pelas vítimas, familiares e moradores

Imagens: Todavia/Divulgação



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Editora Todavia

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Condições de possibilidade

É uma grande ingenuidade achar que somos senhores do próprio destino; que poderíamos ter qualquer vida, única e exclusivamente, por meio da vontade e do esforço individual. Isso não significa, porém, que não temos grande participação na forma como nossa biografia será escrita ou que estamos isentos em relação às escolhas morais.

O “xis” da questão é que os elementos cruciais do roteiro foram traçados sem que pudéssemos opinar. Não escolhemos o país, a família, a classe social e a época que nascemos. Estar vivo é um assombro! Você já imaginou como seria a sua vida se tivesse nascido na Europa durante a Idade Média ou se fosse adotado ainda bebê por uma família chinesa? Evidentemente que o seu “eu” assim como todas as experiências que, até aqui, fizeram a pessoa que é não existiriam.

É com base nisso que Zygmunt Bauman afirma que “para sermos capazes de agir livremente, precisamos ter mais do que livre-arbítrio.” Possuir a capacidade de fazer escolhas não garante que alcancemos os objetivos que almejamos. Uma pessoa que esteja desempregada mesmo que possua boa qualificação poderá enviar currículos para as mais variadas empresas e não conseguir nada. As taxas desemprego e os níveis de desenvolvimento econômico

seguem uma lógica de funcionamento que pouco dizem respeito às volições individuais. São realidades que estão além do indivíduo, mas que interferem diretamente sobre a vida dele.

O livre-arbítrio deve ser pensado sempre dentro de um contexto maior que costume chamar de condições de possibilidade.

É fácil deduzir que as condições de possibilidade de um garoto pobre que sonha em ser médico, mas vive numa favela, trabalha diariamente catando lixo, estuda numa escola ruim, tem pais analfabetos e se alimenta mal, são muito mais reduzidas do que a de um jovem de classe média alta que estuda em bons colégios, tem tempo livre, come bem, tem horas de lazer e uma família com bom capital cultural.

Além desses obstáculos é provável que o garoto pobre seja desestimulado pelos pais e pessoas mais próximas – por entenderem que aquele tipo de profissão não é para “gente como eles”. As coisas tendem a piorar se levarmos em considerações outros fatores como o racismo e o estigma. Jovens negros terão menos chances em países racistas; discriminados suas capacidades acabarão subjugadas. Eles podem ser proibidos de frequentar escolas, exercer as mesmas profissões, usar os mesmos banheiros e frequentar os mesmos bares e restauran-

tes que as pessoas brancas, como o que acontecia nos EUA durante o regime de segregação social com as cruéis leis de Jim Crow. Uma mulher negra, por sua vez, terá que enfrentar esses tais percalços e ainda os problemas relacionados ao machismo e ao sistema patriarcal.

Cabe lembrar que a liberdade também será diretamente afetada pelo regime político adotado pelo país que vivemos. Estados democráticos tendem a proteger os direitos individuais, respeitar as minorias, impedir a censura, garantir o direito a crença e um sistema de imprensa livre e independente. Enquanto os regimes autoritários reduzem drasticamente essas liberdades, quase sempre interferindo na vida privada dos cidadãos – atacam professores, intelectuais, artistas, minorias e a imprensa.

Como vemos, não apenas os fatores econômicos são importantes, mas também os simbólicos. É possível ir além dos limites sociais e considerar alguns fatores ainda mais amplos como a constituição física, a saúde, a geografia do lugar em que vivemos e aquilo que convenciamos chamar de sorte. Pessoas que sofrem de deficiência mental ou física estarão numa clara desvantagem em relação às “normais”. Um grave acidente pode mudar radicalmente a vida de alguém, catástrofes naturais como terremotos e tempestades, entre outras coisas.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A morte posterior

De cara, recomendo *Um Encontro com a Lady*, de Mateo Garcia Elizondo, neto de Gabriel García Márquez, com selo da Record Editora. Bom, na verdade, eu não quis ter dito alguma coisa, acerca do não dizer, mas dizer mesmo, mesmo quando não havia nada, nem prego nem parafuso, já havia tudo. Nossos ídolos estão morrendo, nós também. Já vivi muito.

Não há nada mais metafísico do que o calar-se para sempre, ou ficar olhando o tempo, enquanto vociferam “malucos beleza”, malucos otários, que não passam daquela primavera.

Se alguém tiver que prender a palavra, não faça com a poesia, ela se sustenta. Li de duas tacadas, *Um Encontro com a Lady*, de Mateo Garcia, um livro pequeno, imenso livro publicado pela Editora Record e fiquei seguindo os passos da personagem, que se ausenta da cidade grande – suponho, para um vilarejo ali, onde espera a morte chegar.

O livro de Mateo Garcia tem a necessidade de criar esse caminho, quando na real, todo mundo morre de medo de morrer. Não deve ser fácil quando a pessoa está condenada, na espera.

O assacado narrador, cujo nome morre antes, que vai para a cidade Zapotal, marca um encontro com a morte, mas por diversas viagens, mas se esconde no ópio, porque seu encontro com a Lady pode ser a porta de serventia, o seu peso morto. “Vim a Zapotal para morrer de uma vez por todas. Assim que coloquei os pés no povoado, livre-me do que trazia nos bolsos, das chaves da casa que deixei abandonada na cidade, de todos os cartões, de tudo o que tinha meu nome ou a fotografia do meu rosto. Não me sobram mais de três mil pesos”.

Ti-ti-ti do vinho

Bom, vamos degustar? Numa festa imodesta, festa de degustação de vinhos, (já disse que não gosto de vinhos), só uma taça ou do Porto, e lá no ambiente propício de um lounge, fiquei olhando as pessoas com taças nas mãos, alguns líquidos pretos, cor de rosa, suavemente, achei que eu poderia estar noutro lugar, na *Montanha Mágica*, de Thomas Mann.

Numa festa, a gente termina sendo apresentado a outras pessoas e ainda bem que já não se troca mais cartões de visita – geralmente nesses eventos estão os mortos-vivos e... Viva os mortos! Amém.

Uma coisa tinha ali, mulheres bonitas e o poder *sex appeal* no toque do vinho, cujas gotículas que caem dos lábios, lábios que eu beije. Talvez por isso eu tenha demorado um pouco mais.

Voltemos a Lady: queria voltar para casa, terminar a leitura de *Um Encontro com a Lady*, mas outras ladys macias me fizeram ficar. Essa coisa que não mete medo, que arrasta a boca, os olhos, a alma, até que não reste senão o não como resposta, ou como o recurso de quem tem no olhar, a única arma.

Talvez essa tenha sido uma possibilidade nunca escancarada de forma frontal, o que o escritor mexicano chama de Lady, que parece estar em todo lugar e em lugar nenhum. A voz da personagem de Mateo Garcia, parecia estar ali na festa do vinho, fosse o único lugar onde ele iria, antes de morrer, que não o mataria facilmente.

A canção, a condição última de Belchior, que vinha do vinil das pickups do DJ Astek, era a uma única referência a poesia. O vinho dava na “canela” de graça, mas nem vinho tomei. Nada é de graça, nem a morte.

Kapetadas

1 - Envelhecendo como vinho. Cada ano mais caro;

2 - Os produtos instantâneos são a ejaculação precoce da alimentação, no mais segue o acordo do Edmond Safra.



Capa de 'Um Encontro com a Lady', de Mateo Garcia Elizondo, que é neto do colombiano Gabriel García Márquez, Nobel de Literatura

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

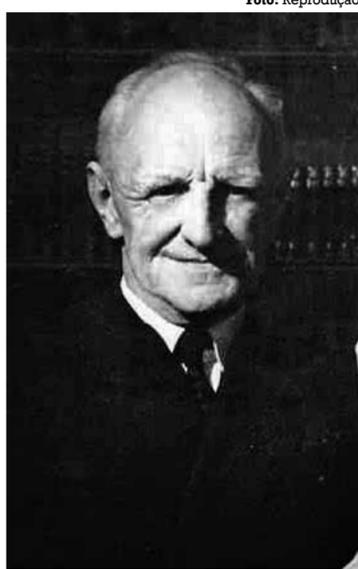
klebmaux@gmail.com | colaborador

Solidão na contemporaneidade

As redes sociais, geralmente, tornaram-se expositores para observar a vida do outro e ser observado. Por causa disso, existe a necessidade de alguns se tornarem visíveis, apesar de permanecerem sozinhos e com a dificuldade de cuidarem-se de si mesmos. O mau uso das mídias tecnológicas pode gerar uma dependência obsessiva compulsiva, que tem como consequências: aumento da ansiedade e depressão; problemas de sono; falta de concentração; deficiências de aprendizagem; incentivo ao consumo exagerado; aumento da necessidade da aprovação e acolhimento; insatisfação com a própria vida; perda do senso crítico e criativo entre outros. Esses danos também causam o sentimento de culpa por não atender uma respeitosa interação, que pode elaborar o sentimento dar dor de solidão.

As velozes transformações socio-culturais, políticas, morais, científicas e econômicas na sociedade atual estão destruindo a saúde mental de muitos indivíduos, por não terem mais o tempo de cultivar os afetos diante das próprias errâncias e nem de cuidar um dos outros. A habilidade do que fazer com a solidão foi estudada pelo pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott (1896-1971). Seu ensaio *A capacidade para estar só* analisa desde a experiência que o bebê tem de ficar, inicialmente, só na presença da mãe. Ele apresentou esse estudo à Sociedade Britânica de Psicanálise, em 24 de julho de 1957. Outra pesquisa, influenciada pelo inglês, disserta sobre o sentimento de solidão, e foi apresentada no Congresso de Copenhague, em 27 de julho de 1959, pela psicanalista austríaca Melanie Klein (1882-1960). As contribuições acadêmicas da austríaca têm um funcionamento dinâmico entre as posições esquizoparanoide e depressiva, que se inicia com o nascimento e termina com a morte. Todos os problemas emocionais, como neuroses, esquizofrenias e depressão são analisados a partir dessas duas posições. Por isso, em uma análise kleiniana, não basta trabalhar os conteúdos reprimidos, é preciso equacionar as ansiedades depressivas e as manias de perseguição. Além disso, é necessário que o paciente perceba que é possível amar e odiar o mesmo objeto, sem medo de destruí-lo.

Melanie Klein inicia seu artigo afirmando que o sentimento de solidão independe das circunstâncias



Psicanalista Donald Winnicott (1896-1971)

externas e surge como uma semente silenciosa que cria raízes que não pode ser arrancada e tende a dominar o indivíduo por completo, gerando ansiedades e angústias patológicas; ou ser cultivada, ao ponto de possibilitar situações saudáveis, ativando o estado criativo. No seu livro *Sobre o sentimento de solidão – Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963), ela afirma que: “Estou me referindo ao sentimento de solidão interior – o sentimento de estar sozinho independentemente das circunstâncias externas; de se sentir só mesmo quando entre amigos ou recebendo amor” (1996, p. 341).

Nesta contemporaneidade, o mercado de consumo e as redes sociais determinam a vida social da maioria dos indivíduos. Também existe o doentio desejo compulsivo de ostentar. Os valores excluídos da vida privada sobrepõem-se aos que organizam o espaço público. Outro conflito surge quando ser bom pai ou ser boa mãe dão somente bens materiais aos filhos, porque tornou-se um falso direito de consumo. Por causa disso, abandonou-se a prioridade de ensiná-los a manter a voracidade a fim de obter as conquistas pelos próprios méritos, de forma digna. Isso é observado no Facebook e, principalmente, no Instagram, onde os indivíduos mantêm um status de falsa realização, que se tornam sintomas de solidão e depressão num vazio que danifica a vida psíquica.

Além disso, observa-se a busca de uma identificação construída por imagem que precisa do olhar do outro para existir e como consequência haverá sempre a necessidade desse outro para ser acolhido na insuportável dor da solidão. Por isso, surge uma doentia personalidade construída a partir da ilusão do outro, que pode apresentar uma reação agressiva no mundo virtual, que tende a se transferir – de forma simbólica – para o mundo real. Os feitos destrutivos do olhar do outro, assim como a perda da voracidade dos desejos, direciona a fragmentação da identidade e as incertezas à fuga para o vazio. A consequência é a voz da solidão afirmar: “Toda a vez que estou sem alguém, tento me preencher de algo”. Melanie Klein (1996, p. 354) diz: “Embora a solidão possa ser minorada ou aumentada por influências externas, nunca poderá ser completamente eliminada”. Portanto, é inevitável sentir o sentimento de solidão durante muitos momentos da vida. O que impede do indivíduo de adoecer é a habilidade de lidar com esse sentimento, utilizando-o para a nossa própria evolução pessoal, que lhe dá liberdade. Um olhar que desperta o que há de mais criativo no “eu”. Não se trata de descaço com o próximo ou do isolamento proposital como defesa maníaca, mas a procura de uma identidade constituída, pois, aprende-se a cuidar de si mesmo; também, a cuidar dos outros. Klein (1996, p. 352) diz: “A negação da solidão, que com frequência é usada como uma defesa, provavelmente atrapalhará boas relações de objeto, em contraste com uma atitude na qual a solidão é realmente vivenciada”. Por exemplo: as artes; viajar; escrever; compor; ler algo interessante ou até mesmo ficar no quarto ouvindo músicas por horas, são alguns exemplos em que contribuem ao indivíduo encontrar consigo mesmo e aproveitar os benefícios de estar sozinho.

Sinta-se convidado à audição do 429º Domingo Sinfônico, deste dia 30, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei as contribuições dos temas de voracidade do compositor de tango argentino Astor Pantaleon Piazzolla (1921-1992).

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Letra
 Lúdica

Hildeberto
 Barbosa Filho
 hildebertopoesia@gmail.com

Cobiçadas regiões

Há, na minha biblioteca, regiões mais cobiçadas. O território da poesia, por exemplo, é uma delas. Poesia dos paraibanos, dos outros estados, dos estrangeiros. Nem vou citar nomes: são tantos os lidos e amados nesta esfera singular da vida de leitor!

Não gostaria de esquecer nem de omitir ninguém. Todos, cada um a seu modo e dentro do retângulo imprevisível da fala lírica, ensinam-me a geometria da paixão e a solenidade das coisas inúteis. Ou, em outra medida, a convicção de que o caos lateja no espetáculo do coração humano.

Passo muitas horas, muito dias, muitos meses, anos e anos frequentando a geografia dos versos. Viajo, como se fora um mágico andarilho ou um estranho colecionador de pérolas, pelas planícies e cumes das palavras de pequenos e grandes poetas, anônimos e consagrados, clássicos e modernos.

Ora, me vejo embrenhado pelas matas do Rio Paraíba, lendo, em suas margens solitárias, a canção de dor de Augusto dos Anjos. Ora, atravesso as pontes de Recife, serenado na humildade melancólica dos versos de Manuel Bandeira. Ora, escalo os declives das montanhas de Minas Gerais, sonhando em ser um outro fazendeiro do ar, Carlos Drummond de Andrade me revelando a latência poética que dorme no ferro e na pedra. Ora, sou atraído pelo cheiro de maresia, pelas ilhas de Maceió, seus caranguejos e suas ostras de odores perfurantes, ou pelo negrume da noite que veste o sangue na Serra da Barriga, as invenções e o desamparo de Orfeu, e diálogo com o pirata Ledo Ivo e com o feiticeiro Jorge de Lima. Ora, fico à beira do Sena, principalmente Charles Baudelaire me conduzindo pelos terraços de Paris, pela desolação da vida. E mais: T. S. Eliot, Fernando Pessoa, Jorge Luís Borges, Federico Garcia Lorca e tantos e tantos, povoando o silêncio das imagens amadas.

Mas, não é só a poesia, que me atia o desejo ou a volúpia da leitura, a ter uma preferência em meio à vasta coleção de livros que fui formando ao longo da vida. Claro: a poesia me é essencial. Sem ela, talvez, não tivesse percorrido certos caminhos, adorado certas coisas, lutado por certas causas, amado certas pessoas, experimentado certos sentimentos que me jogaram, em plena luz da rotina ordinária, na tempestade revolta e escura do espanto e do êxtase.

É..., no meio da jornada, tinha a poesia, seu duro e doce vocativo, para me aproximar do mistério e da sacração de todas as coisas.

Passo, agora, a falar de outra região que amo por demais e que tem meu apreço especial nas viagens que faço pelo espaço de minha biblioteca. Vou chamá-la de livros. A região dos livros. Dos livros sobre livros.

Sempre estou lendo algo do ramo. Coleciono títulos e volumes cujo assunto central seja o livro. Do livro e seus derivados. A história, a estética, a editoração, as edições, as coleções; sociologia, autores, capas, vinhetas, tipografia, dedicatórias, epígrafes, ilustrações, traduções, tipo de papel, tamanho, alinhamento, diagramação, tudo me seduz no contato com o livro. E cada tópico destes pode configurar a temática central de um livro.

À essas alturas, sou tomado pelo aroma de suas narrativas imaginárias. Tateio páginas como se tocasse a fina pele de um animal sagrado. Ouço a melodia que se dissemina pelo corpo dos parágrafos, pelos capítulos que nunca se completam, por um vocabulário perdido e isolado que vale por mil imagens. Vejo a cor dos fenômenos que se cristalizam na dança da leitura. Degusto o sabor de cada proposição, alicerçada no sonho e no fetiche do adorável objeto, ao mesmo tempo físico e virtual.

O livreiro, a livraria, o bibliófilo, o bibliômano, os homens-livro e tudo mais que pode alimentar a bibliólido estimula o convívio do leitor e amplia os horizontes incalculáveis da leitura. O leitor e a leitura também integram as paisagens dessa região maravilhosa. Compreendo perfeitamente, portanto, a obsessão daquele personagem de Machado de Assis que “lia de manhã, de tarde e de noite, ao almoço e ao jantar, antes de dormir, depois do banho, lia andando, lia parado, lia em casa e na chácara, lia antes de ler e depois de ler”.

Ler, ler de um tudo, porém, sempre ler livros sobre livros. Sobre leitores, sobre leitura. Aqui, existe uma variedade imensa. Os livros técnicos e científicos. Estes nos mostram aspectos materiais relevantes no processo de consumação do livro. São, no mais das vezes, leituras áridas, motivadas pela necessidade de informação. Há os livros que testemunham o prazer da leitura, trazendo à tona a memória dos momentos capitulares, o quanto o livro abastece e fertiliza a imaginação e a fantasia do leitor. Estes são bênção e bálsamo. Verdade e beleza.

Melhor ainda, nos livros sobre livros, além de tê-los à palma da mão, é descobri-los, adquiri-los, lê-los e amá-los numa única operação. Com um amor indissolúvel, uma dedicação poética, uma entrega absoluta.

‘Blockbusters’ retornam às telas dos cinemas

O cinema no mundo atual – mais nos Estados Unidos, menos na Europa e no Brasil – tem mostrado que o drama existencial de seus personagens, sejam esses glamorosos (*red carpet glam*) de Hollywood, ou não, deu lugar à “cinema eletrônica”. O clássico cine drama de antes, realmente existencialista da conduta humana, parece agora “travestido” em seriado de TV; ou migrado às plataformas de *streamings*.

Pelo que se nota, no campo da criação audiovisual, tudo anda alterado. Mais ainda, por conta dessa história de “inteligência artificial”, considerada o *grand debut*. E para quem ainda não sabe, a IA (Inteligência Artificial) é uma área da Ciência da Computação que possibilita criar máquinas “inteligentes”, possíveis de executar tarefas que só o ser humano é capaz de pensar e fazer. E nos parece que o filme *Barbie*, hoje em cartaz, sutilmente, já consegue abrir esse aparente espaço inventivo como narrativa, sugerindo a virtualidade de uma boneca superinteligente. Inovação tecnológica que vem permitindo a substituição de atores reais por “personagens eletrônicos”, que tem gerado muita insatisfação no meio artístico e recentes manifestações públicas de grevistas; por enquanto, nos EUA.

Sabido é que, grande parte da atual produção audiovisual vem adotando influências virtuais com a digitalização em frames. Recurso de edição que tem motivado a criação de “cênicas” visualmente alucinantes, avocando o que eu chamaria de “pirotécnicas eletrônicas”. São modismos imagéticos, propiciando nar-

Foto: Warner Bros./Divulgação



Atriz Margot Robbie, intérprete de ‘Barbie’

rativas voláteis que, sequer, dão tempo (visual e auditivo) à “leitura” do espectador comum, por mais célere que seja a sua capacidade mental.

Esse tema do “modismo”, que faço questão de retomar, oportunamente, tem dois motivos: a recente estreia nacional, inclusive em nossa capital, da produção dirigida por Greta Gerwig – *Barbie*; também, a publicação de matéria do parceiro de **A União**, Audaci Junior, pela qual o parabênizo. Especialmente, ao fazer uma analogia do “clarão cegante resultante de uma nuvem de cogumelo da bomba atômica”,

como referência a uma outra produção em lançamento – *Oppenheimer* –, filme sobre a criação da bomba atômica nos EUA, que entra também em cartaz no mercado exibidor brasileiro.

Pois bem. Refiro-me primeiro a *Barbie*, que está assolando o mundo todo como “endemia cor-de-rosa” e que foi rotulado de “*Barbieheimer*”, numa alusão ao filme *Oppenheimer*, de Christopher Nolan, este também lançado no mercado exibidor ao mesmo tempo, mas com vistas ao *streaming*. Obras que já auferiram fama de *blockbusters*. Quer dizer, filmes “arrasantes” de bilheteria e fortes concorrentes a prêmios e mercados.

Na indústria do cinema, sobretudo a hollywoodiana, desde seu início muitos foram os algoritmos a demandar espaços para uma melhor aceitação público-publicitária às suas produções – *blockbusters* terá sido um deles. Eram filmes que traziam mais vantagens sobre os demais, tanto em recursos financeiros de produção como em número de cópias distribuídas à exibição nos Estados Unidos da América, também em outros países.

O certo é que, a expressão *blockbuster* é mais antiga do que se possa pensar. Já durante a Segunda Grande Guerra, lá pelos idos dos anos de 1940 e alguma coisa mais, a RKO produziu o filme *Bombardeiro* (*Bombardier*), logo considerado um grande *blockbuster*. Melhor dizendo, “como o maior de todos os shows de ação e emoção”. Hoje, mais um *remake* de alta moda, ainda mais cor-de-rosa. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse: www.alexasantos.com.br.



APC se congratula com o prof. Zé Octávio

Integrantes da Academia Paraibana de Cinema (APC), com o aval de sua presidente Zezita Matos, se congratulam com o historiador e professor José Octávio de Arruda Mello, e agradece pelo convite ao lançamento de seu livro (já a 14ª edição) *História da Paraíba – Lutas e Resistência*, que aconteceu no auditório da Justiça Federal, no Bairro dos Estados, em João Pessoa, na tarde da quinta-feira passada (dia 27). O professor Zé Octávio, que é normalmente conhecido na imprensa e nos meios universitários, integra a Academia Paraibana de Letras (APL), ocupando a cadeira 10, e é autor de várias obras sobre a História da Paraíba.

EM cartaz

ESTREIAS

O CONVENTO (Consecration. Reino Unido, EUA. Dir.: Christopher Smith. Terror. 16 anos). Grace (Jena Malone), uma jovem oftalmologista, é chamada para ir até um remoto convento na Escócia após o suposto suicídio de seu irmão, que era um padre. Desconfiando do relato da Igreja, ela inicia uma investigação para tentar descobrir o que realmente aconteceu com a ajuda do padre Romero (Danny Huston), do Vaticano. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h20 (dub.) - 15h40 (dub.) - 17h50 (dub.) - 20h15 (leg., sáb.).

MANSÃO MAL-ASSOMBRADA (Haunted Mansion. EUA. Dir.: Justin Simien. Comédia e Fantasia. 14 anos). Gabbie (Rosario Dawson) é uma mãe solteira que se muda com seu filho de nove anos para uma mansão em Nova Orleans, EUA, que eles compraram por um preço surpreendentemente baixo. Eles querem começar uma nova vida ali, mas logo percebem o local é assombrado e ela pede a ajuda do padre local Kent (Owen Wilson) para livrar a casa dos espíritos malignos. Inspirado na atração clássica do parque temático. CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 12h30 (exceto sáb. e dom.) - 15h15 - 20h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h15 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h - 18h20 - 20h40; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h - 18h20 - 20h40.

MISSÃO DE SOBREVIVÊNCIA (Kandahar. EUA, Arábia Saudita. Dir.: Ric Roman Waugh. Ação. 14 anos). Durante uma de suas missões no Afeganistão, o agente secreto Tom Harris (Gerard Butler) se vê encurrulado em meio a um território hostil após ter sua identidade revelada. Agora, para escapar, sua única saída é tentar chegar o mais rápido possível a uma base de resgate em Kandahar, contando com a ajuda de seu intérprete. CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 22h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 18h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 18h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h30.

PRÉ-ESTREIA

LOUCAS EM APURADOS (Joy Ride. EUA. Dir.: Adele Lim. Comédia. 16 anos). As amigas Audrey (Ashley Park), Lolo (Sherry Cola), Kat (Stephanie Hsu) e Deadeye (Sabrina Wu) se unem após uma viagem a negócios mal-sucedida. Juntas, elas vão experimentar uma jornada épica pela Ásia em busca de uma das mães biológicas delas, passando por diversos momentos de autodescoberta, estreitando ainda mais seus laços de amizade e aprendendo a amar a si mesmas antes de qualquer coisa. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (leg.): 20h15 (exceto sáb.).

CONTINUAÇÃO

OS AVENTUREIROS: A ORIGEM (Brasil. Dir.: André Pelenz. Aventura e Comédia. Livre). Quando Luccas (Luccas Neto) e seus amigos decidem invadir o laboratório de um recém-desaparecido cientista, o grupo é sugado para um portal que os leva para outra dimensão. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 13h40 (sáb. e dom.).

BARBIE (EUA. Dir.: Greta Gerwig. Comédia e Fantasia. 12 anos). Em Barbieland, todas as versões da boneca Barbie vivem em completa harmonia. Porém, uma das bonecas (Margot Robbie) começa a perceber que talvez sua vida não seja tão perfeita assim. Depois de ser expulsa, ela parte com seu amado Ken (Ryan Gosling) para uma aventura no “mundo real”. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 15h30 - 18h; CENTERPLEX MAG 4: 14h (dub.) - 16h30 (dub.) - 19h (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 13h30 - 16h15 - 19h - 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 14h15 (dub.) - 17h (dub.) - 19h45 (dub.) - 22h20 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 12h45 (dub.) - 15h30 (dub.) - 18h15 (leg.) - 21h (dub.); CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 12h - 14h45 - 17h45 - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE: 13h10 (dub.) - 16h (leg.) - 18h45 (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 14h - 16h30 - 19h15 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 13h45 - 16h30 - 19h15 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 12h15 (exceto sáb. e dom.) - 15h - 17h45 - 20h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 13h15 - 16h - 18h45 - 21h30; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 15h30 - 17h45 - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h30 - 16h40 - 18h50 - 21h; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h - 16h10 - 18h20 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h30 - 16h40 - 18h50 - 21h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h - 16h10 - 18h20 - 20h30.

ELEMENTOS (Elemental. EUA. Dir.: Peter Sohn. Animação. Livre). Em uma cidade onde os habitantes de fogo, água, terra e ar convivem, uma jovem mulher flamejante e um rapaz que vive seguindo o fluxo descobrem o quanto eles têm em comum. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 15h; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 13h - 15h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 12h30 (sáb. e dom.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 14h (sáb.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h15; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h15; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 14h (sáb.).

HOMEM-ARANHA ATRAVÉS DO ARANHAVERSO (Spider-Man: Across The Spider-Verse. EUA. Dir.: Joaquim dos Santos, Justin K. Thompson e Kemp Powers. Animação. Livre). Depois de se reunir com Gwen Stacy, Homem-Aranha é pego através do Multiverso, onde ele encontra uma equipe de Pessoas-Aranha encarre-

gada de proteger sua própria existência. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 12h30 (sáb. e dom.).

MISSÃO IMPOSSÍVEL: ACERTO DE CONTAS PARTE 1 (Mission: Impossible – Dead Reckoning Part One. EUA. Dir.: Christopher McQuarrie. Aventura. 12 anos). Ethan Hunt (Tom Cruise) e sua equipe da IMF embarcam na missão perigosa de rastrear uma nova arma que ameaça toda a humanidade se cair nas mãos erradas. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 15h50 (dub.) - 19h10 (leg.) - 22h30 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 17h15 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h30 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h30 - 20h45.

OPPENHEIMER (EUA. Dir.: Christopher Nolan. Drama histórico. 16 anos). Durante a Segunda Guerra Mundial, J. Robert Oppenheimer (Cillian Murphy) é um físico teórico da Universidade da Califórnia e diretor do Laboratório de Los Alamos durante o Projeto Manhattan, que tinha a missão de desenvolver e construir as primeiras bombas atômicas, responsáveis pelas tragédias nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão, em 1945. CENTERPLEX MAG 1: 17h15 (dub.) - 20h45 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (leg.): 12h15 (exceto sáb. e dom.); CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 18h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 13h45 - 17h30 - 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 20h45 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h40 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h40 - 20h.

MOSTRA DE CINEMA ITALIANO - BANGUÊ (JP)

JOGADA DE AMOR (Dir.: Riccardo Milani. Comédia. 14 anos). Um mulherengo incurável, aceita o desafio dos amigos e finge ser deficiente para sair com uma tenista paraplégica. CINE BANGUÊ: 30/7 - 16h.

MUNDO CÃO (Dir.: Alessandro Celli. Drama. 16 anos). No futuro, uma cidade foi isolada do resto do país devido aos danos de uma siderurgia. Lá, as gangues controlam o local. CINE BANGUÊ: 31/7 - 20h30.

NOSTALGIA (Dir.: Mario Martone. Drama. 14 anos). Depois de vários anos vivendo no Egito, mulher retorna a Nápoles para reencontrar a mãe idosa que havia abandonado sem aviso quando ainda era adolescente. CINE BANGUÊ: 31/7 - 18h30.

A VIAGEM DE PAPA FRANCISCO (Dir.: Gianfranco Rosi. Documentário. 14 anos). Um diálogo entre as viagens do Papa Francisco e o estado do nosso mundo. CINE BANGUÊ: 30/7 - 18h.

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Pennante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

EVENTO

Imagineland termina neste domingo

Muitas atrações desfilarão pelo Centro de Convenções de João Pessoa nas áreas de quadrinhos, cinema e 'games'

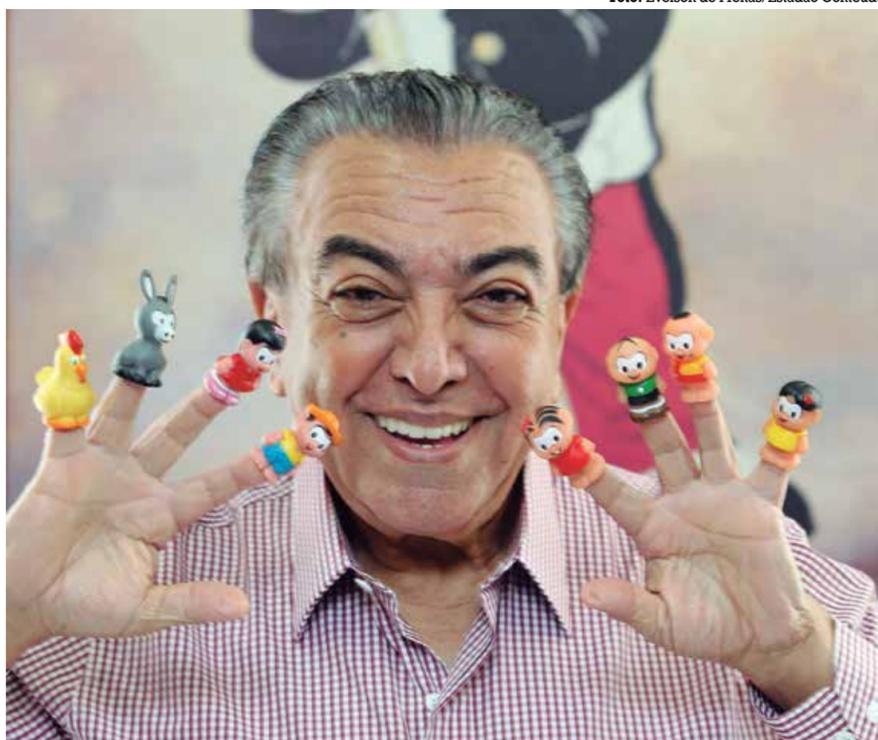
Da Redação

Após dois dias intensos de cultura pop, o clima *nerd* e *geek* da edição inaugural do Imagineland chega na sua reta final no derradeiro dia do evento. Hoje, no Centro de Convenções de João Pessoa, haverá ainda muitas atrações, sobre tudo no universo dos quadrinhos.

Na programação oficial, ao meio-dia, o painel "Reimaginando a Turma da Mônica" terá o jornalista Sidney Gusman, idealizador e editor do selo Graphic MSP, que contará o desafio de reinterpretar os clássicos personagens da Turma da Mônica com vários artistas ao redor do Brasil, incluindo a Paraíba, com Shiko (em *Piteco - Ingá*).

A partir das 13h, no Centerplex A Pedra do Reino, o ex-Omelete Érico Borgo fala sobre seu livro, *Nerd*, e também da sua trajetória. Haverá também – em vários horários pela tarde – sessões de fotos e autógrafos dos atores internacionais David Ramsey (*Arrow*), Julie Caitlin Brown (*Star Trek* e *Babylon 5*) e Edgar Vivar, o Seu Barriga (e também o Nhonho) do seriado *Chaves*.

Já a partir das 14h, haverá o painel "Trabalhando para Marvel e DC", com os quadrinistas brasileiros



Criador da Turma da Mônica, Mauricio de Sousa (E) receberá o "Título de Cidadão Paraibano"; outra lenda das HQs, Frank Miller (D) vai participar de sessões de fotos e autógrafos

Daniel HDR e Lucas Werneck, que vão comentar seus principais trabalhos e contam como é desenhar para as duas maiores editoras dos EUA.

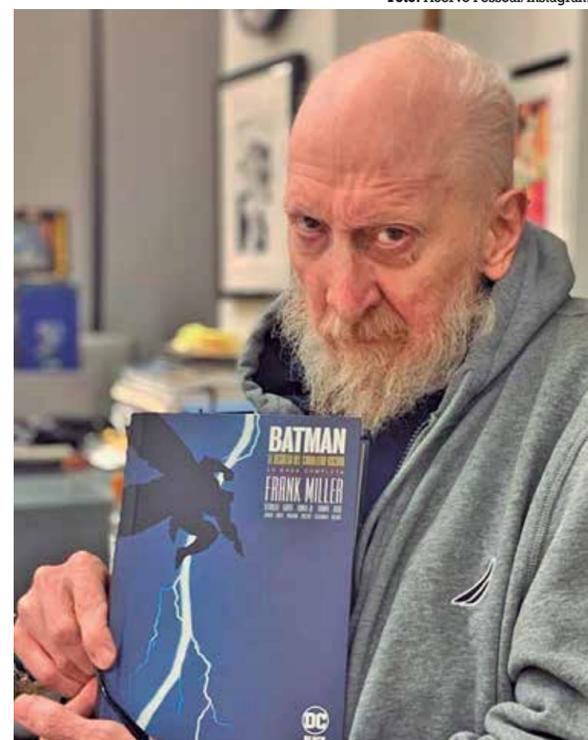
Às 16h, será a vez do quadrinista Rick Troula, que trabalhou na obra *Death Hunt*, em parceria com a Pow Entertainment, a partir de um conceito original de uma lenda das HQs, Stan Lee (1922-2018).

Falando em "lendas", Frank Miller – autor de grandes HQs como *Batman - O Cavaleiro das Trevas*, *300 de Esparta* e a série *Sin City* – e Mauricio de Sousa vão estar no evento, em sessões de autógrafos e fotos que serão bastante disputadas pelos fãs de ambos.

O "pai" da Turma da Mônica, inclusive, vai ganhar um painel "A história do criador da turma da Mônica", a

partir das 16h, no Centerplex A Pedra do Reino, além de o veterano quadrinista de 87 anos receber o "Título de Cidadão Paraibano".

No Pavilhão Gamer, setor onde funciona a Arena Gamer, haverá as finais do maior campeonato de e-Sports do Nordeste, com os jogos *League of Legends* e *CS:GO*. Os times irão disputar ao vivo uma premiação total de R\$ 20 mil.



Vão se encerrar também os concursos de *cosplay* e de *k-pop*, com R\$ 12 mil em prêmios para concurso de dança pop coreana e mais R\$ 10 mil para o Cosplay Cup.

O Imagineland é realizado pela Non Stop, Ei! Nerd, Eleven Dragons, Grupo Spola e Fpass, com apoio do Governo do Estado da Paraíba, da Prefeitura de João Pessoa e da Azul Linhas Aéreas.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial do evento para a programação completa

Correio das Artes

Concurso Literário: Minicontos

Um conto, seu ponto e várias reticências...

Fruto do diálogo entre A União e o circuito cultural e artístico paraibano, o suplemento Correio das Artes abre-se para receber as contribuições dos escritores paraibanos no Concurso Literário: Minicontos.

Mesmo na economia de palavras, a curtíssima narrativa do miniconto consegue sugerir personagens, cenários, contextos, sendo um ótimo formato para as experimentações na arte da escrita e, também, para descoberta e lapidação de muitos talentos.

Traduza a sua imaginação em palavras e inscreva até cinco minicontos. Seus textos poderão ser publicados em antologia a ser lançada pela Editora A União. Participe!

Inscrições gratuitas

30/06 a 11/08



ARRECAÇÃO

Estado espera crescimento de 10% com ajuste fiscal

Investimentos próprios apontam para taxas maiores de desenvolvimento

Juliana Teixeira
julianaaraujoteixeira@gmail.com

Depois de sofrer com efeitos das Leis complementares 192 e 195, que proibiram a fixação de alíquotas de ICMS para combustíveis – e outros setores da economia – maiores do que às das operações em geral (17% na maior parte dos estados), a Paraíba inicia o segundo semestre com a previsão de crescimento na arrecadação. No primeiro semestre deste ano, o estado alcançou uma pequena margem de 4,9% de crescimento, considerado pouco, tendo em vista a aplicação da inflação.

A expectativa para o segundo semestre é positiva, com previsão de crescimento na ordem de 10% na arrecadação tributária estadual. O secretário da Receita Estadual, Marialvo Laureano, fez uma projeção positiva e explanou ainda sobre alguns dos motivos que estão relacionados a essa tendência.

O crescimento na arrecadação está diretamente relacionado à projeção de aumento do número de investimentos próprios. “As transferências são de 7% e teremos condições de fazer investimentos com receita própria, por causa desse crescimento previsto”, adiantou Marialvo Laureano.

Para estes próximos dois semestres, final de 2023 e primeiro de 2024, o governo da Paraíba projeta a execução de investimentos focados no desenvolvimento local, infraestrutura rodoviária e hídrica. Entre os projetos previstos, está o Transparaíba, que terá mais de 700 quilômetros de extensão e vai levar água através de adutoras e a conclusão do canal Acauã-Araçagi. O Sistema Adutor Transparaíba, ramal do Curimataú, já contou com investimentos da ordem de R\$ 285 milhões, recursos próprios do Tesouro Estadual, e que beneficiaram mais de 100 mil pessoas.

Rômulo Polari Filho, diretor executivo da Companhia Paraibana de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep), aponta o foco na continuidade dos investimentos na malha rodoviária do estado, tendo em vista a melhoria da infraestrutura, que é capaz movimentar a economia.

“O governo vem mantendo fortes investimentos que movimentam economia e que geram condições para tornar a Paraíba mais atrativa para investidores virem implantar as empresas e os que aqui estão, ampliarem os seus negócios. Esses investidores estão monitorando os indicadores de qualidade da malha rodoviária, infraestrutura e custos de transportes. Isso vem somando as contas do estado que estão em dia, fazendo as tarefas de casa, sendo premiado com rating A, tanto do tesouro nacional, quanto com consultorias contratadas para essa avaliação”, explicou.

Em 2023 a Paraíba conquistou, pelo terceiro ano consecutivo, o rating AA+ pela Standard & Poor's Financial Services (S&P Global Ratings), umas das maiores agências de classifica-

ção de risco do mundo. A nota atesta que o governo continua fazendo uma gestão eficiente, com responsabilidade fiscal e capacidade de fazer grandes investimentos com recursos próprios.

“A gente vem constantemente colhendo os frutos das boas práticas de gestão. Isso torna a Paraíba mais tratativa, somado à posição geográfica, hoje a Paraíba de forma muito ousada vem se destacando em nível Nordeste. Um recente estudo publicado pela equipe econômica do Banco do Brasil Nacional, o estado teve o terceiro maior crescimento do PIB da indústria em 2022. Para este ano, teremos a previsão de segundo e em 2024, estaremos em primeiro. A Paraíba vem de forma ousada, se posicionando muito bem em indicadores econômicos nacionais”, completou Rômulo Polari.

Recentemente o governo paraibano lançou um conjunto de medidas de incentivo fiscal, de reduções, isenções de impostos e de inovação para os setores produtivos do Estado, com a finalidade de gerar empregos e impulsionar a economia paraibana. O governador João Azevêdo ressaltou a eficiência da gestão fiscal do Estado e a capacidade do Governo do Estado de tornar o ambiente de negócio da Paraíba mais competitivo com a série de medidas, além de tomar a decisão junto com a equi-

■ Entre os projetos previstos estão o Transparaíba e a conclusão do canal Acauã-Araçagi

pe de gestão fiscal do Estado de não elevar a alíquota modal do ICMS em 2023, apesar de outros 18 estados do país tendo feito o contrário.

“Governar é cuidar das pessoas e quando tratamos da geração de emprego, estamos fazendo isso. Nós tornamos o ambiente de negócio mais atrativo para que a Paraíba continue se desenvolvendo, estamos atraindo novas empresas, fazendo com que a população usufrua da riqueza produzida pelo Estado, com as medidas assinadas hoje que isentam ou reduzem impostos em diversos segmentos da economia”, frisou.

Do ponto de vista de investimentos privados atraídos, Rômulo Polari exemplifica a implantação de empreendimentos como o da AEC, que devem gerar cerca de cinco mil empregos. Mais uma fábrica de celulares, de computadores e dois polos têxtil para João Pessoa. Todos os empreendimentos devem ser instalados no bairro de Mangabeira.



Novos projetos no mercado imobiliário demonstram que o setor aposta no crescimento com novos projetos arquitetônicos

Interiorização também é prioridade

O desenvolvimento e os investimentos não se concentram somente na capital ou grandes cidades. Para o governador João Azevêdo é um desafio ampliar os raios do desenvolvimento, para que cheguem ao interior.

João Pessoa e Campina Grande há alguns anos polarizaram, não só a produção científica, como a economia. As pessoas saíam do Sertão para fazer compras em Campina Grande. Então ao longo deste tempo o governo estadual vem trabalhando na distribuição de investimentos.

Segundo o governador João Azevêdo, essas duas cidades não são capazes de gerar empregos para atender a toda a população de todo o estado. “Não há nada mais saudável do que promover desenvolvimento em cidade, em que os filhos daquela cidade possam ter a renda vinda lá de dentro, de sua própria cidade. O Estado da Paraíba é privilegiado por ter um conjunto de universidades espalhadas por todo estado. O ensino superior está espalhado em todo estado, o que significa uma riqueza de possibi-

lidade de desenvolvimento. Uma rede de ensino, a comunicação chegando a todos os cantos, a infraestrutura necessária para implantar fábricas distritos em cada cidade, a gente monta o modelo ideal para desenvolver os arranjos produtivos locais. A economia vai acontecer no interior. Um exemplo disto é Patos, Sousa, Cajazeiras, Monteiro, que têm estrutura extraordinária”, exemplificou.

João Azevêdo explicita a intenção do desenvolvimento regional. “O Sertão tem duas possibilidades que se

apresentam por conta da natureza, no caso das energias renováveis, solares e eólicas, que estão disponíveis e empresas de vários países operando e produzindo energia. E agora, temos a possibilidade de ter um elemento como o radiotelescópio Bingo, que vai ser instalado no município de Aguiar, que oferece condições técnicas, como ‘zona de silêncio’, sem nenhuma interferência eletromagnética, para fazer pesquisas espaciais, sem interferências”. Vamos aproveitar isso para fazer a Paraíba crescer de canto a canto”.

Construção civil atrai novos projetos

Há 27 anos no mercado, a Massai é uma construtora que se destaca no setor imobiliário. Atuando em João Pessoa e Campina Grande, na Paraíba, e em Mossoró, no Rio Grande do Norte, figura entre as cem maiores construtoras do Brasil, de acordo com o ranking nacional da Intec, e é reconhecida por ser uma das empresas mais respeitadas e admiradas no mercado da construção civil do país.

A construtora tem ampliado suas operações na Paraíba e entre as justificativas figuram o bom desempenho fiscal e de gestão da Paraíba.

O gestor comercial e de marketing da construtora, Lucas Silveira, explicou que com as boas condições apresentadas pela Paraíba nos últimos anos foi possível aumentar os valores investidos no estado. Os valores conseguiram movimentar toda a ampla cadeia da indústria da construção civil e mercado imobiliário, o que traz em conjunto, a geração de emprego e renda. O volume investi-

do pela Massai em empreendimentos no último período girou acima da faixa de meio bilhão de reais em VGV (Valor Geral de Venda).

“Temos um dado interessante em nossa região, onde a indústria da construção civil desponta com aproximadamente 33% da representatividade da fatia industrial geral, o que nos concede o primeiro lugar nessa classificação. Tivemos em média 390 colaboradores diretos trabalhando na administração e nas obras durante esse período e gerando indiretamente mais 1.100 postos de trabalho. Nosso foco é desenvolver novos produtos de acordo com a demanda regional, buscando atender à sociedade da melhor forma possível, inovando com empreendimentos que gerem soluções urbanas na área residencial e comercial, onde ambas possuem uma demanda crescente devido ao aumento populacional e desenvolvimento do nosso estado”, explicou.

O gestor comercial ainda avaliou que as políticas públicas implementadas nos últimos anos têm sido fundamentais para a construção civil.

“As políticas públicas favorecem esse desenvolvimento, visto que tanto à nível nacional, estadual e municipal, o poder público tem cada vez mais entendido a importância do nosso setor como propulsor da roda do desenvolvimento através de emprego



Lucas Oliveira, da Massai

e renda para as famílias e tem fornecido subsídios e incentivos tanto para quem compra como para quem vende”.

“É importante ressaltar que apesar dos naturais desafios que uma indústria tão ampla e complexa enfrenta, os ventos estão a favor do mercado da construção civil em nossa região. Existe uma cadeia de profissionais e empresas que atuam em nosso mercado que estão comprometidas em entregar projetos diferenciados a um custo relativamente muito acessível quando comparado com outras regiões. Além disso, temos o privilégio de residir em um estado com qualidade de vida em vários aspectos, como foi evidenciado recentemente por pesquisas internacionais (S&P Global Ratings) onde fomos classificados no Ranking como AA+, onde foram considerados aspectos como qualidade de vida, infraestrutura e outras categorias que impactam na valorização de todo o estado”, concluiu.

Memórias

A União

Uma vida dedicada à busca de boas histórias sobre dramas como a seca

Jornalista pautou a vida na profissão fazendo reportagens, denunciando injustiças e relatando grandes iniciativas para melhorar a vida das pessoas, como a construção das obras de transposição de águas do São Francisco

Luiz Carlos Sousa
lucbjp@gmail.com

A história de José Euflávio Horácio com **A União** está ligada à produção de grandes reportagens. Repórter na essência, Euflávio nunca quis trabalhar na “cozinha” da Redação. Pautou-se pela investigação de dramas humanos, como os enfrentados pelos nordestinos na convivência com a seca. Também denunciou torturas e deu “furos” importantes, como a notícia da morte da líder sindical Margarida Maria Alves. Diz que já se emocionou na produção de matérias, mas lembrou que o repórter tem que ter o coração duro, porque é preciso ser frio para apurar bem. Na conversa com o **Memórias A União**, ele relata como cobriu os conflitos de terra em Alagamar e em Camucim, fala do destemor do arcebispo Dom José Maria Pires. Narra, também, como fez as reportagens sobre a transposição de águas do Rio São Francisco, esclarecendo como água poderia ser utilizada e quanto custaria para cada paraibano.

Entrevista

■ *Como é que começou a sua história com A União?*

A minha história n' **A União** começou no governo Burity, no final da década de 70, lá na João Amorim, quando a Redação funcionava lá. Fiz diversas coberturas. Cobi a invasão da terra dos agricultores de Alagamar, cobi o conflito de Camucim, em Pitimbu. O editor era Agnaldo Almeida. Sempre gostei de fazer reportagem. Nunca gostei de fazer matéria do dia a dia.

■ *Nem de trabalhar na “cozinha” do jornal?*

Não. Não gosto. Acho que trabalhar em cozinha do jornal é muito desgastante, porque se cria muito conflito. Você cobra das pessoas, que são muito malandras, recebem uma pauta e passam três, quatro dias sem cumprir, trazendo desculpa. E no jornalismo, desculpa é algo que não cabe. O que interessa ao editor é que ele receba a matéria pronta.

■ *E isso acaba sendo cena comum na Redação?*

É. Lembro que, no tempo de Agnaldo Almeida, ele dava uma pauta e umas meninas e uns rapazes que recebiam traziam sempre uma desculpa: “Eu não encontrei fulano, não encontrei sicrano” e acabava a matéria não saindo. E Agnaldo tinha uma história: “Eu vou mostrar que essa matéria sai”, dizia e me dava a pauta. Me desabrigava do dia a dia do jornal e me dava dois, três dias para eu trazer a matéria, que eu trazia.

■ *Aliás, aproveitando essa sua referência a Agnaldo e à Redação da João Amorim, parece que todo mundo veio daquela fermentação?*

É porque a Redação de **A União** tem até um termo que se usa, que diz: “**A União** é a escola de jornalismo da Paraíba”.

■ *Foi José Américo...*

Então, não existe nenhum bom jornalista na Paraíba que não tenha passado por **A União**, que tem essa qualidade. Primeiro, é um jornal que não entra, por ser um jornal estatal, nessa história do conflito político.

■ *No “name-name”?*

A história de **A União** é mais de fazer matéria sobre turismo, grandes reportagens.

■ *Políticas afirmativas de governo...*

Políticas afirmativas de governo. Mas não entra nesse “name-name” de o deputado fulano de tal disse ontem que não sei o quê. Isso não interessa para **A União**. Até porque, por ser um jornal estatal, a opinião política d' **A União** pesa menos do que a opinião política de um jornal particular. Alguém, não sei quem

matar Júlio César e eu vou levar um tiro de graça. Me escondi por trás do coqueiro.

■ *O que não era muito difícil?*

Magrinho, né? Me escondi por trás do coqueiro, mas terminou tudo bem. Depois a gente entrou e Dom José conversou com os agricultores.

■ *Mas Euflávio, dois registros que valem a pena um comentário seu ou uma análise. Um: o arcebispo Dom José Maria Pires, que figura humana, que exemplo de homem na luta pelos pobres. E o segundo: como os conflitos de terra marcam uma época na Paraíba?*

Nas décadas de 70 e 80, os conflitos foram muitos. Lembro, quando **A União** funcionava no prédio da antiga Biblioteca do Estado, na General Osório, da morte de Margarida Maria Alves. O repórter tem que ter um pouco de sorte.

■ *Estar no lugar certo?*

Na hora certa. Então, eu tenho uma amiga em Campina Grande, com quem fui passar o final de semana, Vânia Rodrigues. Estava na casa de Vânia, e o telefone toca. Era Simão Almeida dizendo

que tinha sido informado que tinham assassinado Margarida Maria Alves e que ele precisava ir para Alagoa Grande. Pedi o carro emprestado. Vânia disse: “Não, eu vou com você, inclusive, Euflávio está aqui”. Era um sábado, e a gente foi para Alagoa Grande, na casa de Margarida. O corpo ainda estava lá estendido na sala da casa dela. Me informei sobre o que tinha acontecido e liquei para a redação do jornal. Coincidentemente, quem atendeu o telefone foi você, que fechava a primeira página do jornal junto com Antônio Costa. Eu ditei uma notícia curta, que saiu na primeira página de **A União** do dia 13 de agosto de 1983. Foi um furo. O outro veículo que deu foi o Jornal do Brasil, no dia seguinte. Essa cobertura me empolgou muito. O jornal me escalou para cobrir, acompanhar o desenrolar da apuração do crime pelo delegado especial - designado pelo secretário de Segurança, Fernando Milanez -, que era o Gilberto Indruski da Rosa.

■ *Como você se antecipava?*

A reportagem de **A União** andava na frente das informações da Polícia.

■ *Mas e a sua avaliação dos conflitos? A gente sabe também que havia problemas de conflitos pela posse de áreas que não eram mais produtivas, que estavam abandonadas e os trabalhadores lutando pela reforma agrária, e o papel de Dom José nessa história?*

Tinha Dom José, Júlio César Ramalho, Wanderlei Caixe no Centro de Defesa de Direitos Humanos da Arquidiocese, que fazia, de forma gratuita, a defesa dos trabalhadores nesses conflitos de terra. Quando os fazendeiros invadiram a terra dos trabalhadores, Wanderley advogava de graça para esses trabalhadores, para defender a posse da terra por parte dos trabalhadores rurais. Foi uma época de muito conflito...

■ *Você se lembra com detalhes de Camucim?*

Morreu gente por conta dos conflitos. A luta pela terra, em si, é muito violenta, porque os grandes fazendeiros não admitem que os trabalhadores façam o uso da terra. E eles acabavam invadindo a terra dos trabalhadores, e os trabalhadores, por sua vez, invadiam terras que eram devolutas, terras que eram produtivas e deixaram de ser produtivas. As usinas foram falindo, foram fechando e eles invadiam as terras. Camucim não é nada mais do que isso. Uma invasão de terra de uma usina que tinha lá na região de Pitimbu. Os trabalhadores invadiram um pedaço de terra e pediram a Júlio César Ramalho a desapropriação ao Inbra, que começou o pro-

■ *Euflávio soube da morte de Margarida Alves, num sábado, foi a Alagoa Grande e fez a matéria*



Euflávio conta que, algumas vezes, tremeu diante da reação de personagens durante a apuração de fatos para suas matérias

■ *Farejando tudo?*

Era. E, por conta disso, tinha um conflito muito grande com o grupo da Várzea, a quem atribuíam a morte de Margarida. **A União** é interessante, um jornal do governo, mas, por exemplo, o grupo da Várzea apoiava o governo. Eu fui demitido d' **A União** apurando a morte de Margarida, porque eu andava na frente e existia um segredo, uma luta interna.

■ *Qual era o segredo?*

Tentar esconder o que aconteceu com a morte de Margarida, tanto que prenderam os ciganos em uma cidade do Rio Grande do Norte chamada Nova Cruz.

■ *Você a conhecia antes?*

Conhecia. Eu a conheci, coincidentemente, num comício de Wilson Braga. Fui escalado para cobrir o comício em Alagoa Grande, e Margarida estava no palanque, discursou pedindo voto aos trabalhadores.

■ *Mas e a sua avaliação dos conflitos? A gente sabe também que havia problemas de conflitos pela posse de áreas que não eram mais produtivas, que estavam abandonadas e os trabalhadores lutando pela reforma agrária, e o papel de Dom José nessa história?*

Tinha Dom José, Júlio César Ramalho, Wanderlei Caixe no Centro de Defesa de Direitos Humanos da Arquidiocese, que fazia, de forma gratuita, a defesa dos trabalhadores nesses conflitos de terra. Quando os fazendeiros invadiram a terra dos trabalhadores, Wanderley advogava de graça para esses trabalhadores, para defender a posse da terra por parte dos trabalhadores rurais. Foi uma época de muito conflito...

■ *É um contrato com dois interesses, um quer ser empregado e o outro quer empregar.*

E se não me querem trabalhando, de nunca questionei isso. Nonato até pediu desculpa. Eu disse: não, rapaz, não tem problema nenhum. Você não tem culpa nenhuma disso, não tem nada disso, não. Pode ficar tranquilo que eu não vou atrás de saber o que foi que aconteceu. Nunca procurei saber o que aconteceu. Nunca fui à procura de ninguém para saber o que tinha ocasionado a minha demissão, mas, por trás, eu sabia que era a cobertura que eu fazia de Margarida, até porque Barbosinha, Sebastião Barbosa

de Souza, era o chefe de reportagem de **A União** e era sobrinho de Cassimiro, o marido de Margarida

de Souza, era o chefe de reportagem de **A União** e era sobrinho de Cassimiro, o marido de Margarida

■ *Aliás, Barbosinha escreveu um livro?*

Depois escreveu um livro sobre a morte de Margarida: “A mão armada do latifúndio”. Barbosa conseguiu com Cassimiro muitos documentos, muitas fotos por conta dessas ações trabalhistas, e a Justiça do Trabalho exigiu que as carteiros dos trabalhadores fossem assinadas e os direitos deles reconhecidos com pagamento de Previdência Social etc.

■ *Mas, além dessa história de conflito do campo, você também teve uma presença na reportagem muito ligada à seca. A gente está aqui, inclusive, com um trabalho especial que você fez sobre a tragédia da seca e a luta pela transposição, como foi essa produção?*

Em 2007, Itamar Cândido era o superintendente de **A União** e me chamou para fazer umas reportagens especiais. Ninguém sabia, na Paraíba, o que era a transposição. O problema é que os técnicos nem gostam de chamar de transposição. Gostam de chamar interligação de bacias. Então ninguém sabia o que era e eu fiz essa pauta. Entreguei a Itamar e ele aprovou.

■ *Quem foi com você?*

Augusto Pessoa. Era o fotógrafo. A gente passou 16 dias viajando e fizemos uma reportagem muito ligada à seca. A gente saiu daqui e percorreu o Eixo Leste, foi para Boqueirão e, de lá, a gente entrou em Pernambuco e foi bater na barragem de Itaparica, onde tem a tomada de água do Rio Leste. De lá, a gente cruzou a barragem de Itaparica numa ponte que tem a junta da barragem. A gente entrou na Bahia num lugar chamado Chorrochó, onde a gente passou numa balsa. De lá para Cabrobró, onde se dá a tomada de água do Eixo Norte. Daí, entra para Pernambuco, chega pela Paraíba, e entra no Ceará e no Rio Grande do Norte.

■ *Quanto tempo durou a jornada?*

Passamos 16 dias viajando e fizemos esse trabalho, um caderno bonito, bem feito, modestia à parte. A diagramação de Cícero, um craque na área. Inscrevi essa matéria no prêmio AETC de Jornalismo e **A União** nunca tinha ganhado

o primeiro lugar e nós ganhamos com esse caderno.

■ *Muitas histórias da tragédia que é a falta de água?*

Muita gente brigando por água, andando três, quatro léguas para pegar uma lata d' água. Um desfile de carro pipa pelas estradas, crianças há cinco, seis dias sem tomar um banho. Então foi um material muito bem feito, bem acabado. A gente mostra o desenho do que é a transposição, a interligação de bacias, que Cícero fez com base nas informações que eu peguei no Ministério do Interior.

■ *A União não entra no “name-name”, mas oferece aos leitores algo como esse material. Todo mundo sabia o que era seca, todo mundo vivia seca, a história da indústria da seca já era conhecida de todos, desde Celso Furtado. Ai, de repente, você vem e mostra que a solução que havia começou a andar.*

Isso foi no governo Lula. E esse projeto vem do tempo do Império.

■ *O imperador botou as joias da coroa para um projeto de transposição.*

Eu conto a história do imperador, do primeiro projeto que o imperador encomendou a um cearense.

■ *Que foi que mudou com essa transposição? Você já teve a oportunidade de, por exemplo, percorrer novamente esse caminho?*

Já fui várias vezes lá. O que muda é o seguinte: as pessoas têm uma ideia falsa sobre o que é transposição. Por exemplo, eles acreditam que nós vamos, com a água da transposição, cultivar legumes, verduras, grãos. E não vamos. Isso não vai existir, porque a água que chega na Paraíba é muito cara. Cada paraibano paga, por ano, R\$ 261, que o Governo do Estado paga para ter a água da transposição. Quando ele faz a soma do ano, se ele dividir por toda a população da Paraíba, dá R\$ 261 para cada paraibano. Então é uma água muito cara para você cultivar manga, melão, banana. Irrigação para isso não vai existir com a água da água da transposição.

■ *Como a água será utilizada?*

Ela vai servir para socorrer a população, para não acontecer o que aconteceu em Campina Grande entre 97 e 98, com o colapso do abastecimento. Uma

cidade do porte de Campina Grande ficou sem água, e sem água o município não pode atrair indústria. Porque a indústria precisa de água, de muita água. Então, essa história de dizer que a água vai servir para irrigar, isso é balela, porque vai ficar muito caro. Se você cultivar uma manga na Paraíba com água da transposição, quando ela chegar na feira, vai estar quatro vezes mais cara que uma manga produzida na beira do Rio São Francisco. É uma ilusão. A transposição nunca vai encher o Boqueirão, porque ela não é para isso. Aquilo tem um planejamento. Ela vai regularizar. O canal tem uma torneira, e toda vez que o nível do Açude de Boqueirão baixar, abre-se a torneira para abastecer o Açude de Boqueirão, porque ele abastece 22 cidades no entorno de Campina Grande e mais oito distritos. Então ele regulariza de forma que garante que nunca vai secar, que Campina Grande não vai sofrer com a falta de água.



Para Euflávio, o repórter tem que ser de “ferro”, mas, às vezes, não dá para resistir aos dramas

cidade do porte de Campina Grande ficou sem água, e sem água o município não pode atrair indústria. Porque a indústria precisa de água, de muita água. Então, essa história de dizer que a água vai servir para irrigar, isso é balela, porque vai ficar muito caro. Se você cultivar uma manga na Paraíba com água da transposição, quando ela chegar na feira, vai estar quatro vezes mais cara que uma manga produzida na beira do Rio São Francisco. É uma ilusão. A transposição nunca vai encher o Boqueirão, porque ela não é para isso. Aquilo tem um planejamento. Ela vai regularizar. O canal tem uma torneira, e toda vez que o nível do Açude de Boqueirão baixar, abre-se a torneira para abastecer o Açude de Boqueirão, porque ele abastece 22 cidades no entorno de Campina Grande e mais oito distritos. Então ele regulariza de forma que garante que nunca vai secar, que Campina Grande não vai sofrer com a falta de água.

■ *Você chegou a enfrentar problemas por conta de algumas matérias?*

Há muitas histórias por conta de reportagem, muitas histórias. As pessoas não gostam que alguns assuntos se tornem públicos, que sejam tratados da forma como eles aconteceram. E aí o jornalista acaba criando muito conflito. Por exemplo, nessa matéria da transposição, nós fomos expulsos de uma ilha que tem na cidade de Cabrobró, porque encontramos numa ilha no meio do rio. E lá, a população nativa, que trabalha com cebola, os caras botaram para fazer o que a gente ia fazer essa matéria sobre a transposição e ia tirar água do rio e eles não iam ter água para irrigar a cebola deles. A gente pediu desculpa e foi embora. Eu disse: “Augusto é melhor a gente sair daqui”.

■ *Me referia aos conflitos de terra, naquelas coberturas da morte de Margarida Maria Alves e a repercussão.*

Por exemplo, em Alagoa Grande, eu estava com o Antônio Davi e nós fomos para a casa de Zito Buarque, a quem se depositava a articulação pela morte de Margarida. Fomos lá entrevistá-lo.

Quando eu me identifiquei e Davi começou a fotografá-lo, ele, montado num cavalo branco, botou o cavalo por cima de Davi e eu segurei na rédea do cavalo: “Não, rapaz, você vai botar o cavalo por cima do fotógrafo. Não faça isso, não. Ele deixa de fotografar, pode ficar tranquilo”. Ele desceu do cavalo e disse: “Não tenho nada para conversar com jornalista. Jornalista é uma raça de gente mentirosa”. Eu disse: “Rapaz, o melhor é o seguinte, vamos embora, deixa esse homem para lá, esse homem tem um histórico de violência”. E aí a gente veio embora, não fez entrevista com ele nem nada, mas eu contei o episódio em **A União**. Contei que fomos ameaçados por ele.

■ *Você também durante muito tempo fez cobertura política?*

Mas eu não gostava muito. É um negócio muito monótono. O que me fascina em jornalismo é fazer reportagem. É pegar um tema e desenvolver e produzir um bom texto. Aquele negócio de cobrir Assembleia, aqueles discursos de deputado não me interessa. E não tem muito sentido, no meu entendimento, aqui em **A União**

■ *Como foi a história da greve no Correio da Paraíba?*

A gente fez uma greve. Fui demitido e tinha duas filhas para criar. E aí eu disse à minha mulher: “Você embora para Brasília procurar como viver. Por-

que aqui não tem mais o que eu possa fazer”. Cheguei numa segunda-feira e na quinta-feira já estava empregado no Correio Brasileiro.

■ *Passou quanto tempo lá?*

Passsei seis anos. Também nessa área produzindo matéria especial. Teve até a mão de Marcondes Brito. Cheguei de camisa branca, calça jeans, todo organizado, caderneta na mão. E a primeira matéria que me deram para fazer foi um conflito que tinha no assentamento chamado Santo Antônio. O solo de Brasília, quando você tira a vegetação, é vermelho, com muita poeira. As crianças todas doentes. E ainda tem aquela questão da umidade relativa do ar. Santo Antônio fica no Vale lá embaixo. Então, de cima eu pedi para Vanderlei, que era o fotógrafo, fazer uma foto, e ele fez aquela nuvem de poeira lá embaixo e a gente desceu para um posto médico e encontrei um monte de mães e crianças todas doentes. Minha matéria foi a capa do caderno de Cidade e foi a segunda manchete da primeira página do Correio Brasileiro.

■ *Você voltou A União depois?*

Voltei no governo de Cássio, que foi quando eu fiz esse caderno, no tempo de Itamar Cândido.

■ *E passou quanto tempo nesta segunda?*

Fiquei de 2003 até o final de 2007, cinco anos.

■ *Você produziu algum outro tipo de matéria que você se lembra que gostou?*

Eu produzi um material, com Antônio Davi e Ortilo Antônio, que foi na Penitenciária de Pindobal, cujo fechamento se deve ao material que eu fiz. O desembargador Artur Moura determinou o fechamento. O gente dormiu um dia em Pindobal, no meio dos meninos, que fumaram umas cinco carteiças de cigarro. Alguém tinha me dito: leva cigarro, que os meninos gostam de cigarro. E eu, para ouvir as histórias de tortura, de pisa que davam nelas, levei. E eles me contaram história do arco da velha e eu denunciei do jeito que eles me contaram.

■ *Você se lembra de alguma dessas histórias que os meninos contaram em Pindobal?*

Na verdade, uma mulher lavava minha roupa, e o filho dela, de menor, envolveu-se com o negócio de drogas, violência. Ele acabou matando outro rapaz. Disse que o filho dela foi para lá, e eu ouvi esse tragédia dela mais de uma vez e voltei para a Redação. Contei a história ao editor e ele disse: “Vamos fazer uma matéria lá”. Ela contava do sofrimento do filho, que ela ia visitar todo fim de semana. Contava que ele narrava as torturas que sofria, até a fome que passava, porque, quando um rapaz desses cometeria alguma transgressão do regulamento, ficava um dia com fome ou levava cacetete. Fiz o material.

■ *Mais alguma história que você gostaria de contar em suas idas e vindas em A União?*

Com Antônio Davi, eu cheguei no Cariri, perto de Serra Branca, na casa de um homem. Ele estava comendo sabe o que? Folha de palma novinha cozida, aquela que o gado come. Eu fiquei tudo transformado com aquilo que nós voltamos para a cidade. Eu fiz uma feira com o dinheiro da diária que o jornal tinha me dado. Comprei dois garrafinhos de água, arroz, feijão, açúcar, café, rapadura, macarrão e demos a feira a esse homem.

■ *Resolveu ajudar?*

Me senti mais importante do que Jesus Cristo na presença desse homem,

porque ele me botou do céu para cima, dizendo que eu era um abençoado, que era enviado de Deus, que me botou no caminho deles. Quando cheguei para fazer a prestação de conta, deu uma zebra. Porque a nota que era para eu trazer com gasto de gasolina, refeição e hotel, eu trouxe de feira.

■ *Alguma outra história o arrepiou e o deixou comovido? Como você reagiu ao drama?*

O repórter, ele tem que ser frio. Mas tem uma hora que a tragédia, a monstruosidade se apresenta à sua frente de uma forma tão violenta que tira você do sério. Eu sou gente. Eu sou humano. Eu estava com Marcus Antônio fazendo uma matéria sobre seca. Aí a gente pegou uma vereda. A gente pegou uma vereda. Mas não gosto de fazer matéria de pedir negócio de guia. Procuro uma estrada, sei que, seguindo aquela estrada, vou encontrar um personagem. Encontrei um homem.

■ *No meio do mato?*

Cortando a Caatinga para fazer carvão numa carvoaria. Marquinhos, todo metido a ecologista, disse: “Mas o senhor está derrubando a Caatinga para fazer o quê?” Ele disse: “Para fazer carvão e vender em Arcoverde, Pernambuco”, uma distância danada. Aí ele insistiu: “Mas o senhor está derrubando a Caatinga”. O homem retrucou: “Meu senhor, eu tenho cinco filhos para dar de comer e eu não posso dar comida aos meus filhos, a não ser com a renda do carvão que eu venho. E para fazer carvão, tenho que derrubar essa caatingueira. Então, entre a caatingueira em pé e a vida de meus filhos, eu prefiro derrubar e transformar o carvão em dinheiro para comprar comida para eles sobreviverem”.

■ *Você conheceu todos os municípios da Paraíba?*

Todos, sem exceção.

■ *Euflávio, alguma coisa que eu deixei passar em branco e você gostaria de registrar?*

Primeiro é louvar esse projeto, para benzinar o pessoal que teve a ideia desse projeto. Eu acho que **A União** exerce um papel fundamental no jornalismo da Paraíba, que é o único jornal impresso hoje no Estado. É o único que sobreviveu e não é todo dia que um jornal completa 130 anos. Então, para benzinar **A União**. Para mim, foi uma escola de Jornalismo, foi onde fiz muitas amizades. Jornalistas e outros que não. Por exemplo, Zé Boró, que era um contínuo na João Amorim e fazia um sanduíche de queijo maravilhosos e vendia. E eu me lembro de uma historinha do Negro Moraes, que era revisor aqui n' **A União**.

■ *Ainda é revisor...*

Moraes vivia apearreando Zé Boró pra vender fiado, ao que Boró respondia: “Fiado é como barba. Se não cortar, cresce.”



Aponte a câmara do celular para o QRCode e veja a entrevista completa no YouTube





Antônio David, Walter Aguiar, Sandra Moura, Georgina Luna, Laura Lopes, Maria Júlia Ferrer, Regina Medeiros Amorim, Ricardo Alves e Carolina Lins são os aniversariantes da semana

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

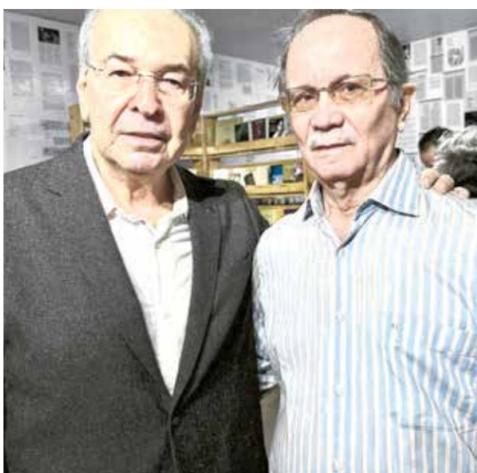
SAO BRAZ
ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.

PARA MÁXIMO NESPRESSO

*marca de terceiro não relacionada com a São Braz.



Na manhã da última terça-feira (26), no Hotel Hardman, em João Pessoa, grande parte da imprensa paraibana participou de evento promovido pela Azul Linhas Aéreas e Azul Viagens, em parceria com o governo estadual, por meio da Secretaria de Turismo e Desenvolvimento do Estado da Paraíba. No evento, que teve como pauta novos voos que a Azul já programou para implementar em nosso estado, registrei as presenças da presidente da EPC, Naná Garcez; da secretária de Turismo, Rosália Lucas; da representante da Azul, Giuliana Mesquita e da empresária Manuelina Hardman.



No lançamento do livro "História da Imprensa na Paraíba", o mais novo trabalho do jornalista e escritor Gilson Souto Maior (na foto com o professor Francelino Soares), evento que aconteceu na livraria **A União**, nova casa de cultura paraibana, localizada no Espaço Cultural José Lins do Rego, registrei inúmeras personalidades que fazem parte do contexto jornalístico e intelectual de nosso estado.

Não apenas a devoção filial, mas, sobretudo, o respeito e a admiração pelos dotes culturais do pai constituem a força motriz que faz Flávio Sátiro Jr. dar continuidade à editoração da revista GENIUS, cujo nº 54 já está circulando. A boa notícia está sendo fornecida pelo prof. Francelino.

O lançamento do complexo turístico Acquaí Parks e Resorts, que vai acontecer na próxima terça-feira (10.), no Teatro Pedra do Reino, em João Pessoa, terá como atrações os artistas Lucas Veloso e Renata Arruda. O empreendimento, que inclui o Acquaí Park, um dos maiores parques aquáticos e com a maior área verde preservada do Brasil, vai estar localizado no Polo Turístico Cabo Branco.

Serraria, um dos municípios que fazem parte da Rota Cultural Caminhos do Frio, vai receber, na noite dessa segunda-feira (31), um grupo de jornalistas, capitaneados pela assessora de imprensa da PBTur, jornalista Cibelly Correia.

De 30 de julho a 5 de agosto, a bela cidade de Areia, no Brejo paraibano, será palco para o Festival Sesc Paraíba de Música, evento de música clássica e popular, que deve receber alunos e mestres da música de todo o país.



O médico cardiologista e ex-ministro da Saúde no Governo de Jair Bolsonaro, Marcelo Queiroga, lançou o livro "Queiroga, o homem, o médico e a pandemia", durante evento na sede da Asplan, na noite da última terça-feira (25). O evento contou com a participação de colegas, familiares, intelectuais e admiradores do profissional que teve destaque no combate à pandemia que assolou o Brasil. Confira alguns dos melhores momentos.



O batizado do pequeno José Mário Segundo, filho do casal Mário Neto e esposa Vanine Lisboa, aconteceu na Igreja Mãe dos Homens e, em seguida, familiares se confraternizaram durante evento no salão de festas do Montalcino Residence. A felicidade, contagiante, da avó materna, Analine Azevedo, referendava o momento simbólico de extrema importância para as famílias Porto e Lisboa.



Na última quinta-feira (27), nos salões da Sonho Doce Recepções, Thereza Madalena (foto), um ícone na história da televisão paraibana, realizou, com sucesso, mais uma edição do Arraiá da Tetê.

Selic

Fixado em 21 de junho de 2023

13,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.320

Dólar \$ Comercial

-0,59%

R\$ 4,731

Euro € Comercial

-0,10%

R\$ 5,215

Libra £ Esterlina

-0,16%

R\$ 6,080

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Junho/2023 0,08

Maior/2023 0,23

Abril/2023 0,62

Março/2023 0,71

Fevereiro/2023 0,84

Ibovespa

120.187 pts

+0,16%

RANKING NACIONAL

Paraíba ocupa 3ª posição na produção de calçados

Estado tem maior polo produtor do país e fabricou 136 milhões de pares em 2022

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

A Paraíba tem o maior polo produtor de calçados do país: Campina Grande. A fabricação do produto alcançou o patamar de 136,6 milhões de pares, em 2022, o que coloca o estado na terceira posição entre os maiores produtores do Brasil, com participação de 16,1% do mercado nacional, atrás apenas de Ceará (205,9 milhões de pares) e Rio Grande do Sul (192,1 milhões). Os dados são da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados).

O polo calçadista - região onde há grande concentração de empresas produtoras, com municípios próximos geograficamente - de Campina Grande é composto pelos municípios de Alagoa Nova, Campina Grande, Ingá, Massaranduba, Serra Redonda e Soledade. A produção do polo foi estimada em 131,2 milhões de pares em 2022, conforme a Abicalçados, o que corresponde a 96% de toda a produção estadual.

O outro polo da Paraíba é o de João Pessoa, composto por Bayeux, Conde, Guarabira, João Pessoa, Mogeiro e Santa Rita, que produz 3,8% do total de calçados do estado. Em termos de representatividade, o polo com maior produção dentro de seu estado, é o de Recife, que concentra 99% da fabricação de calçados. A região Nordeste concentra 52,4% do total de calçados produzidos pelo Brasil em 2022, que foi 848,6 milhões de pares.



Presidente da Abicalçados vê cenário positivo para o estado

A indústria calçadista gerou 296,4 mil empregos formais no Brasil, conforme o último dado da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), ano-base 2021. A Paraíba é o sexto estado que mais emprega no setor, em âmbito nacional, com 15,7 mil empregos e 5,3% do emprego nacional. No Nordeste, está atrás apenas do Ceará (62,2 mil empregos).

O país conta com 4,6 mil empresas fabricantes de calçados. A Paraíba tem em seu território 69 empresas, sendo 49 microempresas, 15 pequenas empresas, e sete médias e grandes empresas, conforme a Abicalçados.

Crescimento

O presidente-executivo da Abicalçados, Haroldo Ferreira, aponta a relevância da Paraíba para o desenvolvimento do setor. Segundo ele, o estado tem grande potencial de crescimento, acompanhando a trajetória do setor calçadista nacional, que deve crescer de 1% a 1,7% em produção, em 2023, após ter registrado acréscimo de 3,6% no ano passado.

“Há muito espaço para crescimento de empresas locais, especialmente no que diz respeito à produção de calçados diferenciados e inovadores para abastecimen-

to de nichos específicos no mercado nacional. Evidentemente, para que isso ocorra, é preciso apoio tanto do poder público como de entidades que representam a cadeia, caso da Abicalçados”, afirma o dirigente.

Ele comenta que, diante do desafio de fomentar a produção de calçados por todo o país, a associação está se aproximando dos polos calçadistas, ingressando no mercado de feiras, como a Brazilian Footwear Show, uma mostra nacional que terá sua primeira edição em novembro e já tem empresas de 70% dos polos brasileiros representadas.

“

Há muito espaço para crescimento de empresas locais, especialmente na produção de calçados diferenciados e inovadores

Haroldo Ferreira

Exportações somam 20,6 milhões de pares

As exportações da Paraíba somaram 20,6 milhões de pares, em 2022. O estado é o terceiro maior exportador do país, atrás de Rio Grande do Sul (42,8 milhões) e Ceará (40,1 milhões), apesar da queda de 9,4% nas operações, em comparação com 2021. No último ano, 141,9 milhões de pares de calçados foram exportados pelo Brasil, cerca de 18 milhões de pares a mais do que no ano de 2021, com alta de 14,8%.

No que se refere aos valores das mercadorias exportadas, a Paraíba registrou crescimento de 34,2%, com faturamento de US\$ 77,4 milhões, o quinto maior entre as unidades federativas. O montante corresponde a 52,76% do total registrado nas exportações do estado, que somaram US\$ 146,7 milhões. Os dados são do Centro Internacional de

Referência

Paraíba é o terceiro maior exportador de calçados do país, atrás apenas dos estados do Rio Grande do Sul, com 42,8 milhões de pares, e do Ceará, com 40,1 milhões de pares

Negócios da Paraíba (CIN-PB), ligado à Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiep).

De acordo com presidente-executivo da Abicalçados,

Haroldo Ferreira, o câmbio elevado, na relação dólar e real, é bom para o setor exportador. “Como as empresas têm custo em reais, elas calculam a rentabilidade em moeda nacional. Desta forma, com o dólar valorizado, conseguimos diminuir o preço na moeda estrangeira sem perder a rentabilidade. O fato proporciona um preço médio mais competitivo para o nosso calçado no exterior. No caso da Paraíba, quando o volume cai e o valor gerado aumenta é porque houve um aumento do preço médio em dólares”, explica o executivo.

As exportações brasileiras de calçados atingiram a quantia de US\$ 1,3 bilhão, superando os valores do período pré-pandemia, de modo que a taxa de crescimento verificada em 2022 foi de 45,5% frente ao ano anterior.

Materiais

A maior parte dos calçados exportados pelo Brasil (71,1%) é de “sintéticos”, que incluem chinelos de plástico e borracha, cujos preços médios são mais baixos em comparação a outros segmentos, como os de couro e tecidos. Os calçados de plástico e borracha são os principais produtos da pauta de exportação da Paraíba.

De acordo com Haroldo Ferreira, o custo de insumos para a produção de calçados de plástico e borracha é menor, em comparação aos de couro e de tecido. “Geralmente, a categoria de plástico e borracha é formada por chinelos, que têm forte viés exportador. Dos 422 milhões de partes de chinelos produzidos em 2022, 409 milhões são de plástico e borracha”. No Brasil, 45% dos produtos exportados são chinelos.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrslva@gmail.com | Colaborador

Os prós e contras do “Desenrola Brasil”

O programa “Desenrola Brasil” tem gerado ampla discussão diante da preocupante situação da inadimplência no país. Segundo o Mapa da Inadimplência e Renegociação de Dívidas da Serasa em junho, o número de negativados no Brasil atingiu a marca de 71,5 milhões, representando cerca de 43% da população adulta. Nesse cenário desafiador, a proposta do Governo Federal de oferecer subsídios para os bancos, visando reabilitar 1,5 milhão de CPFs negativados nesta primeira etapa, busca não apenas aliviar a situação dos endividados, mas também fomentar o consumo e impulsionar a economia.

Entre os benefícios do programa, destaca-se a perspectiva de reduzir a inadimplência no país. A possibilidade de regularizar dívidas por meio de descontos atrativos pode proporcionar alívio financeiro aos brasileiros endividados, permitindo-lhes retomar suas atividades econômicas de forma mais saudável. Além disso, ao terem seus nomes limpos, os indivíduos podem recuperar a capacidade de crédito, tornando-se mais propensos a realizar novas compras. Essa reativação do consumo pode impulsionar diversos setores da economia, contribuindo para o crescimento do país.

Contudo, é fundamental ponderar os desafios e impactos negativos do programa. A concessão de subsídios para os bancos, no montante de R\$ 50 bilhões, traz consigo um ônus significativo para as contas públicas. O impacto fiscal dessa medida demanda cautela, especialmente considerando o aumento do déficit primário estimado para R\$ 145,4 bilhões para este ano, o que pode comprometer a estabilidade econômica e afetar outras políticas e investimentos essenciais para o país.

Outra preocupação relevante é o estímulo ao endividamento futuro. Embora a reabilitação dos CPFs permita a renegociação das dívidas atuais, existe o risco de que alguns indivíduos, caso não adotem mudanças de comportamento financeiro, se sintam encorajados a contrair novas dívidas posteriormente, na expectativa de um novo programa similar. Esse cenário pode gerar um ciclo vicioso de endividamento e inadimplência, representando um desafio para a estabilidade financeira das famílias e da economia a longo prazo.

Além disso, é importante considerar um possível impacto inflacionário. Apesar da significativa queda da inflação no país, o aumento do consumo impulsionado pelo programa pode levar a uma demanda mais intensa por produtos e serviços, exercendo pressão sobre os preços e resultando em um aumento inflacionário. Esse cenário pode prejudicar especialmente a população de menor renda.

Portanto, é essencial reconhecer que o programa “Desenrola Brasil” não pode ser visto isoladamente como a solução para a situação financeira dos brasileiros endividados. Outras medidas devem ser adotadas, como a promoção da educação financeira, que capacite as pessoas a gerir seus recursos de maneira mais responsável e consciente. A inclusão da educação financeira no currículo escolar, por exemplo, é um passo importante nesse sentido, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes sobre o uso do dinheiro e a prevenção do endividamento excessivo. Somente com essa abordagem, poderemos buscar soluções assertivas para a situação da inadimplência e promover uma recuperação financeira mais sólida e duradoura para todos os brasileiros.

MERCADO DE EVENTOS

Festas retomam ritmo na Paraíba

Setor, que é responsável por 4% do PIB brasileiro, adota mudanças e celebra a volta de clientes no estado

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

Amplamente afetado pela pandemia de Covid-19, o setor de eventos foi um dos últimos a retomar suas atividades quando o distanciamento social deixou de ser obrigatório. Neste período, o setor, que junto com outras ramificações do mercado de entretenimento, é responsável por aproximadamente 4% do Produto Interno Bruto brasileiro, sofreu grandes mudanças. Hoje, com as atividades completamente restauradas, os profissionais da área veem o fluxo de clientes voltar ao normal e comemoram o movimento na Paraíba.

As opções de eventos são muitas e para cada uma delas há mais de uma possibilidade. Entre chá de bebê, de fraldas ou de revelação, mesversário, batizado, aniversário, primeira comunhão, festa de debutante, formatura, noivado, casamento, bodas, etc., o cliente sempre precisa decidir entre as inúmeras alternativas de tema e estilo, cardápio, local, horário, tamanho e entretenimento de sua festa.

Da Região Metropolitana de São Paulo, Caroline Estrela veio para João Pessoa para estudar Fonoaudiologia. Mas, mesmo tendo atuado em sua área de formação por algum tempo, Caroline não se sentia completa. Foi quando decidiu abrir mão de tudo para investir em algo que sempre amou: a maquiagem. “Fiz alguns cursos e comecei a atender em casa. Porém, a demanda foi aumentando tão rapidamente que me sentia exausta e, na mesma época, fui convidada para atender em um salão que tinha como público-alvo noivas”, conta.

Caroline permaneceu atuando no salão até a pandemia de Covid-19, que assolou a população e chegou carregada de incertezas, tanto para profissionais quanto para clientes. De acordo com um estudo da Associação Brasileira de Promotores de Eventos (Abrape), realizado com dados do Ministério do Trabalho e Previdência, a pandemia abalou 97% das empresas do setor. Juntos, esses negócios deixaram de faturar, pelo menos, R\$ 230 bilhões entre 2020 e 2021. “Não tínhamos a mínima noção de quanto tempo essas restrições continuariam e como seria caso voltasse. Até tentamos vender pacotes com desconto, mas o cenário de grande incerteza fez o público se retrair e preservar gastos. Isso fez o mercado estagnar por completo em todos os setores”, lembra a maquiadora.

Retorno com mudanças

Quando o “novo normal” surgiu o último setor a retornar foi o de eventos, que teve que operar com muitas restrições sanitárias. “A volta mudou radicalmente o mercado”, avalia Caroline Estrela. O fôlego, no entanto, não chegou como o esperado. E o ânimo só veio em formato de mudança; tanto no perfil do cliente, que passou a prezar pela experiência, quanto no perfil das festas, que diminuíram de tamanho, dando espaço aos eventos “mini”, como os chamados *mini-wedding*.

Caroline conta que se, antes, os casamentos eram grandes produções, com planejamento antecipado e noivos que “não poupavam valores para investir no grande dia”, hoje, o mercado é pautado por clientes que não têm a intenção de gastar tanto.

“Os casamentos, que antes eram realizados no período noturno, começaram a ser realizados durante o dia, com uma proposta mais intimista e minimalista. Hoje sinto que, aos poucos, o mercado está voltando a ser como antes da pandemia. As pessoas estão fazendo casamento para mais convidados com uma proposta mais suntuosa, porém, está muito longe de ser o que era antes da pandemia”, analisa a maquiadora.

“

As pessoas estão fazendo casamento para mais convidados com propostas mais suntuosas, porém, muito longe de ser o que era antes da pandemia

Caroline Estrela



Demanda por festas voltou a crescer nos últimos meses e profissionais celebram retorno de atividades maiores

Eventos menores e marketing para os clientes

Com o advento das festas no formato “mini”, alguns nichos foram beneficiados. Isso aconteceu, por exemplo, com a empresa de aluguel de peças e decorações MiniFestasJP, que, em João Pessoa, notou seus números crescendo enquanto outros negócios do setor enfrentavam dificuldades para se manter. A responsável pela MiniFestasJP, Tatiana Almeida, explica que, enquanto a população mantém o distanciamento, a procura por decorações menores cresceu vertiginosamente, já que as pessoas organizavam festas remotas ou apenas para o núcleo familiar.

“Na pandemia, nós tínhamos algumas estratégias para driblar

a crise. A gente enviava tudo já higienizado para os clientes e quando as peças voltavam, ficavam em uma espécie de quarentena para garantir que nem nós, nem os próximos clientes se contaminariam com a doença. Esse cuidado a mais se tornou um *marketing* muito forte e fez com que as pessoas se sentissem mais confiantes para contratar nossos serviços”, lembra.

Além dos cuidados com a higienização do material, a loja também ofereceu *vouchers* para os clientes utilizarem depois que o convívio voltasse ao normal.

Hoje, há sete anos no mercado, a empresa que trouxe de Madri a inspiração para o modelo de negócios,

já conta com um público consolidado. Passada a pandemia, o crescimento da empresa foi ainda maior e sua fundadora acredita que isso se deva ao fato de que as pessoas não apenas aderiram às festas intimistas, mas entenderam que esse modelo de evento veio para ficar. Se, durante a pandemia, o crescimento da MiniFestasJP foi de, em média, 50%; após o retorno das atividades, a alta foi ainda maior, chegando aos 73%, de acordo com Tati Almeida. Na prática, isso significa que, atualmente, são realizadas entre 28 e 30 festas mensais.

No setor de eventos, quando um cresce, todos crescem. Ainda que a repercussão dos bons tempos

demore um pouco para chegar em todos os nichos, Tati Almeida garante que os envolvidos são, sempre, muitos.

“Na loja, por exemplo, aprendemos a ter pessoas. Tem as pessoas que trabalham pra mim diretamente e as pessoas que trabalham indiretamente; essas são muitas. A gente indica as pessoas que fazem bolo, docinhos, personalizados, *barmans*, DJs, a floricultura para as flores naturais, a pessoa que trabalha com mesa, cadeira, toalha, pessoal que vende gelo, o pessoal da iluminação. É um mercado que se aquece muito, né? O significado disso é fazer girar mesmo a economia”, comenta a criadora da MiniFestasJP.

Mercado usa criatividade e supera desafios

Durante a pandemia, Lorena Beltrão, dona de um negócio voltado à elaboração de decorações para festas precisou se adaptar. “Fiz alguns eventos com flores artificiais para algumas clientes. E também trabalho com a produção de porta-guardanapos. Isso sim, me ajudou (e muito) a atravessar a pandemia no que diz respeito ao financeiro”, lembra a decoradora.

Lorena relata que, nos últimos anos, tanto a forma com que os serviços eram oferecidos quanto as tabelas de valores tiveram que ser ajustadas. Hoje, passada a pandemia, a decoradora considera que o nicho em que trabalha se recuperou, embora o retorno tenha acontecido com preços mais altos, já que a maior matéria-prima do negócio são as flores naturais que ti-

veram aumento considerável.

Mesmo com as dificuldades enfrentadas de 2020 para cá, Lorena não desanimou. É que, para ela, estar inserida na organização de eventos é mais que trabalho. “O mercado de eventos foi onde me encontrei. Encontro paz onde muitos chamam de trabalho! Amo o que faço e me doo 100% quando me comprometo com meus clientes. Amo meu trabalho. Costumo dizer que é divino. E de fato, é!”, garante Lorena, que transformou o prazeroso *hobby* de receber em fonte de renda.

Novos empreendedores

Há oito anos, Ana Cristina Borba ainda não sabia, mas, ao ter o arrojo de fritar trinta coxinhas e dispô-las em um pote de sorvete para vender, estava se tornan-

do empreendedora. Também sem saber, Ana passou a fazer parte de um mercado que, hoje, é responsável pelo faturamento de R\$ 314,2 bilhões anuais, segundo a Abrape. Com a empreitada de Ana Cristina, nascia o Tia Ana Buffet, voltado à preparação de quitutes para festas. Seis anos mais tarde, sua filha, a engenheira Pollyana Borba, também entraria para o agitado mercado de eventos como decoradora.

“Gosto muito de criar. Pego as ideias, as referências que os clientes me mandam e elaboro algo novo. Acredito que isso seja um atrativo para eles. Todas as festas são personalizadas; nenhuma delas se repete. Além disso, como sou engenheira, consigo enviar o planejamento visual da festa para os clientes antecipadamente. Quem não gosta de saber como vai ficar antes mesmo de tudo estar montado?”, comenta Pollyana.

Pela qualidade do serviço oferecido, Ana e Pollyana têm se destacado entre clientes não apenas de João Pessoa, mas de toda a Paraíba. Foi assim que mãe e filha conheceram a empresária Jhessika Thamyres, que, este ano, de cliente se tornou sócia da dupla.

“Eu vi que o salão estava à venda e decidi investir. Mas precisava de sócios e, sem pensar duas vezes, convidei Polly e dona Ana. Começamos no início deste ano. Todo começo é complicado, mas temos notado um crescimento gradativo e considerável. Gostamos de pensar nesses primeiros momentos como o surgimento de um castelinho”, conta Jhessika. Juntas, ela, Pollyana e Ana Cristina são a prova de que, confort-

■ Mercado precisou ajustar tanto a forma de oferecer os serviços quanto as tabelas de valores

me sugere o ditado, o exemplo arrasta: “Gosto de pensar que, se não fosse a garra de dona Ana há oito anos, não estaríamos aqui hoje, com um grupo de empresas voltadas à realização de festas. Três mulheres tocando esse negócio com muita força de vontade e amor”.

Hoje, as sócias oferecem serviços completos para a realização de festas, desde o planejamento e elaboração de decorações ao cardápio do festejo e à recepção no Balloons, um amplo salão com capacidade para 280 pessoas sentadas ou setecentas em pé. Nos preparativos, além das três sócias, estão incluídas outras cinquenta pessoas que, embora não sejam vistas ou notadas, são fundamentais para a realização de cada evento: os colaboradores das três empresas. “É muita responsabilidade. Assumimos um compromisso, não só com os clientes, mas também uma obrigação com nossos funcionários”, afirma Ana Cristina, a mulher que, quando não tinha nada, sonhou em ter e hoje faz parte de um universo que engloba mais de 444 mil pessoas, considerando empregados, empregadores e microempreendedores individuais.

Foto: Edson Matos



Pollyana utiliza o talento em decoração para tornar eventos inesquecíveis

MERCADO PROFISSIONAL

Sucesso chega com muito trabalho

Seja garimpando, seja criando, oportunidades existem para os jovens, mas dificilmente caem no colo

Márcia Dementshuk
Ascom Secties

Um mundo de oportunidades? Empreendedorismo, inovação, mercado de trabalho. Seja garimpando, seja criando, as oportunidades até existem, mas dificilmente caem no colo. Aqui temos dois exemplos de pessoas que ataram para uma chance, mas o êxito chega com muito trabalho. O interessante é focar também nas origens dessas pessoas: um caso veio da roça, zona rural de Mogeiro, município entre João Pessoa e Campina Grande. No outro, em um quilombo na periferia de João Pessoa - o Quilombo de Paratibe.

Érica Suzanne Martins de Souza é negra quilombola, tem 16 anos, fala com vivacidade; enfrentava o nervosismo no início da entrevista jornalística, mas não demonstrava nenhuma insegurança. Ela estava acompanhada de Simony Teixeira, coordenadora de Projetos da Associação Beneficente das Comunidades Remanescentes de Quilombo Palmares. Ambas moram na Comunidade Quilombola Paratibe. Érica foi selecionada para estagiar no TRT. Iniciar no início deste mês e receberá uma bolsa-estágio.

Simony Teixeira inscreveu Érica e outras adolescentes quilombolas para o Emprega Margaridas, iniciativa do Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba, alinhada ao Programa de Igualdade de Gênero. O objetivo é “oferecer ferramentas a jovens mulheres em situação de vulnerabilidade social para inseri-las no mercado de trabalho”.

Érica participou de cur-



Equipe Game Star com os professores mentores



Embaixador da UE e o estudante Daniel José



Érica Suzanne foi selecionada para estagiar no TRT

so de noções de computação, palestras sobre desigualdade de gênero, machismo estrutural, empoderamento feminino, além de uma oficina voltada ao mercado de trabalho e a importância da construção de um bom currículo.

“No primeiro dia eu estava ansiosa, não sabia como era... Estava com minha prima, Gabrielli, que mora no quilombo e também fará estágio. Fiz amizade com outras pessoas que também vão estagiar lá. Depois de ir outras vezes ao TRT, eu tive certeza

de que eu consigo seguir esse caminho, de crescer e atuar como advogada, como juíza. Senti uma energia muito boa. Antes eu estava com um pé atrás, e agora estou confiante de que vou conseguir!”, afirmou Érica.

“Os adolescentes negros precisam estar preparados para conviver no mercado de trabalho e interagir com os colegas e com uma postura de igualdade, sem se sentirem inferiores. Isso é um trabalho longo de desenvolvimento”, entende Simony Teixeira.

Apesar de estar situada na capital paraibana, o diálogo entre moradores da comunidade e os demais pessoenses sofre pela distância social, além das desigualdades econômica e digital. É possível afirmar que muitos não conhecem Paratibe, uma área formada por núcleos familiares com casas que podem ficar com as portas abertas durante o dia, com árvores carregadas de frutas no quintal, criação de animais e um sentimento de amor pelo território... É de lá que Érica vai sair todos os dias para o estágio no TRT.

Oportunidades para os estudantes da zona rural

Parte da equipe, quatro estudantes, vive na zona rural de Mogeiro. As meninas, Mariana e Nataly são da cidade. João Victo e Leonardo são do Sítio Chã de Areia, Ygor é do Sítio Cumati e Daniel é do Sítio Serra do Granjeiro. E foi do Sítio Granjeiro que Daniel partiu para Brasília receber, em maio deste ano, o troféu pelo primeiro lugar no prêmio Diplomacia Verde da União Europeia no Brasil, o projeto “ODS Gamificados”.

Daniel ganhou um notebook no prêmio. “Confesso que estava tremendo. Recebi o prêmio das mãos de Ignacio Ybañez, embaixador da União Europeia no Brasil; falei com a embaixadora da Espanha, o embaixador da Suécia, da Bélgica, dei entrevista para o secretário de mídia e conheci cinco pessoas de outras regiões do Brasil que também estavam concorrendo ao prêmio. A tecnologia chegou a um nível que permite maior comunicação e transmissão da informação. Aqui no sítio temos acesso à internet e isso abre a

nossa mente. Mas tem muitos locais sem acesso à internet ainda e espero que isso mude”, ressaltou Daniel.

“Estamos em busca do terceiro jogo, produzindo com ajuda da inteligência artificial, usando a tecnologia a nosso favor”, revelou. “Podemos criar as imagens e recursos para dentro do jogo e não ter problemas com direitos autorais. Estamos usando a plataforma Leonardo IA, que gera imagens a partir das indicações que damos”, esclarece Daniel. O *game* vai abordar o ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes), tratando dos problemas sócio-emocionais enfim, o projeto “ODS Gamificados” será incubado pelo Parque Tecnológico Horizontes de Inovação. “Era um desejo nosso passar por um programa de incubação e transformar a ideia dos estudantes em um projeto de negócio”, diz Suênio Alves. “Queremos engajar outras instituições e avançar”.

Sonho pode se transformar em empreendimento

Longe de imaginar o efeito que teria no futuro, seis estudantes da Escola Cidadã Técnica Otaviana Silveira, de Mogeiro, sonharam em aprender informática e tecnologias. Ainda no primeiro ano do Ensino Médio, eles se matricularam para a disciplina seletiva que desenvolve o projeto de vida dos estudantes, de acordo com a base curricular diversificada.

A partir do aprendizado em aula com relação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e entrando em contato com a informática eles elaboraram o projeto “ODS Gamificados”, cujo objetivo era desenvolver um *game* para celular que facilitasse às pessoas a compressão sobre a conservação da água (ODS 14 - Vida na Água).

Formaram a equipe “Game Start” e iniciaram o protótipo que ganhou forma no segundo ano, o *game* “ODS Vida na Água”. O *game* confronta o jogador com o pro-

■ **A partir do aprendizado em aula sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e entrando em contato com a informática, eles elaboraram o projeto “ODS Gamificados”**

blema dos resíduos sólidos nos oceanos e pretende formar uma consciência de conservação e vida sustentável.

“A gente passou a observar que as pessoas não dão valor à conservação do meio ambiente. Então buscamos um meio mais prático para falar sobre o impacto que isso

causa”, explicou Mariana Fernanda do Nascimento Silva, uma das integrantes da equipe. A boa sorte de Mariana Fernanda, Daniel José da Silva, João Victo do Nascimento, Nataly Silva de Melo, Leonardo José da Silva, Ygor da Silva Santos, foi terem os professores mentores Suenio Anderson Feliciano da Silva Alves e João Batista do Nascimento incorporados na trajetória.

“Começamos a desenvolver pelos próprios celulares. Depois que eles avançaram na programação, começaram a programar pelo computador. Mas nós tínhamos um notebook para os seis estudantes. No ano passado a equipe teve contato com um profissional que é o embaixador da plataforma G-Develop no Brasil. Foi a partir de uma palestra que ele deu para nós que avançamos na programação”, explicou o mentor e professor Suenio.

Os estudantes conheceram programação, informática na escola. O conhecimento

despertou o interesse e agora são apaixonados. Todos disseram que pretendem seguir essa área.

Para a secretária executiva de Inovação, Elis Regina Barreiro, da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, “é fundamental mostrar para a sociedade que a ciência, tecnologia e inovação podem chegar lá por meio de políticas públicas”.

O segundo *game* desenvolvido pela equipe se chama “ODS Vida Terrestre - Sobrevivendo na Caatinga”, voltado para o combate ao tráfico de animais silvestres, especialmente as aves. “O bioma Caatinga abrange a região Nordeste, onde vivemos, e a inspiração foi do filme Rio”. Fizemos uma pesquisa sobre as aves no nosso bioma para inserir no *game* e dados de apreensão, valores que gera esse crime e outras informações”, informou João Victo.

EDITAL N 0007.06.01.2023
A CAMECEI-BR - Câmara de Arbitragem e Mediação Empresarial, Comercial e Imobiliária no Brasil, estabelecida na Avenida Negro, nº 366, Sala 03, Tambauá, João Pessoa-PB, CEP: 58.039-100, tel: (83) 3031-4345, e-mail: cameceibrasil@gmail.com, neste ato representado pelo Presidente Arbitral Dr. João Ricardo Cavalcanti Travassos, inscrito no CPF/MF nº 028.709.564-95, FAZ SABER a todos quanto o presente edital virem, dele conhecimento tiverem ou a quem interessar possa que nesta Câmara Arbitral foi apresentado por:
A empresa JOSIVANIA PEREIRA DE SOUTO LTDA, inscrita no CNPJ/MF nº 39.250.207/0001-50, Rua Poeta Belsio Cordula, nº 74, Alto do Mateus, João Pessoa-PB, CEP: 58.090-510, representada pela Sra. JOSIVANIA PEREIRA DE SOUTO, inscrita no CPF/ME nº 073.220.954-48, Rua Poeta Belsio Cordula, nº 74, Alto do Mateus, João Pessoa-PB.
um Pedido de Reconhecimento de Usucapião por Procedimento Arbitral com relação ao imóvel: Imóvel situado na Rua José Gomes de Abreu, nº 1082, no bairro Alto do Mateus, João Pessoa - PB, devidamente descrita e caracterizada na matrícula nº 103.649, junto ao 1º Serviço Registral Imobiliário da Comarca de João Pessoa-PB.
Pelos INTERESSADOS AUSENTES, INCERTOS, DESCONHECIDOS E NÃO ENCONTRADOS, SEUS CÔNJUGES, SE CASADOS FOREM OU QUELES QUE PORVENTURA TENHAM CONHECIMENTO E INTERESSE POSSAM ALEGAR QUALQUER DIREITO SOBRE O IMÓVEL ACIMA MENCIONADO.
Decorrido o prazo de 15 (quinze) dias corridos a contar da data de cada uma das duas publicações deste edital, sem que haja a apresentação de impugnação escrita, com as razões da discordância, será presumida a anuência ao pedido de reconhecimento da usucapião, e ensejará a imediata sentença arbitral e consequentemente seu imediato registro em nome do requerente, como previsto no art. 216-A, § 6º, da Lei nº 6.015/1973
João Pessoa-PB, 13 de julho de 2023.
João Ricardo Cavalcanti Travassos
Árbitro da CAMECEI-BR

ECOLOGIA

A riqueza das cachoeiras na Paraíba

Quedas d'água propiciam momentos de lazer, favorecem surgimento de ciclos de vida e têm função socioambiental

Fernanda Dantas
Especial para A União

Ainda que se fale muito sobre o litoral e as deslumbrantes praias do estado, é adentrando as estradas distantes da capital que podemos desbravar os paraísos de água doce da Paraíba. Quando se pensa em cachoeira, é difícil não se lembrar das marcantes quedas d'água espalhadas por todo o estado que se transformam em verdadeiros cartões postais, são responsáveis pelo surgimento e manutenção de vida nessas áreas devido ao fluxo de água, além da função socioambiental, caracterizada pelo ecoturismo.

Não se sabe um número exato para quantidade dessas feições geomorfológicas, mas existe a certeza de que elas se estendem por todo o território paraibano, marcando desde o Litoral até o Sertão. Apesar das ocorrências em diferentes localidades, é nos brejos de altitude que elas se concentram em maior abundância.

O pós-doutor em Gestão de Águas pela Universidade de Alicante, na Espanha, e professor da Universidade Federal de Campina Grande, José Irivaldo Silva, explicou a origem das cachoeiras. Ele destacou que elas são formadas a partir da união de relevo e água, ou seja, quando existe um rio que possui um grande desnível, existe a possibilidade de ter uma cachoeira.

O especialista esclareceu, ainda, que as quedas d'água geralmente são formadas em rios jovens, que possuem um leito estreito e profundo e surgem por dois motivos: o primeiro é pela diferença de resistência à erosão apresentada pelas rochas por onde passa tal rio e por falhas no relevo que o secciona. Geralmente as cachoeiras originadas por esses falhamentos são temporárias, sendo esse o caso das encontradas no nosso estado. Em paralelo, a segunda causa de origem seriam movimentações tectônicas na crosta terrestre, que provocam elevação ou rebaixamento de enormes blocos de rocha, resultando assim em uma queda d'água.

Ele também reforçou que além da função socioambiental, caracterizada pelo ecoturismo, as cachoeiras também exercem um papel e funções primordiais ao ecossistema: "A existência de uma cachoeira ajuda as diversas formas de vida a acontecer naquele ambiente, porque é ela que mantém o fluxo de água suficiente para o ciclo da vida acontecer.", descreveu.

Por fim, ele chamou a atenção para a necessidade de proteger esses espaços e explorá-los de forma sustentável. Segundo José Irivaldo, é preciso que a gestão pública saiba que há instrumentos de gestão ambiental, como o zoneamento ecológico, que identifica as regiões que devem ser protegidas. Além disso, a comunidade deve se apropriar dessa identidade com o espaço e ao mesmo tempo reconhecer a cachoeira como uma potência turística e ambiental.

Segundo Gabriel Cavalcante, pós-doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba, essas são áreas excepcionais, ou seja, partes do território que se localizam em altitudes relativamente elevadas e possuem características ambientais distintas de seu entorno devido à ocorrência mais frequente e abundante de chuvas. É por isso que as cidades do Brejo paraibano - como Areia, Bananeiras, Pilões, Borborema, Alagoa Nova, Serraria, Píripituba, Dona Inês - têm em comum a existência de uma ou mais quedas d'água nos arredores do município.

As cachoeiras também são sazonais, isto é, que se formam durante o período chuvoso e, por isso, não desaguam o ano todo. A melhor época para visitá-las se dá nos meses de janeiro a julho.



Foto: Fagner Giminiiano

Cachoeiras surgem através da existência de grandes desníveis de relevo e da presença de rios, a exemplo da Veu da Noiva, segundo especialista

Ecoturismo

Quais cachoeiras visitar?

Durante a visita, é possível fazer várias atividades dependendo da cachoeira escolhida. A gama é bastante diversificada, e, conforme os gostos do público e disponibilidade do lugar, se consegue transitar entre a simples contemplação do ambiente até a prática de esportes radicais, como rapel, além dos tradicionais banhos nas águas cor-

rentes. Em alguns desses espaços também é possível acampar, fazer trilhas e visitar restaurantes próximos que servem pratos da culinária regional, mas é importante lembrar que as visitas devem ser realizadas preferencialmente com a companhia de algum guia turístico, que orientam os visitantes com segurança nesses espaços.

Cachoeira de Ouricuri

Descoberta há cerca de 30 anos pelos moradores da região, fica localizada no Sítio Ouricuri, na cidade de Pilões, a cerca de 117 quilômetros da capital paraibana. O percurso até a cachoeira é de fácil acesso e exige apenas caminhada. Existem duas entradas para o local: uma principal, que é gratuita; e outra secundária, onde é cobrada uma taxa de R\$ 3 por pessoa. Além do banho nas águas da cachoeira, atividades como rapel e tirolesa estão disponíveis para os visitantes.

Foto: Almir Silva



Cachoeira da Manga

Também pertencente ao município de Pilões, a cachoeira da Manga se localiza no Sítio Avarzeado, a cerca de 130 quilômetros da capital paraibana. Ao contrário da anterior, o acesso até ela é um pouco mais difícil, onde o visitante precisa percorrer uma trilha moderada. Em contrapartida, a entrada é gratuita e o passeio por lá promete prazerosos banhos em água doce nas diferentes quedas d'água do local.

Pedra do Altar

Nesse caso, não se trata apenas de uma cachoeira, mas de um espetacular complexo arqueológico, localizado às margens da BR-104, a cerca de seis quilômetros da cidade de Barra de Santana. Algo que pode vir a ser uma dificuldade é o acesso: para chegar na cachoeira, é necessário fazer uma trilha de um quilômetro e meio, com um nível de dificuldade superior às anteriores por se tratar de um local íngreme e com pedras soltas, obstáculo esse que é recompensado com a linda vista das quedas d'água, das pinturas e da famosa Pedra do Altar. É cobrada uma taxa simbólica no valor de R\$ 10 - que será reajustado para R\$ 20 a partir de agosto - por pessoa, convertidos em melhorias, manutenção e limpeza do local.

Cachoeira do Roncador

A cachoeira do Roncador não é uma das mais famosas dessa lista à toa. Localizada entre as cidades de Píripituba, Bananeiras e Borborema, com uma distância aproximada de 112 quilômetros da capital, o Roncador traz à tona características que agradam esse tipo de público. O ambiente é capaz de acolher desde o turista que deseja uma passeio relaxante com banhos em águas cristalinas até o visitante fã de esportes radicais e aventura.

■ Cachoeira do Rastrinho é uma das quedas d'água que viraram atração no interior



Foto: Fagner Giminiiano

Serra Grande detém 36 cachoeiras catalogadas

Mesmo que a região do Brejo seja a mais associada quando se fala em cachoeiras na Paraíba, é no Alto Sertão que a terra com mais cachoeiras se encontra. A 450 quilômetros de João Pessoa, o município de Serra Grande possui 36 cachoeiras catalogadas.

O mais curioso dessa história é que essas cachoeiras só foram descobertas a partir de 2021 - e por acaso. O Consultor Turístico, Fagner Giminiiano, contou que sua empresa, a FJ consultoria turística, foi procurada pela Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer do município para fazer um trabalho de pesquisa sobre urnas funerárias do povo indígena Tupi, a fim de explorar a viabilidade turística da região. Foi justamente durante as buscas pelas urnas que a equipe de profissionais se deparou com as primeiras quedas d'água, encontrou essas que passaram a ser cada vez mais frequentes e, mesmo com o conhecimento prévio de que existiam cachoeiras na região, o número de aparições chamou muita atenção.

Fagner relatou que só na primeira visita foram seis cachoeiras encontradas, e que esse número crescia a cada caminho trilhado. Nesses dois anos de exploração, foram catalogadas quase 40 cachoeiras, com expectativa de que até o fim do próximo ano o número total de áreas catalogadas chegue à casa dos 50.

Duas das principais cachoeiras de Serra Grande são a Cachoeira da Espera, que é a mais conhecida por ser de melhor acesso, e a Cachoeira da Espera Dois. Essa segunda chama a atenção pela grandiosidade - cerca de 50 metros de altura, e apesar de não ser um ambiente muito favorável para banho de visitantes, a equipe turística está estudando a possibilidade de trabalhar atividades de esporte e aventura no ambiente.

Além dessas, também são destaques a Cachoeira

das Piabas, Cachoeira Veu de Noiva, Cachoeira do Rastrinho, Cachoeira da Santana e muitas outras. Em Serra Grande existem tantas cachoeiras que muitas nem possuem um "nome de batismo" até então. Foi a equipe de buscas que nomeou diversas delas, porque, segundo o consultor turístico, a população local "não tinha aquilo como cachoeiras".

Quase todas essas belezas possuem características em comum, como a proximidade com a cidade, já que num raio de apenas 600 metros do município é possível ter acesso a cerca de 12 delas, com um trajeto que consegue facilmente ser realizado a pé. E a gama de atrativos não para por aí: águas claras e limpas juntamente a uma natureza extremamente preservada e com pouquíssima interferência humana somam-se aos encantos das quedas d'água serra-grandenses.

Embora a descrição de tudo isso pareça um convite irrecusável para quem lê, o fluxo de visitantes em Serra Grande não é expressivo. A ideia de se explorar o território turisticamente e ecologicamente começou a ser pensada recentemente, há cerca de dois anos. O investimento no ramo está caminhando. Existem atualmente algumas chácaras e pousadas disponíveis para reserva.

As cachoeiras de Serra Grande são o foco aqui, mas se engana quem pensa que a cidade com cerca de três mil habitantes tem exclusivamente as cachoeiras a oferecer. Mesmo pequena em área, o município é gigante em questões culturais: há a presença de engenhos de cana-de-açúcar, uma culinária local para lá de inusitada (inclui pratos atípicos como cuscuz com mel de engenho e até mesmo doce de ovo) e manifestações religiosas e folclóricas marcantes, a exemplo do bacamarteiro. Por tudo isso, Serra Grande se mostra ser um excelente destino a ser visitado pela experiência de contato com a natureza.



Foto: Cristiano Santos/Botafogo

Torcida do Botafogo deve comparecer em maior número no Estádio Almeidão em mais um jogo decisivo para a classificação antecipada para a segunda fase do Campeonato Brasileiro da Série C

BRASILEIRO DA SÉRIE C

Belo enfrenta o Manaus para encaminhar a vaga

Botafogo está muito perto de se garantir na segunda fase e necessita de uma vitória sobre um adversário que não vem bem na tabela de classificação

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Embalado após uma sequência de duas vitórias na disputa do Campeonato Brasileiro da Série C, o Botafogo retoma, hoje, a disputa na competição querendo emplacar a terceira vitória consecutiva de olho na liderança. O Belo recebe o Manaus-AM, a partir das 19h, no Estádio Almeidão, em João Pessoa-PB, pela sequên-

cia da 15ª do torneio nacional. Desde que começou a disputa na Série C, o alvinegro sempre conseguiu se manter dentro do G8 e vai permanecer por mais uma rodada, já que com 24 pontos na 4ª colocação, não corre risco de terminar na 9ª colocação ao fim desta rodada. O clube mira a terceira vitória consecutiva após bater a Aparecidense-GO e Altos-PI, com a possibilidade de chegar aos 27 pontos e alcançar a liderança

em caso de tropeços de Brusque-SC, Operário-PR e Amazonas-AM. Enfrentando o dono da pior defesa da competição, o alvinegro corre também atrás de melhorar a sua artilharia já que é dono do sexto melhor ataque com 18 gols marcados, o que representa uma média de 2,25 gols por partida. No confronto de logo mais, o Belo terá duas ausências para o confronto no setor defensivo. O goleiro Mota, que

vem sendo um dos destaques nos últimos jogos, além do volante, Natan Costa, estarão fora da partida por acúmulo de cartões. O treinador Felipe Surian só deve anunciar os substitutos, horas antes do confronto.

No limite do Z4 da Série C, o Manaus-AM aposta na chegada do Roger Silva para tentar livrar o clube do rebaixamento, o comandante assume a equipe para reta final da 1ª fase após a saída de Moacir Jú-

nior, que no início dessa semana deixou o clube depois de ter aceitado uma proposta do futebol chinês. Ciente da responsabilidade de evitar o rebaixamento do Gavião, Roger diz que a equipe vai passar a encarar cada partida como uma decisão e, logo, neste confronto com o Botafogo a meta é somar três pontos.

“Temos que pensar jogo a jogo, só depende de nós. Eu vejo com muito bons olhos a nossa tabela. Jogo difícil contra um dos clubes da ponta da tabela do campeonato. É importante que a gente pontue logo na partida de hoje”, disse.

O confronto que pode colocar o Belo na ponta da tabela será comandado pelo trio carioca tendo Tarcizo Pinheiro Caetano na arbitragem central e com Rafael Sepeda de Sousa e Raphael Carlos de Almeida Tavares dos Reis nas assistências. O paraibano José de Arimatéia Freire da Silva atua como árbitro reserva para fechar o trio de arbitragem.

O confronto que pode colocar o Belo na ponta da tabela será comandado pelo trio carioca tendo Tarcizo Pinheiro Caetano na arbitragem central e com Rafael Sepeda de Sousa e Raphael Carlos de Almeida Tavares dos Reis nas assistências. O paraibano José de Arimatéia Freire da Silva atua como árbitro reserva para fechar o trio de arbitragem.

BRASILEIRÃO

Duelo entre tricolores abre os jogos deste domingo

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

A 17ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série A terá sequência, hoje, com quatro partidas, sendo uma delas marcada pelo encontro de tricolores e com o líder recebendo uma equipe da zona de rebaixamento para seguir na dianteira da tabela de classificação.

A partir das 11h, no Estádio Morumbi, em São Paulo-SP, acontece o duelo de tricolores com o São Paulo-SP recebendo o Bahia-BA. E para buscar a reabilitação contra o tricolor baiano, após acabar derrotado para o Cuiabá-MT, na rodada 16, o São Paulo-SP não vai poder contar com o seu ataque titular.

Os artilheiros do São Paulo-SP na temporada, com nove gols cada, Luciano e Calleri cumprirão suspensão por acúmulo de cartões amarelos e estão fora do confronto contra o Bahia-BA. Quem também estará de fora é o treinador, Dorival Júnior, que não poderá

atuar por ter sido expulso contra o Cuiabá-MT. O mais cotado para iniciar jogando na vaga de Calleri é o garoto Juan, enquanto David, Alexandre Pato, Erison e Marcos Paulo brigam pela vaga deixada por Luciano.

O Bahia vai buscar reencontrar o caminho da vitória já que não vence há cinco partidas desde quando bateu o Palmeiras por 1 a 0, em Salvador-BA, de lá para cá o tricolor baiano acumulou três derrotas e dois empates que fizeram a equipe despencar da 14ª para a 17ª posição, iniciando a 17ª rodada dentro da zona de rebaixamento. Para sair do Z4, o tricolor de aço terá de quebrar um tabu de 10 anos sem vencer o São Paulo-SP, no Morumbi, e ainda torcer por tropeço do Goiás-GO.

Os jogos seguem com duas partidas sendo realizadas a partir das 16h, com o Palmeiras-SP visitando o América-MG, na Arena Independência, em Belo Horizonte-MG e Botafogo-RJ recebendo o Coritiba-PR, no Estádio Engenhão, no Rio de

Janeiro-RJ, querendo ampliar a vantagem de 11 pontos para o segundo colocado.

Para buscar a 14ª vitória na competição, o Glorioso vai tentar manter o retrospecto de 100% de aproveitamento jogando como mandante, o clube venceu todos os oito jogos que disputou em casa. Mas na sua primeira partida no comando do clube no Engenhão, o treinador Bruno Lage não vai poder contar com o zagueiro Adryelson, suspenso pelo terceiro amarelo, e o atacante Luís Henrique em fase de recuperação, após lesão no ombro. Em contrapartida, o comandante alvinegro terá o retorno do zagueiro Victor Cuesta, que retorna após cumprir suspensão.

“Será uma caminhada longa, tendo a oportunidade de comandar o primeiro jogo em casa e sentir o calor da torcida. O mais importante é caminhar e pensar no que o Botafogo está fazendo como equipe para a sequência da competição”, disse Bruno Lage ao GE.

Presente na zona de rebaixamento desde o início da competição, o Coritiba-PR tem a oportunidade de sair do Z4. O clube vive o seu melhor momento no torneio e vem de uma sequência de três vitórias e um empate, resultados que fizeram o Coxa diminuir os riscos de cair para a segunda divisão de 84,8% para 30,8%. O clube inicia a rodada na 18ª posição e pode deixar o

Z4 em caso de vitória e tropeços de Bahia-BA e Goiás-GO.

A rodada será concluída com duelo entre Goiás-GO e Grêmio-RS, agendado para as 18h30, no Estádio da Serrinha, em Goiânia-GO. As duas equipes tentam emplacar uma sequência de duas vitórias após terem conseguido vencer Cruzeiro-MG e Atlético-MG, respectivamente, na rodada 16.



Foto: Vitor Silva/Botafogo/RJ

Jogadores do Botafogo carioca realizando treinamento físico

JOGOS OLÍMPICOS

COB aumenta a premiação em 40%

Bonificação aos medalhistas varia de R\$ 140 mil a R\$ 1,05 milhão nas modalidades individuais e coletivas em Paris

Foto: Miriam Jeske/ COB

O Comitê Olímpico do Brasil (COB) realizou na última quarta-feira, dia 26, evento em São Paulo para celebrar o marco de um ano para os Jogos Olímpicos Paris 2024. A entidade aproveitou a ocasião para apresentar detalhes do seu planejamento para o maior evento esportivo do mundo e ainda realizou uma série de anúncios, entre eles os valores da premiação para os atletas medalhistas.

“A preparação para os Jogos Olímpicos de Paris já está na fase final. É um planejamento feito com antecedência de muitos anos, assim como são todas as ações do Comitê Olímpico do Brasil. A apresentação de como tudo está sendo feito foi muito importante para as pessoas terem a dimensão do que é essa preparação do COB para os nossos atletas e para o esporte brasileiro com foco em Paris. Foi um evento espetacular, atingiu todos os nossos objetivos, que é o engajamento de todos os stakeholders do esporte. Paris está chegando, é logo ali. Demos nosso recado e acho que foi bem entendido”, declarou Paulo Wanderley, presidente do COB.

O Brasil bateu seu recorde de medalhas olímpicas em Tóquio 2020 e agora, nos Jogos Paris 2024, buscará superar o desempenho histórico. Motivação para isso não faltará. Um dos principais anúncios do dia foi a premiação em dinheiro que o COB oferecerá para os medalhistas olímpicos no ciclo atual. Os valores estão cerca de 40% mais altos com relação aos praticados no último ciclo olímpico. Divididos em três categorias de atletas (individual, grupo e coletiva), as premiações variam entre R\$ 1,05 milhão e R\$ 140 mil.

Vale ressaltar que nas categorias grupo e coletiva, os valores são o total a ser pago. Este valor será dividido entre os medalhistas de maneira igualitária, independentemente de serem titulares ou reservas. Os atletas que ganharem mais de uma medalha acumulam a premiação, recebendo por cada prova premiada. No último ciclo, o COB desembolsou R\$ 5,2 milhões em premiações pelas medalhas conquistadas.

“É fundamental passarmos todas as informações aos nossos parceiros, patrocinadores, atletas e treinadores para que eles entendam a complexidade que é montar a estrutura para que a gente possa ter a melhor representatividade daqui a um ano. O COB está se preparando para buscar grandes resultados nos Jogos Olímpicos de Paris. Sabemos que cada dia conta, assim como é para o atleta em seu treinamento. São muitos detalhes, muito trabalho, mas estamos cada vez mais próximos daquilo que entendemos ser o ideal. Não vamos descansar para chegar 100% em Paris e alcançar todos os nossos objetivos. Sonhamos em ter uma partici-



A surfista Tatiana Weston-Webb já se garantiu nas disputas dos Jogos Olímpicos de Paris que vão começar no dia 26 de julho e terminam em 11 de agosto de 2024

pação histórica em Paris e o esforço é diário”, comentou Rogério Sampaio, diretor-geral do COB.

No evento, a campeã olímpica e mundial de ginástica artística Rebeca Andrade foi anunciada como Embaixadora de Sustentabilidade do COB. A entidade tem realizado cada vez mais projetos e ações voltados para o assunto, e agora tem uma das principais atletas do mundo como representante, o que trará ainda mais atenção, importância e engajamento em uma questão importante como a sustentabilidade.

“Com os feitos que tive nesses últimos anos, minha voz pôde ser ouvida. Fico muito feliz de poder escolher as minhas causas. Então, ser escolhida como Embaixadora de Sustentabilidade do COB é algo muito importante para mim. É uma honra poder incentivar as pessoas. Sozinha não vou mudar o mundo, mas posso fazer alguma diferença. Então, se todos se juntarem a gente poderá mudar o

mundo de verdade”, declarou Rebeca, que se prepara para a primeira competição do ano, o Campeonato Brasileiro, em agosto, de olho no principal objetivo, os Jogos Olímpicos de Paris, daqui a um ano.

Vagas garantidas

Atualmente, o Time Brasil conta com 43 vagas garantidas, sendo 34 femininas e nove masculinas. São 12 para o rúgbi feminino e 18 para o futebol feminino. O Brasil também tem vagas no ciclismo BMX racing (feminino), saltos ornamentais (plataforma 10m feminina e masculina) e tiro esportivo (pistola de ar 10m masculina). No atletismo, já foram obtidos índices nas seguintes provas: maratona (masculina), marcha atlética 20km (masculina e feminina), arremesso do peso (masculino), 400m rasos (masculino), 400m com barreiras (masculino) e 110m com barreiras

(masculino). Filipe Toledo e Tatiana Weston-Webb, do surfe, são os dois nomes já confirmados no Time Brasil dos Jogos Olímpicos de Paris. A expectativa é de que até o fim de 2023 esse número aumente bastante com a disputa de Campeonatos Mundiais, seletivas qualificatórias e, principalmente, os Jogos Pan-Americanos de Santiago.

Na parte logística, o trabalho já está em fase de execução. Este mês, a entidade esteve em Marinha na operação da estrutura de apoio aos atletas durante o evento-teste da vela. Já a partir de hoje, os olhos do COB se voltam para mais de 15 mil quilômetros de distância da capital francesa, mais precisamente ao Taiti, onde será testada a base de apoio para o surfe durante a etapa de Teahupoo do Circuito Mundial.

“O COB vem realizando um trabalho incessante

para oferecer todo o suporte aos atletas brasileiros nesta reta final de preparação para os Jogos Olímpicos. Pelos nossos resultados recentes, estou confiante em um bom desempenho do nosso país nos Jogos Olímpicos de Paris 2024. Nossa meta dentro do COB é sempre a superação dos resultados anteriores. Esse é o nosso principal objetivo, seja em número de medalhas, participações em finais, aumento da quantidade de modalidades e de atletas com chances de resultados”, afirmou o presidente do COB, Paulo Wanderley, que espera um evento histórico na capital francesa daqui a um ano. “Paris 2024 será um grande marco da retomada do Movimento Olímpico com a volta do público em um cenário magnífico”, completou Paulo Wanderley.

Outro grande diferencial da operação do

COB na França será a base de apoio na cidade de Saint-Ouen, a apenas 600m da Vila Olímpica, onde serão oferecidos diversos serviços no período dos Jogos.

Premiação

INDIVIDUAL

Ouro - R\$ 350 mil
Prata - R\$ 210 mil
Bronze - R\$ 140 mil

GRUPO

Ouro - R\$ 700 mil
Prata - R\$ 420 mil
Bronze - R\$ 280 mil

COLETIVA

Ouro - R\$ 1,05 milhão
Prata - R\$ 630 mil
Bronze - R\$ 420 mil

Tocha representa igualdade, água e conciliação

Foto: Divulgação/Paris 2024

Agência Estado

O comitê organizador dos Jogos de Paris-2024, presidido pelo ex-canoinista francês Tony Estanguet, revelou, esta semana, o design da tocha olímpica. Projetada pelo designer Mathieu Lehanneur, em parceria com a empresa ArcelorMittal, a peça de cor champanhe de 70 centímetros e 1,5 quilos tem sua chama alimentada por biopropano. Foram produzidas 2 mil unidades para o tradicional revezamento.

Para desenhar a tocha, Lehanneur inspirou-se em três símbolos da próxima Olimpíada: igualdade, água e con-



Tony Estanguet e Mathieu Lehanneur com a tocha olímpica

ciliação. “A igualdade é simbolizada pela simetria perfeita”, disse o designer em coletiva de imprensa. “A água é simbolizada pela onda e pelos efeitos de vibração. A conciliação é simbolizada pela gentileza

das curvas”, completou.

O design será utilizado tanto na jornada do revezamento da chama olímpica quanto da paralímpica. “Seguindo nossa lógica de construir pontes entre os Jogos Olímpicos e Para-

límpicos, este último já compartilha o mesmo emblema e mascote do primeiro. Em Paris-2024, também teremos um design de tocha único”, explicou Estanguet.

Conforme a tradição, a chama será exibida inicialmente em uma cerimônia em Olímpia, na Grécia. Então, viajará de barco à cidade francesa de Marselha, com desembarque previsto para o dia 8 de maio de 2024, data a partir da qual passará por diversas localidades e mãos, durante 68 dias, até acender a pira olímpica na cerimônia de abertura em Paris. Depois, a chama acenderá a pira

dos Jogos Paralímpicos, dia 28 de agosto.

“A tocha é o objeto mais complexo, tecnicamente e tecnologicamente, do que eu imaginava a princípio. Tentamos manter sua dimensão icônica, que é muito simbólica e quase mágica. Como poderíamos transmitir tanta energia, tanta densidade e tantas mensagens para algo que não é vivo? A ideia era que este objetivo, seja sendo carregado pelos participantes do revezamento da tocha ou em um museu, incorporasse e fosse o símbolo absoluto de Paris 2024 e do que acontece nestes Jogos Olímpicos e Paralímpicos”, disse Lehanneur.

TAEKWONDO

Seleção encerra treinos em São Paulo

Paraibana Silvana Fernandes destaca a importância da atividade para a disputa dos próximos eventos internacionais

A Seleção Brasileira de Taekwondo Paralímpico esteve reunida no Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo até ontem, depois de seis dias de preparação para uma série de competições internacionais marcadas para o segundo semestre com testes físicos, treinos e simulações de lutas.

A equipe foi formada por 28 lutadores, incluindo 22 atletas da equipe nacional adulta e seis da juvenil. Entre os atletas, a paraibana Silvana Fernandes que falou sobre a etapa de treina-

mento no CT em São Paulo.

Campeã mundial em Istambul, em 2021, disse que o treino da Seleção Brasileira no CT fortalece a equipe: "É muito bom reunir todos os atletas, cada um com uma forma de treinar diferente, isso agrega muito à Seleção. A pancadaria de competições começa agora no segundo semestre, será um calendário muito apertado, mas esperamos que com muitas vitórias para carimbar nossa ida para Paris. Estou muito bem física e mentalmente fazendo um

trabalho específico para os Jogos e acompanhando as atletas novas que estão surgindo para não ter nenhuma surpresa", afirmou a lutadora, que contou monitorar o avanço de adversárias da China e da França.

As principais competições da Seleção Brasileira no segundo semestre serão o Mundial, no México, de 20 a 26 de setembro, para o qual o Brasil levará 22 lutadores, e os Jogos Parapan-Americanos de Santiago, no Chile, nos quais o país será representado por 20 atletas.

Além disso, de agosto a dezembro serão disputadas quatro etapas de Grand Prix, passando por França, México, China e Inglaterra.

Todos os torneios distribuem pontos para o ranking e, por isso, são fundamentais para a obtenção da vaga para os Jogos Paralímpicos de Paris 2024, explicou Rodrigo Ferla, coordenador técnico da equipe. Cada país poderá levar até dez atletas da modalidade. O Brasil conta com sete atletas bem posicionados para a obtenção de uma vaga para os Jo-

gos e a expectativa é levar a maior delegação entre todas as participantes do megavento do ano que vem.

A estreia do taekwondo em Jogos Paralímpicos foi na edição de Tóquio 2020. Na ocasião, o Brasil foi campeão da modalidade, tendo levado três atletas e obtido medalhas com todos eles: Nathan Torquato (ouro na categoria até 61kg), Débora Menezes (prata na categoria acima de 58kg) e Silvana Fernandes (bronze na categoria até 58kg).

O campeão paralímpico

Nathan Torquato disse que o treinamento da Seleção no Centro de Treinamento Paralímpico favorece a troca de experiências com os atletas mais jovens. "Para eles, é uma experiência muito boa ver como é o ritmo do adulto. Eu busco passar para os jovens coisas básicas, ensinar a lidar com pressão e ter orgulho de estar representando o Brasil, que é uma potência do taekwondo paralímpico mundial. Tento passar essa leveza e vontade de entregar tudo de si no tatame", completou.



Silvana Fernandes (E) durante treinamento no CT Paralímpico, em São Paulo, visando o Mundial do México e o Parapan de Santiago

Foto: Ale Cabral/CPB

CABEDELÓ A JOÃO PESSOA

Rotam promove passeio de motociclistas neste domingo

O Regimento de Operações Táticas com Apoio de Motocicletas (Rotam) completa quatro anos de criação no dia cinco de agosto, mas as comemorações começam hoje, com um grande passeio de motociclistas saindo do Quartel do Comando Geral (QCG), em Cabedelo, até a Estação Ciências, em João Pessoa, percorrendo várias ruas dos dois municípios. A saída deve acontecer a partir das 7h. O comandante-geral, coronel Sérgio Fonseca vai acompanhar o evento.

Os participantes do evento de hoje deverão doar um quilo de alimento não perecível, e a arrecadação será destinada à entidade carente.

Os "Águias", como são chamados os policiais que atuam no policiamento de

motociclistas, tem grande importância na segurança pública, pois possuem uma capacidade de deslocamento rápido e tem facilidade de atuar em localidades como becos e ruas estreitas.

A unidade foi criada e inaugurada no primeiro ano de gestão do governador João Azevêdo, em 5 de agosto de 2019, com investimento inicial superior a R\$ 3 milhões. O Rotam tem atuação em toda Paraíba e diariamente realiza prisões e apreensões, além de reforçar a presença policial na prevenção de crimes.

Para o comandante da unidade militar, major João Allisson de Moura, o objetivo do passeio é mostrar a população o efetivo do regimento, a sua dinâmica, agilidade para vencer obstáculos com relação a trânsito.



Foto: Divulgação/PMPB

O passeio de motociclistas sairá do Quartel do Comando Geral, em Cabedelo, com destino à Estação Ciência, em João Pessoa

FESTIVAL DE ARRANCADA

Evento vai reunir mais de 50 pilotos

Disputas atraem amadores e profissionais e acontecerão no Autódromo Internacional da Paraíba, em agosto

José Alves
zavieira2@gmail.com

Realizado com sucesso desde 2016 no Autódromo Internacional da Paraíba, em São Miguel de Taipu, o Festival Nordeste Drag Racing de Arrancada estará de volta e promete muita adrenalina com a participação de mais de 50 pilotos nos dias 19 e 20 de agosto. Segundo o diretor de Velocidade e Arrancada da Federação de Automobilismo do Estado da Paraíba e promotor do festival, Elton Andrade, "esse é um evento que acontece em todo o país, mas no Nordeste só na Paraíba, no Maranhão e em Fortaleza", revelou.

Ele disse ainda que o Festival de Arrancadas atrai pilotos amadores e profissionais de todo o Nordeste. Cerca de 60% dos pilotos que participarão do evento são amadores e chegam para a disputa com seus carros turbinados. Nosso objetivo com esse festival de arrancadas é fazer com que os jovens participem e não façam arrancadas e grandes aceleradas nas ruas de sua cidade. A meta é fazer com que eles venham acelerar seus veículos no lugar certo. Então o intuito principal desse evento é fazer com que os jovens não façam arrancadas nas ruas, mas, sim, no lugar certo, que é no nosso autódromo", pontuou.



Os participantes serão divididos em categorias de acordo com a preparação de cada modelo de veículo na reta de 201m no Autódromo Internacional

Para esse ano a promessa é que o evento seja melhor. Que o Festival NE Drag Racing que já é considerado o melhor evento de arrancadas do Nordeste, seja realizado na reta de 201 metros do Autódromo Internacional da Paraíba.

A prova reunirá mais de 50 pilotos de toda a região Nordeste, equipes que já são conhecidas nacionalmente e que participam de provas no

Sul do país também já confirmaram presença. Os participantes serão divididos em categorias de acordo com a preparação de cada modelo de veículo. "O evento terá muita agitação em dois dias de competições e permitirá ao público e pilotos um verdadeiro show com interação total", previu.

Os ingressos serão vendidos nos dias do evento, no Portão da Entrada "B" do Au-

tódromo, que fica localizado na BR 230, KM 61, por trás do Condomínio GreenVille (Estrada que liga João Pessoa a Campina Grande), por R\$ 20, para o sábado e domingo. O público presente terá acesso ao paddock e aos boxes, onde será permitido a todos tirarem fotos próximos aos pilotos. A coordenação do evento informou também que o estacionamento interno no autódromo é gratuito.

Os desafios acontecerão entre as categorias: Livre (super preparados), até 12 segundos, onde se enquadram os carros originais (total de 10 categorias). No sábado, o evento terá início às 10h, com os primeiros treinos livres até as 16h. No domingo, o evento recomeça a partir das 9h, com mais treinos livres entre às 9h e 11h, briefing e mais três arrancadas oficiais de cada categoria, finalizando às 16h,

após o mata-mata e com o pôdio entre os pilotos.

As inscrições já foram liberadas no endereço: www.garagem83.com.br/nedragracing | [instagram@garagem83](https://www.instagram.com/garagem83) ou diretamente com os promotores do evento, através do WhatsApp (83) 9.8182-0083 - Valor de R\$ 300,00 (Categorias Desafios por Tempo) válido para os dois dias de competição. O evento tem patrocínio da BDM Performance.

Foto: Reprodução/Instagram

A PRIMEIRA NO ESPORTE É PIONEIRA NO FUTEBOL AMERICANO

MARKETING EPC

PRIMEIRO LUGAR EM ESPORTE, NO RÁDIO E NO YOUTUBE, A TABAJARA SERÁ A PRIMEIRA EMISSORA A TRANSMITIR FUTEBOL AMERICANO NO ESTADO. É PIONEIRISMO MAS É, TAMBÉM, A VALORIZAÇÃO DA PARAÍBA ATRAVÉS DA PARCERIA COM O ESPECTROS JOÃO PESSOA, TIME SENSACIONAL NA CENA LOCAL, EM DISPUTA PELO TRICAMPEONATO NA LIGA BFA, O CAMPEONATO BRASILEIRO DA MODALIDADE. VAMOS TORCER,

LIGADOS NA TABAJARA!

AO VIVO NO YOUTUBE

 RADIOTABAJARAFM




Diplomacia e política indígena

Iniguaçu, Poti e Paraupaba - respectivamente, o primeiro político, o primeiro missionário e o primeiro diplomata paraibanos - eram potiguaras e tiveram seus nomes omitidos da historiografia oficial

Ademilson José
 Especial para A União

A Paraíba oficial começa no dia 5 de agosto de 1585 e, pela lógica institucional e dos registros históricos, teve o primeiro governador, João Tavares, como seu primeiro político. Mas antes dele, no entanto, foi um nativo potiguara da Serra da Copaoba (hoje município de Serra da Raiz) quem, em confronto com portugueses instalados em Pernambuco, agiu e se destacou como primeiro político realmente paraibano.

Antes de comandar a tropa potiguara/francesa, que provocou a conhecida Tragédia de Tracunhaém, em 1574, o cacique Iniguaçu primeiro se dirigiu a Olinda para conversar com o governador-geral que se encontrava em Pernambuco e, com ele, tratar do resgate de sua filha, Iratembé, sequestrada pelo cristão novo Diogo Dias, dono do engenho que deu nome à tragédia.

“Apesar de ser um silvícola, o cacique da Serra da Copaoba, Iniguaçu, agia de forma mais civilizada do que muitos homens civilizados do seu tempo”, afirma Gusto Oliveira, autor da plaquete 'Iniguaçu e a Tragédia de Tracunhaém', registro literário com informações compartilhadas da 'História do Brasil', de Frei Vicente de Salvador, e de pesquisas de Luiz Gonzaga de Oliveira, autor de livros que tratam das origens de Serra da Raiz.

Gusto Oliveira lembra que, como nos comandos das capitânicas só existiam europeus (portugueses, principalmente) ou descendentes, o nativo Iniguaçu foi mesmo o primeiro paraibano a, além da condição de cacique e guerreiro, agir como político em várias situações.

“É verdade que daquela vez ele não conseguiu resolver o problema à base da negociação, do diálogo e da política, mas tentou”, observa Gusto Oliveira, ao lembrar que não resolveu porque, como a Capitania de Pernambuco estava com o comando se renovando entre Antônio Salema e Luiz de Brito, houve protelação na solução e, consequentemente, a tragédia que terminou com mais de 600 mortos, entre eles o dono e até mesmo empregados e escravos do engenho.

Iniguaçu resgatou a filha e, juntamente com os aliados franceses, retornou à vida normal na Serra da Copaoba, mas, em Lisboa, as repercussões do fato foram imediatas. Como já andava irritado com a demora que as tropas portuguesas estavam levando para dominar a Paraíba (as tentativas vinham desde 1534), depois da tragédia, Dom Sebastião (rei de Portugal) assinou decreto criando a Capitania da Paraíba, mesmo que a conquista e

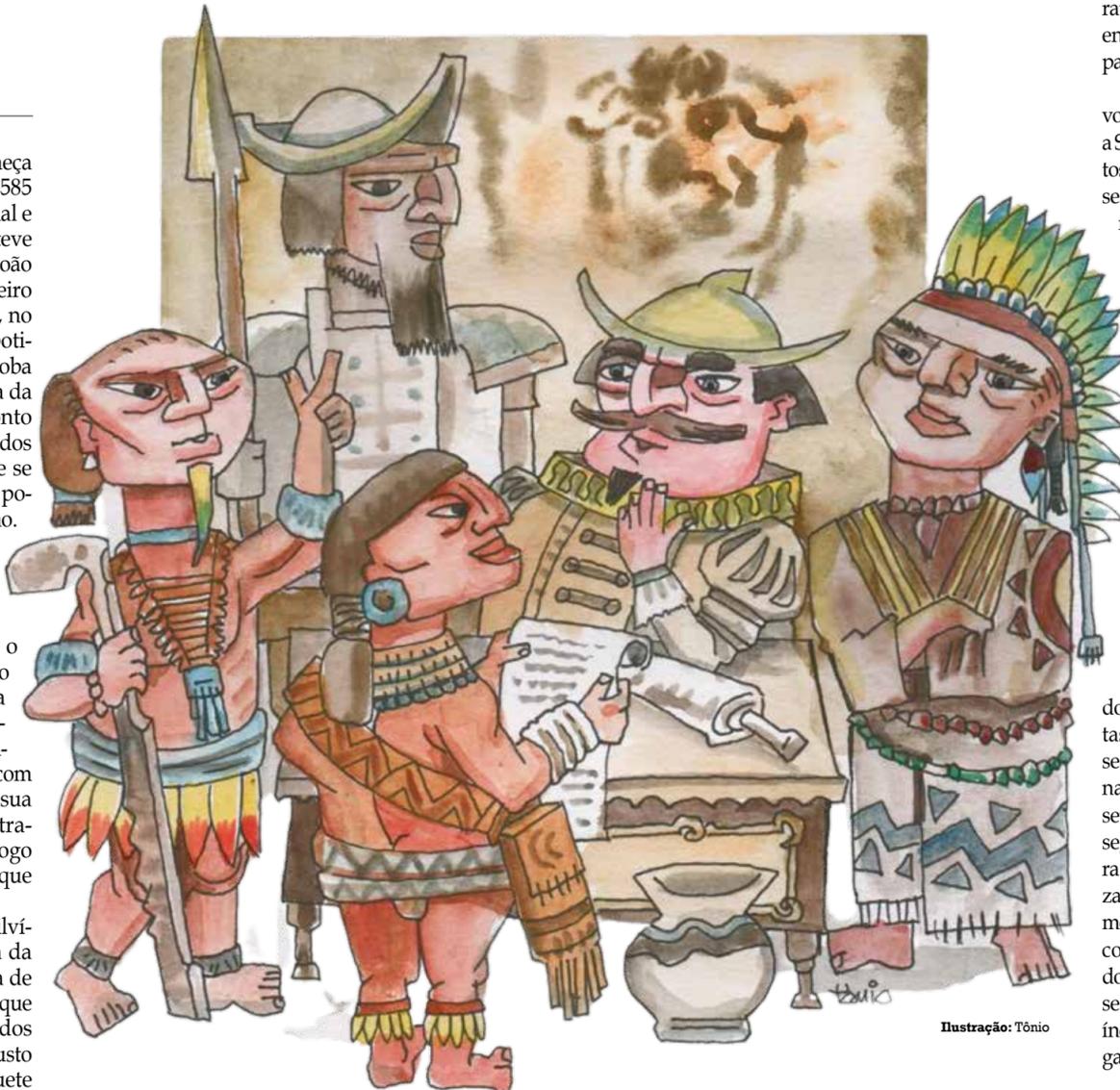


Ilustração: Tônio

ocupação só viessem a ocorrer de fato onze anos depois, no dia 5 de agosto de 1585.

Como os personagens indígenas eram bem menos registrados pelos escribas dos colonizadores e, consequentemente, pelos historiadores, o indígena Iniguaçu (rede grande, em tupi) terminou na condição de ilustre desconhecido da História do Brasil, até hoje, inclusive, sem ao menos uma biografia que estabeleça garantia sobre datas precisas de nascimento e morte. Em todo caso, devido aos resgates históricos posteriores à Tragédia de Tracunhaém e ao fato de ter agido como político civilizado, terminou virando estátua e dando nome à principal praça pública de Serra da Raiz, o mesmo ocorrendo com sua filha, Iratembé (lábios de mel), que vai dar nome a um parque que já está em construção também no centro da cidade.

“**O cacique Iniguaçu agia de forma mais civilizada do que muitos homens civilizados do seu tempo**”

Gusto Oliveira

O evangelizador que falava tupi e foi um chefe religioso

Os dois primeiros séculos de colonização também foram marcados pela presença de vários religiosos que ficaram conhecidos na história do Brasil, mas acontece que todos também eram europeus ou descendentes. Todavia, o primeiro paraibano nato a assumir formalmente tal condição também acabou completamente omitido pela historiografia oficial.

Pedro Poti, o paraibano que nasceu em 1608 em Baía da Traição, não foi somente o primeiro brasileiro-paraibano missionário. Também foi chefe religioso na Aldeia de Mussurepe, próximo a Recife, e eleito regente-mor dos índios potiguara. A função era reconhecida pelo governo de Maurício de Nassau que, à época, se estendia do hoje estado de Sergipe aos confins do Maranhão.

Relatos sobre Poti podem ser conferidos nos livros 'Tempo dos Flamengos', de José Gonçalves de Mello, e 'Igreja e Estado no Brasil Holandês', de Frans Leonardo Schalkwijk. Quase todos os demais pesquisadores daquele período também tratam do assunto, inclusive Horácio de Almeida, autor do melhor relato sobre as condições em que Poti retornou da Holanda, para onde foi levado com outros potiguaras em 1625 e de onde voltou em 1630.

Diz Horácio na página 170 do seu livro 'História da Paraíba': “Pedro Poti, natural da Baía da Traição, esteve na Holanda, tendo recebido aprimorada educação, tanto no conhecimento da

■ **Função de Pedro Poti era reconhecida pelo governo de Maurício de Nassau que, na época, se estendia de Sergipe ao Maranhão**

língua, que falava e escrevia corretamente, quanto da religião reformada da qual se tornou fervoroso adepto. Retornando ao Brasil, prestou relevantes serviços aos holandeses e foi, mais tarde, no célebre Assembleia de Tapessirica, eleito pregador dos índios (...) A correspondência trocada entre Pedro Poti e Felipe Camarão, escrita em tupi e vertida na época para o holandês, revela excelente nível cultural, compreendendo, inclusive, as ideias de pátria, religião e liberdade”.

Poti foi preso na Segunda Batalha dos Guararapes, em 1649, e, como não aceitava mudar de religião, foi torturado durante três anos e deportado em 1652 para ser julgado em Lisboa, onde não se tem notícia de ter chegado.

Diplomata da PB no além-mar

Oficialmente, o Brasil-holandês só acabou em 1654, mas logo depois da Segunda Batalha dos Guararapes e da prisão de Pedro Poti em 1649, os holandeses começaram a deixar o Norte-Nordeste do país; e os indígenas do Litoral da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco que haviam se tornado calvinistas ficaram “num mato sem cachorro”.

Quem (re)abraçasse a religião do papa era perdoado, mas quem não fazia isso era perseguido. Como é na hora de crise que sempre surgem os grandes líderes, foi aí que surgiu Antônio Paraupaba, outro potiguara que também estava entre os indígenas levados da Baía da Traição para Amsterdã, em 1625.

Para tirá-los do jugo lusitano, Paraupaba levou os índios calvinistas (mais de dois mil) para a Serra de Ibiapaba, no Sertão do Ceará. Os relatos sobre esse episódio estão detalhados nas teses de mestrado e doutorado da professora cearense Francisca Jaqueline de Souza Viração, mas o grande feito desse outro potiguara paraibano não foi político e nem precisamente religioso. Como se vivia um período de saídas de muitas embarcações holandesas do Litoral do Norte-Nordeste, Paraupaba embarcou numa delas, desta vez para exercer um papel de verdadeiro diplomata, isso num período (meados do século XVII) que esse tipo de função ainda demoraria muito a existir formalmente no Brasil. É, porque, além das inúmeras visitas que fez à Companhia das Índias Ocidentais, ele preparou um documento e pelo menos por duas vezes falou no parlamento holandês em defesa dos índios calvinistas que os holandeses haviam abandonado no Brasil. E o seu pedido de ajuda, segundo a professora Jaqueline de Souza, é interessantíssimo, porque ele tenta convencer os Estados Gerais Holandeses de que ajudar os índios era uma obrigação holandesa.

“Como irmãos de fé e membros convertidos da Igreja Reformada Holandesa, os índios são súditos do rei da Holanda e não do rei de Portugal”, afirmava Paraupaba, dando provas de conhecedor do entrelaçamento legal Igreja-Estado que à época predominava na Holanda. E sem esquecer a questão da terra: “Com a restauração, os índios podiam ser acusados de duplamente criminosos, pois já que todas as terras voltavam novamente para o rei de Portugal, juridicamente falando, eles não teriam mais terra nenhuma”, resume Jaqueline de Sousa.

Depois da segunda viagem fazendo essas tentativas, Paraupaba morreu em 1657, na Holanda, e sua esposa, Paulina, recebeu uma pensão vitalícia dos Estados Gerais. O que aconteceu com ela e com seus filhos depois disso não se sabe, mas como os holandeses não voltaram nem atenderam aos apelos dele, os mais de quatro mil indígenas calvinistas refugiados no Sertão do Ceará terminaram se dispersando na chamada Guerra dos Bárbaros, nome que foi dado aos conflitos da interiorização da colonização portuguesa, no final do século XVII.

Discriminação e naturalidade

Como o pai (Joaquim) era cearense, Antônio Paraupaba já chegou a ter sua naturalidade questionada. O fato, no entanto, é que, em 1625, vivia na Baía da Traição quando, ao lado de Pedro Poti e de outros potiguaras, foi levado pelos holandeses para Amsterdã. Como os escribas dos colonizadores e a história davam pouca atenção aos personagens indígenas, suas origens e idades são sempre questionadas.

Outro potiguara que também teve forte presença político-religiosa no início da colonização da Paraíba foi Felipe Camarão, primo de Poti. Como atuava do lado português, se tornou mais conhecido e chegou a ter naturalidade disputada entre Paraíba e Pernambuco. Mas acabou se confirmando ter nascido na Aldeia Velha Igapó, às margens do Rio Potengi, no Rio Grande do Norte. Sem naturalidade disputada, mas de presença política igualmente marcante, foi Piragibe, o chefe tabajara. Estava na Paraíba em 1585, negociou as pazes e aliou seu povo aos portugueses para lutar contra os potiguaras. Os tabajaras não eram da Paraíba, eram meio nômades, e Piragibe nasceu no litoral norte de Pernambuco.

Pereira da Silva

Jornalista foi o primeiro paraibano na Academia Brasileira de Letras



Ilustração: Paulo

Jornalista Antônio Joaquim Pereira da Silva foi crítico literário nos jornais A Cidade do Rio, Gazeta de Notícias, Época e Jornal do Comércio

Lucilene Meireles
lucilene@meirelesjp@gmail.com

Antônio Joaquim Pereira da Silva. Um nome importante da literatura e do jornalismo paraibano, mas pouco conhecido do grande público. Filho de Maria Ercelina Pereira da Silva e de Manoel Joaquim da Silva, carpinteiro e fabricante de violas rústicas, nasceu no município de Araruna, na Paraíba, em 9 de novembro de 1876, e morreu no Rio de Janeiro, aos 68 anos, em 11 de janeiro de 1944. Foi poeta, advogado, jornalista e crítico literário nos jornais A Cidade do Rio, utilizando o pseudônimo J. d'Além; Gazeta de Notícias; Época; e Jornal do Comércio.

Patrono da Cadeira 34 da Academia Paraibana de Letras (APL), que tem como fundador Alcides Carneiro, Pereira da Silva também integrava a Academia Brasileira de Letras (ABL), onde foi eleito em 23 de novembro de 1933, por mérito, como sucessor de Luís Carlos, na Cadeira 18. Foi o primeiro paraibano a fazer parte da ABL e a posse ocorreu em 26 de junho de 1934. "Para entrar, recebeu o fardão, pago por alguém", frisou Humberto FONSECA de Lucena, Cadeira 33 do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), escritor, professor, pesquisador da história da cidade de Araruna e autor da biografia de Pereira da Silva, de quem possui todos os livros.

O poeta Pereira da Silva aprendeu a ler em Araruna, com o tio Synézio Pereira da Cruz. Nessa época, surgiu o interesse por jornal, revistas e livros que conseguia emprestado de intelectuais da cidade, como ele mesmo contou na obra de Francisco Galvão, 'A Academia de Letras na intimidade' (RJ, A noite S/A Editora, 1937. Página 111). "Ao saber ler e escrever era a minha ocupação no casarão velho dos meus avós, órfão de pai, que era eu, ler entre laranjeiras floridas. E o fazia em voz alta, para maior deleite dos meus sentidos.

Tudo o que me vinha às mãos era devorado com sofreguidão. Romances de capa e espada, livros econômicos, jornais velhos, História da Carochinha. A população era reduzida na cidade, mas quem tinha a sua biblioteca tinha que me emprestá-la. Descobri um dia, nem sei como, num baú, um livro de versos. Lá estava o volume das 'Primaveras', de Casemiro, presente de meu pai à minha mãe".

Aos 14 anos, em 1891, se mudou para o Rio de Janeiro. À época, sua mãe estava no segundo casamento. Conforme a publicação de Humberto FONSECA, o pai de Pereira da Silva era carpinteiro e fazia também caixões funerários, mas preferia fabricar violas para vender, como aponta depoimento do próprio Pereira da Silva: "Meu pai era para as suas violas, por todo aquele mundo sertanejo, o que era Stradivarius para os seus violinos. Eu me ficava horas inteiras a olhar e admirar a sua paciência na manufatura daquelas longas e leves caixas que iriam guardar os suspiros e as tristezas de amados poetas do meu sertão! Quando meu pai morreu, recolhi como herança, e conservei por muito tempo, uma cruz de madeira na qual ele trabalhou até as vésperas (profecia talvez do meu destino). Eu deveria chamar-me Pereira da Cruz. Hesitei em assinar-me assim. Mas, por ele mesmo, fiquei Pereira da Silva", diz o trecho retirado da obra 'Discurso de recepção de Pereira da Silva', pronunciado em 26 de junho de 1934, na ABL, de Ademar TAVARES (Empresa Editora ABC Ltda., 1937).

"Ele gostava de ir à missa quando criança, e foi na igreja que surgiu o amor pelas artes. Não pelo catolicismo, mas pela arte", enfatiza Humberto FONSECA. "Ele saiu daqui, ninguém sabe como, e foi para o Rio de Janeiro para não morrer de fome. Lá trabalhava durante o dia e, à noite, ia para a escola pública, o Liceu de Artes e Ofícios. Era um esforço para sus-

tentar a família. Procurou trabalho numa oficina e, depois, num jornal. Ali foi o começo. Ele não escrevia ainda, mas aprendeu muito", conta FONSECA, que também traz relato de Pereira da Silva em sua obra.

"A seca fez que minha família abandonasse a minha terra. Viemos para o Rio. Nem calculará você as apreensões, as decepções anônimas dos transplantados. A ilusão da cidade. A luta por uma adaptação e uma estabilidade é tremenda. A poesia, o romance, o drama, a comédia e a tragédia da aldeia nas ruas. Tinha, então, 14 anos e eles explorados miseravelmente num trabalho mecânico das seis horas da manhã às seis da tarde. Estudava à noite, no Liceu de Artes e Ofícios, onde ia fazendo relações. Consegui depois um modesto emprego numa estação da estrada de ferro. Decorei então a Gramática Portuguesa, o 'Francês sem mestre' e li e trefli Castro Alves, Fagundes Varela, Gonçalves Dias", disse o poeta Pereira da Silva, como transcreve a obra 'A Academia de Letras na intimidade', de Francisco Galvão, página 112.

Poeta nunca mais voltou à terra natal, Araruna

Pereira da Silva se formou em Direito e, àquela altura, já escrevia para o jornal. Passou num concurso público para promotor e foi para uma cidade satélite de Curitiba, no Paraná. Um ano depois, retornou para o Rio de Janeiro em busca de trabalho, mas passou dificuldades. "Nunca voltou a Araruna, cidade onde é conhecido, mas que não fez nada por ele. Na Paraíba, quase não se falava nele. Chegou a procurar José Américo de Almeida para pedir uma passagem para sua cidade porque, naquele tempo, era muito caro, mas foi negado e ele ficou por lá, publicando constantemente no jornal", relata Humberto FONSECA.

Ele afirma que a obra de Pereira da Silva não chegou à Paraíba. Porém era muito lido Brasil afora. "A imprensa do Rio de Janeiro dava um cartaz muito grande a ele e lá tem toda a sua bibliografia", afirma.

Com base na biografia escrita por FONSECA, o primeiro livro do poeta e escritor foi 'Vae Soli'. No Rio de Janeiro, Pereira da Silva teve contato com jovens poetas simbolistas e atuou em veículos jornalísticos. Em 1906, casou com Eulina, cujo verdadeiro nome era Maria Carmelita da Rocha Pombo, filha do historiador e jornalista paranaense Rocha Pombo. "Levou um chifre. Era feio, de cor, pobre e só pensava em escrever, mas o sogro ficou do lado dele". Carmelita, que lhe deu Hélio, o único filho, morreu em 1929, vítima de doença hepática. O segundo casamento do poeta foi com Antônia dos Santos Pereira da Silva.

"Para mim, ele deixou um legado muito grande. Li toda sua obra, consegui cópias de todos os livros. Tomei gosto e fiz um livro sobre ele, sua vida, detalhes e extraí de seus livros alguns pensamentos. Entreguei livros em Campina Grande e aqui também. Tenho certeza de que, por causa do meu trabalho, muitos conheceram sua obra", avalia Humberto.

Esquecido

O magistrado Rogério de Meneses Fialho Moreira, no artigo 'O esquecido poeta Pereira da Silva, primeiro paraibano na ABL e os 100 anos de O pó das sandálias', publicado no Portal Correio, em outubro de 2022, comenta que Antônio Joaquim Pereira da Silva, considerado por ele o mais ilustre dos literatos paraibanos, não tem o reconhecimento merecido nem em seu estado e, muito menos, no Brasil.

Em sua análise, "...O poeta simbolista não tem como ser conhecido justamente porque a sua obra não é acessível, física ou virtualmente, por estudantes, literatos, acadêmicos e muito menos pelo público em geral...". O cronista observa que outra possível razão para o poeta ser tão desconhecido é que suas obras nunca foram reeditadas e, por isso, o público não tem acesso.

Rogério de Meneses Fialho Moreira diz que, por volta de 1911, Pereira da Silva trabalhou na Estrada de Ferro Central do Brasil, atuando ainda como jornalista e crítico literário em diversos jornais e periódicos da capital federal

(na época, o Rio de Janeiro), assinando algumas vezes como J. D'Além. Ajudou a fundar A Noite, vespertino diário criado por Irineu Marinho, em 1911, e berço das futuras Organizações Globo.

Diagnosticado com tuberculose, Pereira da Silva conseguiu outras três obras. Conforme Rogério Moreira, em seu artigo, Peregrino Júnior afirmou, no discurso de posse, quando sucedeu Pereira da Silva na Cadeira 18 da ABL, que existiam dois volumes inéditos, um com dois poemas ('Os homens de Deus' e 'Milagres de Cristo') e o outro com mais dois ('Intranquilidade' e 'Meus irmãos, os poetas'). O filho Hélio morreu sem publicar aquelas obras, que permaneceram inéditas. O corpo de Pereira da Silva foi velado na Academia Brasileira de Letras e o sepultamento ocorreu no Cemitério São João Batista.

Data controversa

Antônio Joaquim Pereira da Silva nasceu na Vila de Araruna, Paraíba, no dia 6 de novembro de 1876, como apontam dados do IHGP. Foi batizado no dia 12 de março de 1877, com quatro meses e seis dias de idade, pelo vigário Francisco Xavier de Rocha, como consta no livro 04, fls. 114 de assentamentos da Paróquia de Araruna.

Porém, há controvérsias quanto à verdadeira data de nascimento do poeta, ponto que o cronista Rogério Moreira destaca em seu artigo. Ele observa que, na posse do poeta na ABL, ele teria declarado que sua data de nascimento era 12 de novembro de 1877. No

entanto, comemorava seu aniversário no dia 9 do mesmo mês, data, inclusive, que consta na certidão do segundo casamento dele.

Porém, as "disparidades" em relação à data não param por aí. Na Biblioteca da Justiça Federal da Paraíba, a plaquete editada por A União em 1964, outra data é apresentada, 12 de novembro de 1876. Conforme traça Rogério de Meneses, há uma quarta data. No site da Academia Brasileira de Letras (ABL), a data de nascimento é 9 de novembro de 1876. Por último, aparece a data 7 de novembro de 1876, citada por três nomes, Mas-saud Moisés, Andrade Muricy e Hildeberto Barbosa Filho.

"Penso, no entanto, que deva prevalecer a data que foi indicada por João Lyra Filho no discurso que proferiu por ocasião da sua posse, sucedendo Alcides Carneiro na Cadeira 34 da APL. A partir do 'batistério' extraído do livro de assentamentos da Paróquia de Araruna, documento oficial à época, pois o Registro Civil no país, apesar de formalmente criado em 1874, ainda não estava efetivamente implantado, concluiu que a data de nascimento de Pereira da Silva somente poderia ser 6 de novembro de 1876", diz o magistrado no texto.

O livro de Humberto FONSECA apresenta farta documentação a respeito do poeta Pereira da Silva, com dados da vida e obra, além de uma seleção de poemas e pensamentos, recortes de jornais sobre a eleição e posse do poeta ararunense na ABL e uma iconografia ilustrativa.

Angélica Lúcio

O que mudou na sua vida nos últimos 20 anos?

Onde você estava em 2003? Você já parou para pensar como sua vida, a comunicação e o mundo mudaram muito ao longo dessas duas décadas? Refleti sobre isso esses dias ao ler uma matéria no portal UOL sobre a história de uma mulher que sofreu um AVC, em 2017, e se lembrava apenas do que havia acontecido na sua vida até 2003. Perdeu 14 anos de memória e nem sequer se lembrava que era casada ou que era possível se comunicar por imagem usando um telefone celular. Em sua mente, ela se recordava que costumava usar um celular Nokia azul, no qual se divertia com o jogo da cobrinha.

Há 20 anos, eu já era casada, mas não tinha filho, que só nasceria em 2004. Nas redações, os computadores já faziam parte do cenário, mas nenhum jornalista usava o celular para fazer fotos. Para gravar entrevistas, eu utilizava um pequeno gravador com fita cassete. Quando me esquecia de virar o lado da fita, acabava perdendo a gravação anterior. Sim, isso ocorreu mais de uma vez e o que me salvou foi o costume de fazer anotações, em um bloquinho de papel, dos principais pontos que o entrevistado dizia.

Em todo o Brasil, vários jornais impres-



Imagem: Victoria Borodina

sos faziam parte da nossa vida, e os sites e portais de notícias ainda eram poucos, considerados ao volume que temos hoje. Existia fake news, claro, mas a gen-

te chamava de boato, e a velocidade de ir de uma boca a outra, de um ouvido a outro, não se compara ao poder de disseminação dos aplicativos de mensagens, como WhatsApp e Telegram. Aliás, o WhatsApp foi lançado em 2009 e o Telegram, em 2013. Três anos antes, em outubro de 2010, o mundo conhecia o Instagram, a rede social criada para compartilhamento de fotos e vídeos.

Foi também em 2010 que o Jornal do Brasil deixou de ser impresso. Fundado em 1891, o JB teve um importante papel na história da nossa imprensa. O fechamento de jornais de papel, aliás, foi um dos grandes acontecimentos na área de comunicação nessas duas décadas. Além de deixar milhares de profissionais desempregados (de jornalistas a operadores de máquinas nos parques gráficos), tal fenômeno também rendeu inúmeros trabalhos na academia.

Em 2003 (ano em que o Skype foi criado), imaginávamos que, talvez, muitos aparelhos ficassem para trás. Na minha mente, o rádio era um deles, mas foi um dos veículos que mais se reinventaram com a chegada da internet. Também não pensávamos em tevê ao vivo na web, em lives por meio de redes sociais, em dan-

cinhas de TikTok, em compartilhamento de arquivos nas nuvens, em redação integrada com jornalistas polivalentes, em celulares que custam o preço de um carro! Há 20 anos, ainda pagamos muito, muito caro para usar a internet, que era discada, precisava de linha telefônica e cada minuto de uso levava muitas moedinhas do nosso bolso.

Nessas duas décadas, a produção e veiculação de vídeos dominou nosso cotidiano. Por falar nisso, o YouTube só foi criado em 2005, por três ex-funcionários do PayPal, e foi vendido para a Google em 2006. Ainda hoje, é a principal plataforma de compartilhamentos de vídeos do mundo. De 2003 para cá, conhecemos tablets, carros elétricos, veículos autônomos, livros eletrônicos, impressoras em 3D, assistentes virtuais. Realidade virtual aumentada e Inteligência Artificial também passaram a fazer parte do nosso dia a dia e de nossas conversas. A gente mal pisca o olho e há todo um universo de inovações sendo desenvolvido e lançado. Tudo muda a todo instante ao nosso redor. Mas eu continuo usando meu bloquinho de papel para fazer registros, inclusive, foi nele que anotei a ideia de pauta para esta coluna...

Tocando em Frente



Roberto Carlos – temas musicais – a religiosidade – Parte I

Intensa prática de religiosidade, sobretudo por parte da mãe, certamente forjou o caráter do menino Zunga que, desde a primeira infância, como o próprio Roberto Carlos admitiria posteriormente: "Lembro-me de minha mãe caminhando para a missa do domingo nas manhãs frias de Cachoeiro".

Por outro lado, o pai, adepto do Espiritismo, costumava lhe falar dos fenômenos formulados pelas ideias do professor/doutrinador francês Allan Kardec.

Roberto Carlos, em casa – pode-se afirmar então –, foi criado meio que submisso ideologicamente dentro de um sincretismo religioso que, de resto, não é tão raro entre as famílias brasileiras: catolicismo versus espiritismo. É bem possível que, em decorrência dessa particularidade, o garoto não foi batizado logo cedo, como costumava acontecer, sobretudo há algumas décadas. Assim, por inspiração da própria mãe, este evento religioso somente aconteceu quando ele já não era tão criança. (A título de curiosidade, sabe-se que o próprio garoto é que escolheu o seu padrinho: o bancário que o havia socorrido quando do malfadado desastre ferroviário. Ora! Como este havia sido transferido para São Paulo, isto também pode ter sido um fator a retardar o ato religioso).

A inspiração/motivação para a ideia temática da música "Quero que vá tudo pro inferno", Roberto começou a desenvolvê-la no início do ano de 1965, época em que a efervescência do rock tomava corpo pelo mundo. Era a época do lançamento do megassucesso dos Rolling Stones ('I Can't Get No')



Foto: Reprodução

O polêmico álbum de 1965

'Satisfaction' e do filme 'Help', dos Beatles. Os ideais de rebeldia também tomavam corpo entre nós. Mesmo timidamente, a nossa juventude começava a incorporar, no seu dia a dia comportamental, padrões de certa forma agressivos, que se manifestavam em suas atitudes. Óbvio que a expressão "...vá tudo pro inferno" veio ao encontro desses aparentes desejos de rebeldia. Com certeza, no entanto, não era propósito qualquer rompimento com os hábitos e atitudes com relação à crença religiosa. Seria uma espécie de grito de liberdade diante de movimentos artísticos que tomavam conta da juventude, mormente quando a situação política do Brasil era contestada em alto e bom som... Pode-se afirmar que a inspiração do(s) autor(es) do grande hit tinha mais a ver com aquele momento de rebeldia do que com aspectos de natureza religiosa.

O fato é que a música tomou conta da mi-

dia e alavancou ainda mais o início da carreira de Roberto Carlos e, evidentemente, o sucesso do programa televisivo que engatinhava na TV Record-São Paulo: a 'Jovem Guarda'.

Mas, voltando à composição musical propriamente dita, a inspiração primeira veio da ausência que o autor sentia de uma de suas primeiras namoradas que, estudando em Nova Iorque, causava-lhe o sentimento de ausência. O fato é que esse estado d'alma aflorou. Segundo o próprio Roberto reportou tempos depois, a ideia da música surgiu numa noite fria paulistana quando, nos bastidores do Cine Glamour, em Osasco, aguardava a hora de se apresentar em um show. Emergiu então, naqueles momentos, a frase/refrão: "Quero que você me aqueça nesse inverno/ e que tudo mais vá pro inferno". Um encontro com o amigo Erasmo é que deu forma definitiva ao sucesso (música e letra), quando este, entusiasmado com o refrão colaborou com a estruturação das demais estrofes. Teme-se que levar em consideração o entusiasmo advindo dos que lhes eram mais próximos, quando ouviram os primeiros tapes da criação musical, com o acompanhamento dos Youngsters e a adequação perfeita daquele que viria a se tornar outro ídolo da Jovem Guarda: o tecladista Lafayette, que introduziu a novidade daquele momento – seu órgão Hammond B-3 – com que veio a dominar os ambientes de gravação dos astros e estrelas da jovem guarda. A palavra final e definitiva sobre a gravação viria dos que, musicalmente, circundavam o incipiente "rei da juventude": Edy Silva, sua assistente/divulgadora; o baixista Nenê, dos Beatniks que o acompa-

nha desde os passos iniciais; Othon Russo, relações públicas da gravadora CBS; e do produtor, o todo poderoso Evandro Ribeiro.

Já se disse, anteriormente, que o momento histórico-musical estava severamente influenciado pelos anseios de liberdade de que estava possuída a juventude da época que desejava romper com hábitos sociais, morais e políticos dominantes: repressão familiar, limitações dos contatos amorosos, questionamentos e repressão política... Mas o próprio autor sempre descartou conduzir a bandeira desses ideais, quando afirmou tachatativamente que o que queria mesmo era apenas falar da ausência da namorada de então.

Então, pode-se seguramente afirmar que um propalado questionamento, por parte da comunidade religiosa, havido com relação à letra da música "Quero que vá tudo pro inferno" foi fruto momentâneo de uma certa intolerância por parte de alguns dos seus membros mais radicais. O fato é que se, de um lado, havia a popularização da música, por outro, aconteciam fatos isolados de reprimenda e condenação dela, o que ocorria desde o "sul maravilha" até os confins do Sertão da Paraíba, onde, como já repeti em coluna anterior, até o bispo de Cajazeiras, Dom Zacarias, diretor-presidente da Rádio Alto Piranhas, determinou a inutilização da primeira faixa do LP Jovem Guarda, ele próprio chegando a "riscar" a referida faixa com um prego. Imagine-se como teriam reagido os que faziam parte da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade – a TFP –, criada, no início dos anos de 1960, pelo deputado paulista Plínio Salgado!...

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

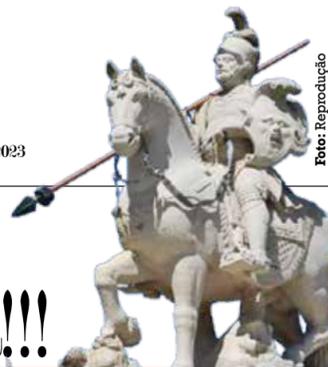


Foto: Reprodução

DOMINAÇÃO E DESUMANIZAÇÃO

Extinção dos Neandertais pode ter sido “genocídio”

Natureza genocida do ser humano tornou isso inevitável, diz pesquisador em novo livro

Da Redação

Num novo livro, o especialista em criminologia Yarin Eski, da Vrije Universiteit Amsterdam, defende que a extinção dos Neandertais pode ser considerada um “genocídio” cometido pelos humanos modernos. De acordo com Eski, a natureza genocida única do ser humano enquanto espécie tornou isso inevitável. Eski sugere vários mecanismos através dos quais os humanos modernos podem ter contribuído para o desaparecimento dos Neandertais.

Uma hipótese é que, quando os humanos modernos migraram da África para a Eurásia, trouxeram com eles doenças às quais as populações homínidas locais não tinham imunidade. Outra teoria propõe que as armas e estratégias de caça superiores permitiram ao Homo Sapiens monopolizar as fontes de alimento, levando à fome dos seus parentes menos capazes. Mais recentemente, ganhou força a ideia de que os Neandertais foram eliminados da existência ao cruzarem-se com os humanos modernos.

No entanto, de acordo com a IFLScience, segundo registra o Portal Zap, Eski argumenta que os Neandertais provavelmente não tiveram um destino tão afortunado. Baseando-se na capacidade humana para a violência e no seu papel ao longo da história, sugere que as capacidades cognitivas avançadas do homem moderno, em particular a sua capacidade de “desumanizar” os outros através da imaginação, fizeram do Homo Sapiens a espécie dominante na Terra.



Imagem: Tom Bjorklund

A ideia é de que o patrimônio humano foi moldado por atos de violência e genocídio ao longo da história

Para cometer genocídio, Eski afirma que os seres humanos precisam frequentemente de desumanizar o grupo visado, vendo-o como não-humano, permitindo assim uma distância emocional e psicológica. “Para alcançar a aniquilação total e cometer genocídio, muitas vezes é preciso desumanizar o outro ser humano, imaginando-o como não-humano, o que permite se distanciar da sua semelhança”, diz Eski.

Examinando exemplos de civilizações antigas, como o Antigo

Egito e o Império Romano, bem como acontecimentos mais recentes, como a colonização europeia e a Alemanha nazista, Eski defende que “a aniquilação total e a exploração através do genocídio e da colonização são características específicas da espécie humana”.

Com base na história

de violência e destruição do ser humano, Eski conclui que a extinção do Neandertal deve ser reconhecida como um genocídio. Essa perspectiva reforça a ideia de que o patrimônio humano foi moldado por atos de violência e genocídio ao longo da história.



Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares:

francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Metal nobre (2) = aço + ofertado (2) = dado – Solução: esper-to (4) = açodado. **Charada de hoje:** A garrafa de aguardente (2) boiava na corrente fluvial (2), ao soar do canto sonoro do pássaro (4).

Eita!!!

Padroeiro das coisas perdidas

No dia 15 de março é celebrado o Dia de São Longuinho. Conhecido por ser um homem que viveu durante o século I e que estava presente na crucificação de Cristo, é bastante aclamado pelos fiéis que perdem objetos e precisam recuperá-los. “São Longuinho, São Longuinho, se me ajudar a achar (nome do item perdido) eu te dou três pulinhos”. Ele é um dos santos mais populares em muitos países do Oriente e do Ocidente e estaria presente em diversas passagens bíblicas relacionadas à Paixão de Cristo.

Origem do nome São Longuinho

Apesar de não haver registros bíblicos do nome de Longuinho, diversas crenças populares dizem que ele se chamava Cássio e que Longinus era o nome do cargo que ele ocupava, segurando as lanças durante os martírios. Ou seja, ele teria trabalhado como soldado centurião e seria um dos responsáveis por perfurar o corpo de Jesus com uma lança.

Primeiro a reconhecer o filho de Deus

Ainda que não exista comprovação histórica da associação de São Longuinho ao soldado romano, a crença ao santo diz que, após perfurar Jesus com uma lança, Longuinho recebeu um jato de sangue em seus olhos e, no momento, o seu problema de visão foi resolvido. Foi então que ele percebeu que o crucificado era o filho de Deus.

Ligação com os objetos perdidos

Conhecido por ser o santo dos esquecidos, mas a crença sobre os três pulinhos também não é comprovada. No entanto, existem duas versões populares sobre a origem do fato. A primeira diz que, enquanto estava no exército romano, Longuinho vivia em festas e, por ser baixinho, sempre encontrava objetos perdidos e devolvia aos donos. Já a segunda explica que São Longuinho tinha um problema na perna e, por conta disso, as pessoas realizam homenagens a ele pulando com uma perna só.

Devoção popular no Brasil

São Longuinho é um dos santos mais populares no Brasil. Devido a isso, muitas pessoas são devotas a ele e guardam, em casa ou nos carros, sua imagem, crendo que o santo possa ajudá-las a encontrar objetos perdidos em momentos de aflição.

Festa do santo no interior

No município de Guararema, no interior de São Paulo, é comum que seja realizada uma festa em homenagem ao santo. A comemoração este ano chegou à sua vigésima primeira edição e contou com procissões, missas e diversos atrativos gastronômicos.

9ertos

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 - bico do pelicano; 2 - olho; 3 - linha da vara; 4 - nuvem; 5 - pássaro; 6 - galinha; 7 - lado do pássaro; 8 - pena do bico; 9 - pé.

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota

